



O que a Bíblia ensina sobre a **Graça?**

O que a Bíblia ensina sobre a Graça?

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2020 *Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional*

Todos os direitos reservados. Impresso nos E. U. A.

As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário, são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

3 Introdução

5 A Graça do Ponto de Vista da Bíblia

15 A Graça de Deus na Obra

16 A Queda e a Restauração de um Rei: Uma história da Graça de Deus

19 Como a Graça nos Reconcilia com Deus

28 A Fé Viva e a Graça de Deus

30 Aqueles Que Deus Perdoou Podem Rejeitar Sua Graça?

32 Avançando Pela Graça de Deus

34 Deus Estabelece Certas Condições para recebermos Seu Dom de Salvação?

37 A Graça em Ação: O Exemplo de Jesus Cristo

49 “Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”

50 Resgatados pela graça de Deus: A história de Maria

53 Uma Parábola Que Demonstra a Magnitude da Graça de Deus

56 A Graça e a Lei: O Que Diz a Bíblia?

63 A Lei de Deus Reflete Sua Mente e Caráter

64 “Não Estais Debaixo da Lei, Mas Debaixo da Graça”

67 A Fé Atribui “Ainda Mais Valor” à Lei

68 O Apóstolo Paulo: Um Exemplo da Graça de Deus em Ação

71 Por Que a Graça e a Lei São Inseparáveis?

72 A Graça, a Fé e a Lei

74 Por Meio da Graça Vem o Arrependimento, o Perdão, o Poder e o Entendimento

77 A Identidade de Jesus: Quem Entregou a Lei?

80 Qual Era o Significado da “Graça” no Mundo do Primeiro Século?

86 Como a Graça Era Entendida no Tempo e na Cultura dos Apóstolos

89 As Três Graças: Uma Perspectiva do Primeiro Século Sobre a Ação da Graça

91 “Graça e Paz”: A Saudação de Paulo

94 Como Podemos Crescer na Graça?

104 Você é amigo de Deus?

105 A ideia da “Graça Livre” é Bíblica?

108 O Apóstolo Paulo Lutava Contra o Pecado, Mesmo Debaixo da Graça

110 Perdoar Assim Como Se É Perdoado

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referida com as seguintes abreviações:

ARA — Almeida Revista e Atualizada

NVI — Nova Versão Internacional

ACF — Almeida Corrigida Fiel

NTLH — Nova Tradução na Linguagem de Hoje

BLH — Bíblia na Linguagem de Hoje

Introdução

“O SENHOR dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na retidão” (Salmo 84:11).

Graça. É uma palavra que aparece mais de 150 vezes na Bíblia, começando em Gênesis quando “Noé, porém, achou graça aos olhos do SENHOR” (Gênesis 6:8) e no último versículo da Bíblia: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!” (Apocalipse 22:21).

Mas o que significa *graça*? Hoje, a palavra raramente é usada nas conversas cotidianas. Ela é frequentemente associada a crenças ou atos religiosos. As pessoas falam em “dar graça” antes das refeições. Elas falam de serem “salvos pela graça”. Elas falam que Deus é “cheio de graça”, significando que Ele é bondoso e misericordioso.

Ao longo dos séculos, essa palavra migrou para um uso secular. Ocasionalmente, ouvimos falar de alguém que “caiu da graça” como resultado de suas ações. Talvez conheçamos pessoas que são uma *desgraça* porque seus atos as desonraram por serem vergonhosos. Podemos até dizer que essas pessoas não têm a “graça salvadora” a seu favor.



Qual é a sua compreensão sobre a graça? Essa compreensão está fundamentada nas verdades bíblicas ou baseada nas ideias e tradições dos homens?

Às vezes, os compositores de músicas adicionam *notas de graça* a uma partitura musical—de forma secundária, mas contribuindo para o prazer dos ouvintes. No campo editorial, os assinantes de revistas e jornais podem receber vários “exemplares de graça” após o fim da assinatura—um processo chamado de “*gratificação*” no setor.

Agências de aluguel de carros, empresas de cartões de crédito e credores hipotecários às vezes podem dar aos clientes um “período de graça” antes que as taxas adicionais sejam cobradas. Às vezes, as pessoas se referem à realeza como “*sua graça*” como um sinal de respeito pela posição em que se encontram.

Variações da palavra *graça* são comuns no idioma português. Podemos nos referir a uma dançarina ou a uma criatura ágil sendo *graciosa*—

elegante ou bonita em porte e movimento. É um grande elogio observar que uma pessoa é *graciosa*, ou seja, gentil, cortês e compassiva. Por outro lado, chamar alguém de *ingrato* é um grave insulto. Somos *gratos* quando coisas boas acontecem. Quando recebemos um bom serviço, expressamos esse *agradecimento* com uma *gratificação*, mais conhecida como gorjeta. *Congratulamos* as pessoas por um trabalho bem feito. E dizer que algo é *de graça* significa que é *gratuito*.

Às vezes, as pessoas tentam *agradar* os outros algumas vezes com palavras e ações de *agradecimento*. E se uma pessoa exceder em suas ações, ela pode se tornar, pegando emprestada uma frase do latim, *persona non grata*—literalmente “uma pessoa sem graça”.

Com tantos usos e tantas nuances de significados, não admira que a *graça* seja um conceito que alguns acham difícil de definir.

Isso causou muitos mal-entendidos—alguns com consequências extremamente graves. Ao falhar em entender a graça, como revelada na Bíblia, alguns aceitaram visões distorcidas de Deus e de Seu plano e propósito. E isso até levou alguns a negar “o único Soberano e Senhor, Jesus Cristo” (Judas 4, ARA)—então, as consequências realmente são graves!

E quanto a você? Qual é a sua compreensão da graça? Essa compreensão está fundamentada nas verdades bíblicas ou baseada nas ideias e tradições dos homens?

Um entendimento acertado da graça mudará para sempre a maneira como você enxerga Deus. Também mudará o modo como você vê a si mesmo e aos outros. Pela graça de Deus nos relacionamos bem com Ele e com os outros. A graça representa uma qualidade espiritual que você precisa ter e Deus deseja dá-la em abundância a você. Quando a Bíblia proclama que “pela graça sois salvos” (Efésios 2:8), devemos entender que a palavra *graça* é absolutamente digna de entendimento!

A graça de Deus pode motivá-lo e encorajá-lo em tempos de provação. A graça é parte essencial do que o caráter de Deus é, e demonstra como Ele trabalha conosco. Embora ela inclua extensivamente o perdão imerecido e o favor à humanidade, há muito mais coisas nela—muito mais mesmo!

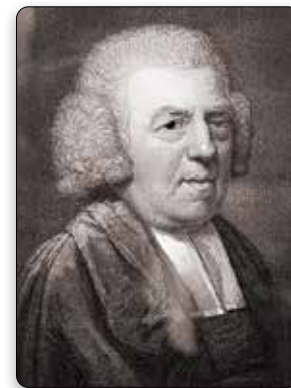
Queremos que você entenda a verdadeira visão bíblica da graça—o que o apóstolo Pedro chamou de “a verdadeira graça de Deus” (1 Pedro 5:12). E é vital para o seu futuro—e para a sua salvação—que você entenda o que a Bíblia revela sobre a graça. Então, nos acompanhe agora nessa busca da resposta à pergunta: *O que a Bíblia ensina sobre a graça?*

A Graça do Ponto de Vista da Bíblia

“Graça e paz, da parte de Deus, Nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 1:3).

Muitas pessoas estão familiarizadas com o famoso hino “*Graça Maravilhosa*”. Embora suas palavras sejam conhecidas por muitos, pouquíssimos sabem alguma coisa sobre o homem que as escreveu e como elas foram escritas. John Newton foi capitão de navios negreiros e transportava cargas de escravos da África para as Américas. Em 1748, seu navio foi pego em uma tempestade violenta e começou a afundar. Quando parecia que afundaria junto com o navio, ele clamou a Deus por livramento. Então, parou de entrar água no navio e ele seguiu viagem em segurança.

Newton entregou sua vida a Deus e começou a estudar seriamente a Bíblia. Com o



Mais tarde, John Newton escreveu o hino “Graça Maravilhosa” como uma reflexão sobre sua antiga vida e como Deus, em Sua graça e misericórdia, o havia livrado de uma vida de maldade para algo muito melhor.

tempo, ele se tornou ministro e dedicou sua vida à abolição do tráfico de escravos. Mais tarde, ele escreveu o hino “*Graça Maravilhosa*” como uma reflexão sobre sua antiga vida e como Deus, em Sua graça e misericórdia, o havia livrado de uma vida de maldade para algo muito melhor. Seu famoso refrão diz:

*Graça maravilhosa, quão doce canção
Que me diz vem descansar em meu Deus
Mui perdido andava, mas eu me encontrei
Era cego até que Jesus enxerguei.*

Newton viveu o suficiente para ver a Grã-Bretanha abolir a escravidão pouco antes de sua morte em 1807.

O que significa graça?

A história de John Newton pode se aplicar a muitos de nós. O assunto

da graça é vital para o nosso bem-estar espiritual. No entanto, ela é muitas vezes incompreendida e, às vezes, até controversa por causa do uso abusivo da graça, causando permissividade e ilicitude.

Como *você* definiria a graça? Se perguntássemos isso a diferentes pessoas, escutaríamos distintos enfoques do assunto e nuances diferentes de uma pessoa para outra.

Para alguns, sua definição pode ser a bondade de Deus para uma pessoa que não merece. Outros podem vê-la como o perdão imerecido de Deus, ou seja, o perdão dos pecados. Essas definições estão corretas? Absolutamente! Mas isso é tudo o que podemos definir da graça? Na verdade, essas são apenas pequenas partes de toda a natureza da graça.

O estudo bíblico acerca da graça não é muito difícil de entender. Ele envolve a análise das definições das palavras hebraicas e gregas traduzidas para o português como “graça” e vários termos relacionados na Bíblia. Mas isso não é uma “ciência complexa” de teologia. Ela *pode ser* plenamente compreendida.

A Bíblia foi escrita e compilada por um período de cerca de 1.500 anos. Assim, quando a palavra *graça* surge no texto, aparece já nos primeiros capítulos da Bíblia, vemos diferentes ênfases na maneira como ela se manifesta e significa.

A primeira vez que a palavra *graça* aparece na Bíblia

A graça aparece no início da Bíblia, onde vemos que Noé estava debaixo ou dentro da graça de Deus. “Noé, porém, *achou graça* aos olhos do SENHOR” (Gênesis 6:8, grifo nosso).

Portanto, graça não é um conceito que aparece apenas no Novo Testamento. Não é algo que Jesus Cristo trouxe e que era desconhecido antes disso. Na verdade, o Antigo Testamento contém *muitas* menções à graça, como Noé achando graça aos olhos de Deus. O que isto significa?

Aqui a palavra hebraica traduzida por “graça” é *hen* ou *chen* (pronuncia-se *khane*), que tem sido definida como “favor, graça, aceitação...favor imerecido ou consideração aos olhos de Deus... A palavra transmite um senso de aceitação ou predileção...e alguma posição ou privilégio especial com Deus ou com as pessoas” (*The Complete Word Study Dictionary: Old Testament* [Dicionário Completo de Estudo de Palavras do Antigo Testamento], Warren Baker e Eugene Carpenter, 2003, p. 354). Frequentemente, ela é traduzida como “favor” em várias traduções da Bíblia.

Aprofundando um pouco mais, o termo *chen* vem do verbo hebraico *chanan*. A raiz dessa palavra adiciona uma camada mais panorâmica e humanamente compreensível ao significado da graça. O primeiro significado dessa palavra na *Concordância Bíblica Completa de Strong* é “curvar-se ou inclinar-se em sinal de bondade para com alguém inferior...”.

Que definição! A graça é Deus *curvando-se—inclinando-se—em bondade* para conosco, que somos *muito inferiores*. Que belo quadro é a definição da graça!

Provavelmente, todos nós já ajudamos alguém que tenha caído, seja uma criança, uma pessoa idosa ou alguém que simplesmente caiu. E, possivelmente, todos já fomos ajudados antes. Pense em como você se sentiu quando alguém lhe estendeu a mão depois que você tropeçou e caiu. É embaraçoso cair, mas a mão de outra pessoa, estendendo a bondade, melhora a situação. E quando você segura essa mão, põe-se em pé novamente e continua o seu dia.

O *Expository Dictionary of Bible Words* (Dicionário Expositivo de Palavras Bíblicas) contribui para o nosso entendimento do termo *chanan*, explicando-o como “a resposta de uma pessoa capaz de ajudar a outra que precisa de ajuda...Existe um pressuposto implícito de que a pessoa que ajuda é movida por seus sentimentos e que quem é ajudado não tem o direito de esperar essa ajuda” (Lawrence Richards, 1985, p. 439).

Isso também ajuda muito a nossa análise do significado da graça. Embora não tenhamos o direito de esperar ajuda, mesmo estando precisando muito, Deus conhece nossas necessidades e responde com Sua ajuda.

Estar nas “boas graças”

Voltando agora a Noé, nesse caso em particular, como podemos tornar relevante o significado da graça para nós? E o que significa Noé ter achado graça aos olhos de Deus?

Para colocar em termos mais modernos, podemos dizer que Noé *estava ao lado do bem com Deus*. Há muitas pessoas com quem gostaríamos de cair nas graças delas—*estar ao lado do bem com elas*. Quem é casado quer cair nas graças do marido ou da mulher. Sabemos que, se encontrarmos favor aos olhos de nosso marido ou esposa, as coisas vão estar bem. As pequenas coisas são ignoradas. E mesmo que haja problemas, eles são resolvidos. Podemos trazer ideias à tona, discuti-las com entusiasmo e chegar a um acordo. Tudo funciona melhor!

Por outro lado, também não queremos estar em uma posição em que *não* sejamos a favor. Porque isso nada dá certo. Pequenos incômodos podem se tornar um grande problema. Queremos estar nas boas graças de nosso cônjuge!

Também queremos estar em boas graças de nosso empregador. Assim é quando no trabalho seu chefe gosta de você. Você está nas boas graças dele—favorecido. E tudo dá certo. As pequenas coisas são esquecidas. Se você chegar alguns minutos atrasado para o trabalho, seu chefe poderá simplesmente dizer-lhe: “Não tem problema, você é um bom funcionário, e pode compensar outra hora.”

Mas se você *não está* nas graças dele e chegar cinco minutos atrasado, a história pode ser diferente. Seu chefe pode ficar irritado. As coisas podem não vão ficar bem. Esse pequeno erro pode ser aumentado desproporcionalmente. E, muitas vezes, a situação pode ficar complicada!

Uma amizade é baseada em estar nas boas graças de alguém. A razão pela qual você atrai certas pessoas é porque você caiu nas graças delas e vice-versa. Você se dá bem com elas. Os pequenos problemas ou as diferenças são esquecidos. Mas se você não estiver nas graças de alguém, as mínimas coisas podem se tornar irritantes e perturbadoras.



A graça de Deus para conosco opera de maneira semelhante. Jesus nos chama de amigos (João 15:15) e nós devemos nos esforçar para permanecer nas graças dEle. Estamos em um relacionamento que ignora pequenas coisas. Você pode dizer que estar sob a graça ou estar nas boas graças é estar do lado de bem de alguém, e *queremos estar do lado do bem com Deus*.

A graça aparece no início da Bíblia, onde vemos que Noé estava debaixo ou dentro da graça de Deus. O que isto significa?

Quando oramos e conversamos com Deus, deixamos que ele saiba: “*Quero estar do seu lado do bem!*” Deus quer ter um relacionamento conosco. E se escolhermos fazer isso, e se nosso relacionamento estiver sendo correto com Ele, então saberemos que estamos ao lado do bem com Ele!

Noé estava do lado do bem com Deus. Apesar de suas fragilidades humanas, ele ainda era *favorecido* por Deus. Ele estava do lado do bem com Deus—onde, novamente, deveríamos querer estar! No caso de Noé, a graça de Deus *salvou, literalmente, sua vida* e a vida dos membros de sua família quando o mundo se tornou irremediavelmente corrupto, violento, perverso e irreparável a ponto de Deus ter praticamente que recomeçá-lo (Gênesis 6:11-13).

A salvação que Noé recebeu pela graça de Deus tem lições importantes sobre a maneira como somos salvos pela graça de Deus, o que discutiremos mais profundamente adiante.

Compreensão da graça segundo o uso da palavra em hebraico

O problema com algumas definições da graça é que elas se tornam muito restritivas e bitoladas, pondo certos conceitos uns contra os outros.

Isso leva as pessoas a debater o significado das palavras.

Ao estudar a Bíblia, um princípio importante a ser lembrado é que quando são possíveis várias definições, isso não significa que elas sejam contraditórias. Muitas vezes, isso significa que são complementares, ou seja, que *ambas são verdadeiras*. Quando as definições são biblicamente válidas, essas definições e maneiras diferentes de definir a graça apenas *aumentam* a plenitude do significado.

Por exemplo, Deus liberalmente usa bastante a palavra traduzida como “graça” nas Escrituras do Antigo Testamento. Observando como a palavra é usada, podemos entender melhor seu significado. Vamos observar algumas passagens:

“Porque o SENHOR Deus é um sol e escudo; o SENHOR dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na retidão” (Salmos 84:11).

Aqui vemos que é Deus quem *quer* fazer esse favor. Ele *quer* dar dons. Ele quer ajudar a vida das pessoas. E para quem está disposto a andar de pé, Ele quer tomar ainda mais banho com eles. Foi isso que Davi foi inspirado a escrever sobre Deus!

Em Provérbios 3:34, Salomão compartilhou seu entendimento sobre Deus, dizendo: “Certamente ele escarnecerá dos escarnecedores, mas dará graça aos mansos”. E isso é citado em Tiago 4:6 e 1 Pedro 5:5, mas aparece primeiro em Provérbios. Isso nos garante que Deus dá Seu favor, Sua bondade e Seus dons àqueles que são humildes.

Provérbios 4:9, falando da sabedoria personificada como mulher, diz: “Dará à tua cabeça um diadema de graça e uma coroa de glória te entregará”.

A graça é uma das coisas mais magníficas que Deus deseja nos dar. Ela está muito além do perdão dos pecados, que é extremamente importante e também é um presente de Deus. O perdão não é algo que possamos ganhar, comprar ou pagar de alguma forma. Isso é um presente totalmente gratuito de Deus.

Mas a graça é *muito mais* do que o perdão dos pecados. A graça é muito mais do que o perdão imerecido ou imérito. A graça é o derramamento contínuo do divino conhecimento, da glória, da sabedoria e de qualquer coisa boa que você possa imaginar que seja de Deus. Tudo isso faz parte da graça de Deus.

A graça abundante

Deus estendeu a graça a todos em Israel quando essa nação deixou o Egito. Observe Jeremias 31:2: “Assim diz o SENHOR: O povo que escapou da espada encontrou graça no deserto; é Israel mesmo, quando Eu o fizer descansar”.

Então, o fato de Deus libertar Israel de gerações de escravidão no Egito e levando-os à Terra Prometida foi um grande ato de graça—Deus os favoreceu, os libertou, cuidou e os abençoou amorosamente.

Isso estava exatamente de acordo com a natureza e o caráter de Deus quando Ele se descreveu a Moisés na ocasião em que lhe apareceu na sarça ardente: “SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado...” (Êxodo 34:6-7, ARA). Aqui vemos o “Deus do Antigo Testamento” se revelando como sendo cheio de misericórdia e de graça!

E dessa maneira, Deus estendeu Sua graça em larga escala no passado. E Ele diz que estenderá a graça para muito mais pessoas no futuro. Observe esta profecia do que Ele planeja fazer: “E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o *Espírito de graça* e de súplicas; e olharão para Mim, a quem traspassaram [uma profecia específica sobre Jesus Cristo]; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por Ele, como se chora amargamente pelo primogênito” (Zacarias 12:10).

Embora pareça que parte dessa profecia teve um pequeno grau de cumprimento no primeiro século, quando Deus iniciou Sua Igreja, conforme registrado em Atos 2, o contexto completo de Zacarias 12 mostra que ela será cumprida em uma escala muito maior quando Jesus Cristo voltar a Terra como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Naquele tempo, Deus demonstrará *imensa graça* para muitos, e, como resultado dessa graça, as pessoas reconhecerão que seus pecados são responsáveis pela morte do Salvador da humanidade, Jesus Cristo—e isso levará muitos ao sincero arrependimento de seus pecados.

Portanto, vemos que esses são apenas alguns dos exemplos e usos da palavra *chen*, a palavra hebraica traduzida como “graça” no Antigo Testamento. Vemos o favor e a dádiva de Deus, e Sua especial atenção àqueles a quem Ele decide oferecê-la. Outras duas palavras hebraicas que se encaixam no significado geral da graça são *ratson*, no sentido de aceitação, e *hesed* (ou *chesed*), que significa bondade, misericórdia e devoção.

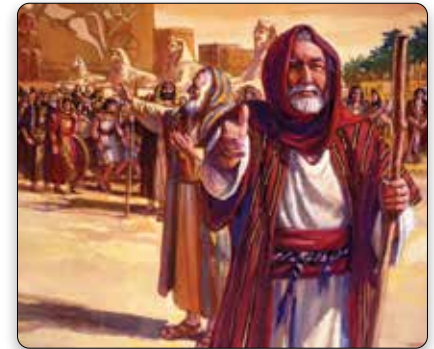
A palavra do Novo Testamento traduzida como “graça”: *Charis*

No Novo Testamento, a palavra grega geralmente traduzida como “graça” é *charis* (pronuncia-se *karis*). Ela é definida como “graça, aquilo que particularmente causa alegria, prazer, gratificação, favor, aceitação, por uma bondade concedida ou desejada, um benefício, agradecimento, gratidão. Um favor prestado sem expectativa de retorno, uma expressão absolutamente livre da bondade de Deus para com os homens, que encontram seu único motivo na generosidade e benevolência do Doador; favor que não foi ganho e imerecido” (*The Complete Word Study Dictionary: New Testament* [Dicionário Completo de Estudo de Palavras do Novo Testamento], Spiros Zodhiates, 1992, p. 1469).

O termo *charis* é a raiz da palavra “caridade”, que significa amor e dádiva. E advém do verbo grego *chairō*, que significa “regozijar-se”. Sendo

também a origem da nossa palavra *carisma* e, de forma menos direta, *graça*. No âmbito de seu uso, vemos que “graça” significa ser favorecido, ser aceito, ser o destinatário das bênçãos e bondade de Deus. Também vemos que é uma dádiva que reflete o amor de Deus. (Para uma compreensão mais detalhada de como o termo *charis* era entendido pelos escritores do Novo Testamento do primeiro século, consulte “Qual Era o Significado da ‘Graça’ no Mundo do Primeiro Século?”, a partir da página 80).

O primeiro uso da palavra “graça” no Novo Testamento está em uma referência a Jesus Cristo em Lucas 2:40: “E o Menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a *graça de Deus estava sobre Ele*”.



O fato de Deus libertar Israel de ser escravizado por gerações no Egito e levá-los à Terra Prometida foi um grande ato de graça.

Quando Jesus era criança, provavelmente não havia nada mais importante para Deus Pai do que fazer tudo o que podia por esse menino judeu—alimentá-Lo, cuidar dEle, protegê-Lo e, de todas as formas, levá-Lo a cumprir a missão que os dois haviam planejado juntos.

E estava sobre Ele a graça de Deus, toda atenção e favor possíveis. Também, neste caso, vemos que não podemos limitar a definição de graça apenas ao perdão dos pecados ou ao perdão imerecido, porque, como Deus em carne (Mateus 1:23), Jesus obviamente nunca havia pecado e, portanto, não precisava de perdão.

A remissão e o perdão de nossos pecados são apenas parte da definição da palavra graça. Portanto, quando pensamos estar sob a graça, isso não significa apenas que Deus perdoou nossos pecados, ou seja, perdoou coisas que dissemos e pensamentos e atitudes erradas que tivemos. A graça de Deus abrange muito mais que isso!

Enquanto crescemos na graça e no conhecimento, um conceito que veremos mais adiante, nós precisamos entender que a melhor maneira de ver a graça não é a partir do ponto de vista de Deus *remover* o que é ruim em nós, mas nos *dar* o que é bom.

Pondere sobre algumas coisas que Ele nos dá: *A compreensão de Seu plano e propósito para nós. A oportunidade da vida eterna. A oportunidade de um relacionamento amoroso com Ele e Seu Filho. Sua inestimável instrução e revelação para nós, a Bíblia. A compreensão sobre o Reino de Deus e como podemos entrar nele. O perdão de nossos pecados.* E estas são

apenas *bênçãos espirituais*, sem mencionar as bênçãos físicas. Tudo isso e muito mais faz parte de Sua graça!

A lei de Deus: parte da graça divina

Quem realmente conhece a Palavra de Deus sabe que *a lei de Deus* também faz parte da Sua graça. A lei de Deus é parte de Sua bondade para conosco—provenindo essa luz e direção de como viver, o que é capaz de evitar dor, angústia e sofrimento advindo do pecado, a violação da lei de Deus (1 João 3:4).

O uso incorreto do contraste entre estar debaixo da lei e debaixo da graça é um argumento falso criado para confundir as pessoas e refrear sutilmente a lei de Deus, que é uma das dádivas mais preciosas e graciosas que um Deus amoroso poderia entregar. Essa lei orienta as pessoas sobre como viver e será uma característica marcante de Seu futuro Reino no mundo de amanhã (Deuteronômio 6:24; 10:13; Josué 1:8; Isaías 2:3).

A graça e a lei, na verdade, andam de mãos dadas. A lei, por si mesma, é a graça de Deus, como acabamos de mencionar. Pois, sem lei não haveria *necessidade* da graça redentora. A graça inclui o favor de Deus aos pecadores arrependidos, *perdoando* a prévia desobediência de Sua lei. E isso é necessário porque “todo aquele que pratica o pecado também *transgride a lei*, porque *o pecado é a transgressão da lei*” (1 João 3:4, ARA). Se não houver infração de lei, como argumentam alguns, o pecado não existiria (Romanos 5:13). E se não houver pecado, a própria ideia da graça como perdão de Deus não faz nenhum sentido. Além disso, Deus, através da graça, também nos dá os meios para obedecer à Sua lei, como veremos.

A lei de Deus é *parte crucial* de Sua graça. É uma dádiva que vem dEle. E é o guia e o manual de instruções de Deus sobre como devemos viver. Ela é um reflexo da mente e do pensamento perfeito de Deus (Salmos 19:7). Ela é um lindo presente, guia e orientação para uma vida pacífica e produtiva! Tudo de bom que Deus nos dá faz parte de Sua graça. Adiante discutiremos isso com mais detalhes neste guia de estudo.

A igreja primitiva estava sob a graça

Observe esta notável declaração sobre a Igreja primitiva em Atos 4:33: “E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e *em todos eles havia abundante graça*”. Isso está descrevendo a obra da Igreja primitiva desde o início.

Observe que os seguidores de Jesus Cristo receberam uma *grande* graça—não apenas graça, mas *grande* graça. Com essa imensa graça, veio um *grande poder* pelo qual “os apóstolos deram testemunho da ressurreição do Senhor Jesus”. Eles tinham um grande poder porque tinham uma grande graça. A graça e o favor de Deus lhes deram poder—assim como também pode nos dar poder hoje.

Se algo poderia ser descrito como uma grande ajuda divina à Igreja

primitiva, isso seria a Sua graça, pois Deus deu-lhes o Seu Espírito Santo e, inacreditavelmente, abriu as portas para que começassem a obra imediatamente. A Igreja estava experimentando a abundância da graça de Deus. Os apóstolos tinham grande poder. Eles deram testemunho da ressurreição de Jesus Cristo e do poder de Deus.

Como isso se aplica a nós hoje em dia? Você já pensou em orar pedindo para que essa mesma graça, o favor divino recebido pela Igreja primitiva, seja dada à Igreja de Deus hoje? Você pede regularmente a Deus que abra portas, que nos dê Seu poder e compreensão mais profunda, que multiplique nossa força para que Sua obra possa ser realizada em nós e através de nós e de Sua Igreja—para que possamos segui-Lo e obedecê-Lo da melhor maneira? Porque tudo isso vem através da graça e do poder de Deus!

Abrir o coração e a mente das pessoas que ouvem a mensagem que Ele entregou para a Igreja proclamar também é um aspecto da graça de Deus—faz parte da benignidade dos dons de Deus.

Chamados pela graça de Deus

Notemos também Romanos 5:17: “Pois, se a morte reinou pelo pecado de um homem [Adão, o primeiro homem], muito mais reinarão e viverão aqueles que recebem a graça abundante de Deus e a oferta gratuita de salvação, por meio de Jesus Cristo” (Novo Testamento: Versão Fácil de Ler).

Certamente, não haveria necessidade da graça e do perdão de Deus se os seres humanos, começando com Adão, não tivessem pecado e se colocado nessa situação de transgressores. Aqui Paulo fala sobre “a graça abundante” que recebemos por Jesus Cristo porque essa graça pode cobrir os pecados que cometemos. E sabemos o resultado disso se a pena de morte *não tivesse sido* removida. Remover essa penalidade e não permitir que ela siga pairando sobre nós é uma grande dádiva.

Outra passagem de Romanos discute o fato de que Deus chama e escolhe alguns por Sua graça. Veja o que diz em Romanos 11:5: “Assim, hoje também há um remanescente *escolhido pela graça*” (NVI).

Ser chamado e escolhido neste tempo para fazer parte da Igreja de Deus e de Sua família é uma expressão da graça de Deus. O chamado que recebemos para entender a verdade de Deus vem de Sua graça para conosco.

Paulo continua, dizendo: “E, se é pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça” (versículo 6, NVI). A graça, a benignidade de Deus, não é algo que alguém possa ganhar ou comprar. Ela é um *presente*. Ela é algo que vem espontaneamente de Deus porque você tem um bom relacionamento com Ele e tornou-se Seu amigo.

Deus quer te *dar tudo*. Sua graça é tão profunda que Ele até quer lhe dar uma herança quase além da imaginação humana! Isso é o que Paulo nos diz em 1 Coríntios 2:9: “Mas como dizem as Escrituras: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem ninguém jamais imaginou *o que Deus tem pre-*

parado para aqueles que O amam” (Novo Testamento: Versão Fácil de Ler).

Esses versículos mostram apenas superficialmente a plenitude do que Deus planejou para nós através de Sua graça para conosco. O verdadeiro quadro é muito maior do que o espaço que temos aqui para cobrir o assunto. Para saber mais, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *Por que você nasceu?* Isso o ajudará a entender essa maravilhosa verdade com muito mais detalhes.

A graça auxilia na luta contra o pecado

Em Romanos 7, vemos algumas das obras da graça em nossas vidas. Aqui o apóstolo Paulo descreve sua batalha existencial cotidiana—exatamente o mesmo tipo de luta que todos enfrentamos em nosso corpo, mente e espírito. Paulo escreve: “Mas existe outra coisa no fundo de mim mesmo que está em guerra com o meu querer e que me torna escravo do pecado que ainda está em mim” (versículo 23, Bíblia Versão O Livro).

Paulo estava escrevendo essas palavras muito tempo depois de se tornar apóstolo, provavelmente cerca de vinte anos depois de estar servindo a Deus na pregação do evangelho, estabelecendo congregações e até realizando milagres. No entanto, ele ainda lidava com as íntimas batalhas pessoais dentro de si.

Ele continua nos versículos 24-25: “Que miserável eu sou! Quem me libertará desta vida dominada pelo pecado? Pois bem: graças a Deus porque isso foi justamente feito por Jesus Cristo nosso Senhor! Portanto, eu mesmo com a minha mente quero obedecer à lei de Deus, mas por causa da minha natureza pecaminosa sou escravo ao pecado” (Bíblia Versão O Livro).

Paulo confiou na ajuda que veio de Deus Pai e Jesus Cristo através do Espírito Santo. Ele confiou em Sua bondade. Ele confiou em toda a força que Cristo lhe deu para combater as fraquezas da carne.

Todos os dias quando oramos e pedimos a Deus que perdoe nossos pecados e fraquezas, e que Ele nos dê forças para não repetir nossos erros e coisas más que dissemos ou fizemos, é pela graça de Deus que temos esse desejo, vontade e determinação de continuar porque temos um bom relacionamento com Ele. Ele quer e nos dará essa ajuda quando nos rendermos e submetermos nossas vidas a Ele, e permitindo assim sermos guiados pelo Seu Espírito. Devemos orar diariamente por essa ajuda para que, independente de qual seja nossa luta, Deus, através de Sua graça, nos ajude a mudar.

Paulo expressa um pensamento muito semelhante em Romanos 2:4: “Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que *a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?*”.

Aqui poderíamos facilmente substituir “graça” pela “benignidade” neste versículo: “ignorando que *a graça de Deus te leva ao arrependimento?*” A benignidade e a graça de Deus são, essencialmente, a mesma coisa,

porque tudo de bom que vem de Deus faz parte de Sua graça. E outras passagens nos dizem que Deus *concede* o arrependimento (Atos 11:18; 2 Timóteo 2:25).

Arrependimento e arrepender-se são termos usados na Bíblia que indicam que devemos deixar nossa própria maneira de viver e pensar e, em vez disso, buscar o caminho de vida e a maneira como Deus pensa. E isto é um requisito para a salvação (Atos 2:37-40) e um necessário primeiro passo para responder apropriadamente à graça de Deus para conosco.

A bondade e a graça de Deus é que nos levam ao arrependimento. Quando recebemos esse bom presente, então devemos reconhecer que Ele está nos encorajando a fazer as coisas certas e mudar de atitude para que possamos nos reconciliar com Deus, ou restaurar um relacionamento correto com Ele, e nos aproximar mais dEle. Esta é a resposta que Ele espera de nós como destinatários de Sua graça!

A Graça de Deus na Obra

Sem dúvida, a graça é um grande dom de Deus. Quais são as coisas que acontecem através da graça? Vamos analisar algumas que são mencionadas nas Escrituras:

- Pela graça, Deus nos ajuda a conhecer a Ele e a Seu Filho, Jesus Cristo (2 Pedro 3:18).
- Deus nos chama por Sua graça (Gálatas 1:15; 2 Timóteo 1:9).
- Pela graça, Deus nos declara justificados, retos e livres do pecado, como resultado do sacrifício de Jesus Cristo (Romanos 3:24; Tito 3:7).
- Deus nos oferece a salvação, Seu dom da vida eterna, através da graça (Tito 2:11).
- Deus nos salva por Sua graça, através da fé (Efésios 2:5, 8).
- Pela graça, Jesus Cristo se ofereceu para que possamos receber a vida eterna (2 Coríntios 8:9).
- Pela graça, Deus nos dá misericórdia e auxílio em tempos de necessidade (Hebreus 4:16).
- Pela graça, Deus nos dá não apenas o que precisamos, mas também o suficiente para compartilharmos com os outros (2 Coríntios 9:8).
- Deus nos perdoa por Sua graça (Efésios 1:7).
- Pela graça, Jesus Cristo veio em carne no papel de servo, para que pudéssemos ter um Salvador e receber a vida eterna (Hebreus 2:9).
- Deus nos dá consolação e esperança pela graça (2 Tessalonicenses 2:16).
- Pela graça, Deus concede dons espirituais a cada pessoa de Seu povo para o benefício de todos (Romanos 12:4-6).
- Pela graça, temos acesso à vida eterna (Romanos 5:21).
- A graça de Deus faz parte do verdadeiro evangelho (Atos 20:24).

A Queda e a Restauração de um Rei: Uma história da Graça de Deus

A Bíblia é rígida com seus heróis. Enquanto registra suas grandes ações, ela também registra suas falhas e, frequentemente, seus piores pecados.

Davi é um desses heróis. Ele foi o rei mais amado de Israel, um líder militar sem igual, um jovem pastor destemido que enfrentou um leão, um urso e um gigante, e autor de dezenas de salmos, sendo também um homem segundo o coração de Deus.

Mas ele também era pecador. E ele não cometeu apenas um pecado comum, mas foi um homem de Deus que se rebaixou pelo *adultério e pelo assassinato*.

É uma das histórias mais impressionantes da Bíblia, Davi foi escolhido para ser rei de Israel e conquistou Jerusalém, tornando-a sua capital. Ao seu lado, durante as lutas para consolidar seu reino e defendê-lo de seus inimigos, estavam seus “homens valentes” e leais, um grupo de guerreiros experientes que fariam qualquer coisa por seu líder. Você pode ler sobre eles em 2 Samuel 23.

Um deles chamava-se Urias. Curiosamente, ele nem era israelita, mas um estrangeiro, hitita. Contudo, Urias seguiu a Davi desde o início, provavelmente reconhecendo nele um destemido companheiro de batalha.

Urias era um valoroso guerreiro e, como aprendemos na história, um homem de firme lealdade e caráter. Quando chegamos à parte prin-

cipal da história, Urias se encontrava lutando fielmente por Davi e Israel contra o reino amonita vizinho, que hoje é a Jordânia.

Urias tinha um problema, mas não sabia. Ele tinha uma esposa muito bonita, Bate-Seba, e um rei que se afastara de Deus—um rei que não correspondia mais a fidelidade de Urias.

A fragorosa queda de um rei

Lemos essa história em 2 Samuel 11. O exército de Davi, e também Urias, estava lutando contra os amonitas distante vários dias de marcha ao leste. Davi estava em seu palácio em Jerusalém, e uma noite ele não conseguiu dormir e foi passear no terraço do palácio. Nas proximidades, ele viu uma mulher tomando banho em sua própria casa, talvez pensando que ninguém a veria, já que era noite.

Em todo o caso, Davi a viu e, cativado por sua beleza, enviou homens para trazê-la até ele. Como rei, ele se acostumou a conseguir o que queria—inclusive várias esposas. E, obviamente, ele se afastara de Deus porque pensava que podia ter essa mulher impunemente. A Bíblia nos diz que Davi “se deitou com ela . . . e a mulher concebeu” (versículos 4-5, ARA).

E o mais grave dessa trágica situação é que Davi sabia que ela era a esposa de Urias. Para tentar encobrir seu pecado, Davi enviou uma mensagem

ordenando que Urias retornasse para casa, acreditando que ele teria relação sexual com a esposa e pensaria que aquele filho era dele. Mas isso não deu certo. Embora Urias tivesse retornado a Jerusalém, ele era um homem honrado demais e optou por dormir do lado de fora do palácio, assim como



O profeta Natã confrontou o rei Davi por seu mau comportamento. Para seu crédito, Davi se arrependeu profundamente—deixando-nos um exemplo do que envolve o verdadeiro arrependimento.

seus companheiros soldados, em vez de ir para sua própria casa e ficar com sua esposa.

O plano de Davi foi frustrado pela honra de Urias. Agora ele tinha que recorrer a medidas desesperadas. Ele enviou uma ordem confidencial ao seu comandante para que Urias fosse posto onde a luta era mais violenta e depois retirasse os outros soldados para que Urias morresse em batalha. Sem saber, Urias carregava sua própria sentença de morte enquanto voltava ao local da batalha. A ordem foi cumprida de forma diferente, pondo ainda mais vidas em risco.

A estratégia de Davi para encobrir seu pecado com um pecado ainda

pior parecia ter funcionado. Bate-Seba lamentou seu falecido marido e, “passado o luto, Davi mandou buscá-la e a trouxe para o palácio; tornou-se ela sua mulher e lhe deu à luz um filho” (versículo 27).

Esse não é o fim da história

A história poderia ter terminado aí, mas não terminou. Se assim fosse, a história de Davi seria apenas a de outro rei ganancioso, abusivo e corrupto, mais um dos milhares que mancharam as páginas da história da humanidade.

Mas a história não terminou aí *por causa da graça de Deus*. Embora Davi, obviamente, havia se afastado de Deus, Deus não se afastou dele. Ele não desistiu de Davi.

Deus enviou o profeta Natã a Davi com uma história sobre um homem pobre que tinha apenas uma única ovelha, que amava como se fosse um de seus próprios filhos. Mas um homem rico, que tinha muitos cordeiros, tomou aquela ovelha do pobre homem, matou-a e serviu-a como jantar a um hóspede.

David ficou compreensivelmente indignado ao ouvir essa história. “*Digno de morte é o homem que fez isso*”. Davi ficou furioso (2 Samuel 12:5). Ele sabia que aquilo era uma grande injustiça e que uma pessoa tão insensível e impiedosa certamente merecia a morte.

Mas Davi não estava preparado para a resposta de Natã. “Então, disse Natã a Davi: *Tu és este homem*” (Versículo 7).

Natã, falando por Deus, disse que Deus havia dado tudo a Davi e que o rei já tinha várias esposas. Mas, como

o homem perverso daquela história, isso não foi suficiente para ele. Davi queria mais—tomando a única esposa de um homem inocente e ordenando sigilosamente que ele fosse morto.

Davi estava encurralado. Ele não tinha desculpas. Ele sabia que estava condenado pela mesma sentença de morte que acabara de pronunciar. Ele só podia admitir seu pecado hediondo diante de Deus—e assim o fez. Natã então revelou que, pela

Um Deus gracioso sabia que Davi precisava aprender uma lição dolorosa para seu próprio bem-estar espiritual. E, com aquela dolorosa perda, Davi ganhou algo muito maior—a restauração de seu relacionamento com Deus.

misericórdia de Deus, Davi não morreria por esse pecado, embora houvesse consequências.

A criança recém-nascida, dele e de Bate-Seba, morreria. O que segue é uma das histórias mais comoventes da Bíblia. A criança ficou doente, e “buscou Davi a Deus pela criança; e jejuou Davi, e entrou, e passou a noite prostrado sobre a terra” (versículo 16). Seus conselheiros tentaram encorajá-lo e a fazê-lo comer, mas ele se recusou. E a situação continuou assim por sete dias até a criança morrer.

Então, disseram-lhe que a criança havia morrido: “Então, Davi se levantou da terra, e se lavou, e se ungiu, e mudou de vestes, e entrou na Casa do SENHOR, e adorou”, depois comeu.

Quando seus servos lhe perguntaram por que ele estava comendo agora, em vez de se lamentar, Davi deu uma resposta comovente: “Vivendo ainda a criança, jejei e chorei, porque dizia: Quem sabe se o SENHOR se compadecerá de mim, e viva a criança? Porém, agora que é morta, por que jejuaria eu agora? Poderei eu fazê-la mais voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim” (versículos 20-23).

Essa criança morreu por causa do que Davi havia feito. Essa perda foi dura e o feriu profundamente. Mas Davi precisava sofrer esse abalo. Ele havia se tornado enfatuado e insensível e se afastara de Deus a ponto de ter sido vítima de pecados mortais. Um Deus gracioso sabia que Davi precisava aprender uma lição dolorosa para seu próprio bem-estar espiritual. E, com aquela dolorosa perda, Davi ganhou algo muito maior—a restauração de seu relacionamento com Deus. Essa também foi uma lição importante para a nação naquela época—e até para todos nós hoje em dia.

Davi escreveria uma reflexão muito emocionante e sincera, o Salmo 51, como resultado dessa experiência. Por três mil anos, esse salmo tem permanecido na Bíblia servindo de modelo sobre como deve ser um coração e uma atitude verdadeira de arrependimento.

Agora restaurado, Davi passaria a viver coisas maiores e melhores. Mas hoje nada é mais importante para nós do que essa história da graça de Deus de trazer um rei pecador ao arrependimento e restaura seu relacionamento correto com Ele!

Como a Graça nos Reconcilia com Deus

“Nele temos a redenção por meio de Seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus” (Efésios 1:7, NVI).

Um psicólogo conduziu um estudo em que conversou com presidiários de uma penitenciária. Ele perguntou a cada um deles: “Por que você está aqui?” As respostas foram instrutivas. Um deles disse: “Eu fui enganado”. O outro disse: “Eles conspiraram contra mim”. O terceiro disse: “Foi um caso de erro de identidade”. E outro: “A polícia armou para mim”. Nenhum deles admitiu ser culpado; todos eram inocentes—pelo menos em suas mentes.

Talvez nunca tenhamos sido presos, mas será que vivemos vidas irrepreensíveis? Será que já fizemos algo que afetou nosso relacionamento com Deus? Ou já fizemos algo que nos levou a ser sentenciados como esses homens? Analise novamente o exemplo já mencionado de John Newton, cujos anos em um dos mais pecados vis—comércio de escravos—o levaram a entender o quanto precisava da graça, da misericórdia e do perdão de Deus.

A verdadeira liberdade provém de Deus

A seguir citamos parte de uma carta que recebemos de um presidiário, que ele escreveu para agradecer a revista *A Boa Nova*: “Achei sua revista interessante, informativa e factual, e de acordo com as Escrituras. Seus artigos refletem não apenas os problemas dessa era, mas também me lembram de que o plano de Deus nunca mudou e isso me inspira a viver na prisão obedecendo a Suas leis e mandamentos.

“Estou preso porque infringi as leis de Deus por minha desobediência. Sim, eu também infringi as leis do homem, mas o homem não pode trazer a restauração da alma ou uma nova vida. Somente minha total rendição à vontade de Deus me permitiu tornar-me um novo homem através de Cristo Jesus. Essa revista me mantém em contato com o mundo real, pois enfatiza o iminente retorno do Reino de Deus e de Sua plena graça. E esta é realmente uma boa nova. . .Agradeço a Deus pelo ministério de vocês”.

Qual será o sentimento de entender, como esse presidiário, que a verdadeira liberdade e restauração somente vêm de Deus, independente de quanto tempo alguém possa ficar na prisão? Será que apreciamos as boas novas do vindouro Reino de Deus e a reconciliação que podemos ter

com Ele após transgredirmos Sua lei? Porque sem isso, não estaríamos apenas em uma prisão, *mas no corredor da morte espiritual*. Por isso é vital que entendamos como a graça de Deus torna possível o perdão e a reconciliação com Ele!

Independente do que entendamos, o pecado afetou nosso relacionamento com Deus e nos separou dEle. Qual é a solução para esse afastamento de Deus? Como podemos nos reconciliar com Ele? E, após essa reconciliação, o que Ele espera de nós? Saber as respostas para essas perguntas das Escrituras é muito importante para nossas vidas!

Deixando de ser inimigo para ser amigo de Deus

Como o pecado afetou nosso relacionamento com Deus? A Palavra de Deus nos diz que “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23). Exceto Jesus Cristo, que era Deus na carne, *todas as pessoas* pecaram e se afastaram de Deus. E nossos pecados afetaram nosso relacionamento com Deus.

Isaías 59:1-2 nos diz como o pecado afetou esse relacionamento: “Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem o Seu ouvido, agravado, para não poder ouvir. *Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o Vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós, para que vos não ouça*”.

As palavras de Isaías são fortes. Então, são nossos pecados que nos separam de Deus e prejudicam nosso relacionamento com Ele. Nosso relacionamento com Deus foi imensamente afetado e precisa de uma grande reparação. Deus não se separou de nós, mas *nós* é que nos afastamos dEle por conta de nossos pecados—que é a desobediência à Sua lei (1 João 3:4).

Então, qual é a solução para nosso isolamento e afastamento de Deus? O que devemos fazer para começar a ter um relacionamento correto com Ele?

Encontramos a resposta em Isaías 55:6-7: “Buscai ao SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar”. Evidentemente, isso *requer uma ação* de nossa parte. Deus espera que nos voltemos para Ele, que nos arrependamos, que mudemos, e então Ele terá piedade de nós.

O que significa ter misericórdia? Uma história conta que uma mãe se aproximou do imperador francês Napoleão, pedindo perdão por seu filho. O imperador respondeu que o jovem havia cometido uma ofensa e foi tido como culpado e que a justiça exigiu sua morte. “Mas, eu não peço justiça”, implorou a mãe, “peço misericórdia”. Napoleão respondeu: “Mas seu filho não merece misericórdia”. A mulher implorou: “Não seria um ato misericordioso se ele a merecesse, por isso tudo o que peço é miseri-

córdia”. “Então”, respondeu Napoleão, “eu terei misericórdia”, e poupou o filho daquela mulher.

A misericórdia não é algo que mereçamos. Simplesmente, misericórdia é *misericórdia*. Há uma beleza e uma simplicidade no modo como Deus lida conosco. Sem dúvida, fomos afastados dEle por causa de nossos pecados, mas há uma solução e uma maneira de nos reconciliarmos com Ele. Deus demonstra uma misericórdia imerecida àqueles que abandonam seus caminhos egoístas e retornam para Ele.

Jesus contou a história de um jovem que tomou uma decisão errada, deu as costas ao seu pai e desperdiçou tudo o que ele lhe dera—e o que aconteceu com ele foi o resultado disso. Conhecemos essa história como a Parábola do Filho Pródigo, que se encontra em Lucas 15.

Você deve se lembrar de como a história se desenrola. Depois que o jovem sofre as dolorosas consequências de rejeitar a sabedoria e a orientação de seu pai



Sem graça e a reconciliação com Deus, não estaríamos apenas em uma prisão, mas no corredor da morte espiritual.

e perde absolutamente tudo, ele percebe que atingiu o fundo do poço. Humilhado, envergonhado e magoado, ele volta para o pai, percebendo que não merece nada, nem mesmo ser chamado de filho. Mas, para sua surpresa, ele é recebido de volta de braços abertos e com festa. (Leia mais sobre esta história em “Uma Parábola Que Demonstra a Magnitude da Graça de Deus” nas páginas 53-55).

Talvez você se veja na história do filho pródigo e possa agradecer a lição dessa parábola—que, quando caímos em si e retornarmos a Deus, Ele terá misericórdia e nos perdoará e nos acolherá em um relacionamento correto com Ele. Mas isso não acontece se não abandonarmos nossos caminhos egoístas, nos arrependermos e mudarmos para vivermos de acordo com Seus caminhos!

O perdão e a reconciliação

Como podemos nos reconciliar com Deus? Vimos que nossos pecados nos separam de nosso Pai Celestial, mas Ele está disposto a ter misericórdia de nós, se estivermos dispostos a nos arrepender, mudar e retornar para Ele, como o filho pródigo. Mas como isso é possível? Como podemos nos reconciliar? Afinal, Romanos 6:23 nos

diz que “o salário do pecado é a morte...”—significando que a morte é o que recebemos por causa de nossos pecados. Nossos pecados exigem nossa morte; estamos no corredor da morte.

Entretanto, observe a última parte de Romanos 6:23: “...mas o dom gratuito de Deus é a *vida eterna*, por Cristo Jesus, nosso Senhor”. Por meio de Cristo, Deus nos oferece um presente, se fizermos nossa parte.

Note também Romanos 5: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele salvos da ira” (versículo 9). O apóstolo Paulo nos diz que, através do sacrifício de Jesus Cristo, que entregou Sua própria vida e derramou Seu próprio sangue para pagar nossa merecida pena de morte, essa pena *pode ser removida*.

Paulo continua: “Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais,



O argumento de Paulo é que todos somos escravos—e isso é apenas uma questão por quem ou pelo que somos escravizados. Separados de Deus, os seres humanos são escravizados pelo pecado, que leva à morte.

estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação” (versículos 10-11).

Isso é algo para *se alegrar*, para glorificar a Deus! Sim, nossos pecados nos separaram de Deus e merecemos a pena de morte por esses pecados. Mas Deus terá piedade de nós, pois o sangue de Jesus Cristo pagou essa penalidade por nós—então, podemos e devemos nos alegrar com isso!

Paulo explica em 2 Coríntios 5:18-20: “Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: *Reconciliem-se com Deus*” (NVI).

Assim, através de Paulo, Deus está nos explicando que podemos nos reconciliar e reatar nosso relacionamento com Ele. Deus roga que nos reconciliemos com Ele pelo sangue de Cristo. O sacrifício de Jesus Cristo nos possibilita ter essa reconciliação com o Pai. Sem ele, estaríamos mortos para sempre, porque o salário do pecado é a morte. Mas ficamos

Briton Riviere/Stock/Getty Images Plus

livres dessa pena se nós aceitarmos o sacrifício de Cristo e nos reconciliarmos com Deus.

O perdão é possível através da graça de Deus

Aqui está outra carta recebida em nosso escritório. Essa pessoa escreve: “Gostaria de aproveitar esta oportunidade dada por Deus para agradecer por seus corações generosos ao enviar-me exemplares gratuitos de seus guias de estudo bíblicos. Nos últimos anos da minha vida adulta (tenho 22 anos), senti que perdi o rumo. Percebi que durante aquela época eu tomei um caminho obscuro, estando muito desesperado e profundamente solitário. Mas, Deus se interpôs em meu caminho e me trouxe de volta aos Seus braços e nunca saiu do meu lado.

“Estou realmente inspirado a continuar buscando a Deus, lendo sua revista e guias, pois sei é uma das maneiras pelas quais tenho certeza de que me levará de volta ao nosso Pai. Mais uma vez, muito obrigado. Desejo que prosperem ainda mais para ajudar milhões de crentes e incrédulos a nutrirem todo o seu ser através da graça de Deus. Que Deus os abençoe sempre”.

Tudo isso é possível através da graça de Deus. Certamente não é por causa de qualquer coisa que possamos fazer para conquistar isso. Estamos reconciliados com Deus pela morte de Jesus Cristo, seu Filho. Como nos diz em João 3:16-17: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele”.

Deus enviou Seu Filho ao mundo para pagar a penalidade por nossos pecados, para que pudéssemos ser salvos—salvos da pena de morte. Como nos diz 1 João 1:7, “o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado”. Deus nos liberta da culpa por nossos pecados, aceitando a morte voluntária de Cristo em nosso lugar como pagamento por essa pena que merecíamos. Logo, cada um de nós é responsável pela morte de Jesus Cristo—não apenas *uma pessoa* ou *um grupo de pessoas*, mas todos nós—pois todos nós pecamos e infligimos a pena de morte sobre nós mesmos (Romanos 3:23; 6:23).

Redimidos por Deus

Conforme lemos em Isaías, o arrependimento e o retorno para Deus são o ponto de partida para receber a redenção e estabelecer um relacionamento duradouro com Deus. “Resgate” e “redenção” são palavras que aparecem frequentemente na Bíblia, e seu significado básico é recomprar, garantir a libertação ou libertar mediante pagamento. E é exatamente isso que acontece com aqueles que realmente se arrependem e voltam para Deus. Eles são recomprados, libertados e ficam livres da pena de morte e

da escravidão por terem pecado—redimidos não com dinheiro, mas com o precioso sangue do sacrifício de Cristo (1 Pedro 1:18-19).

Em Romanos 6:16-18, Paulo descreve isso dessa maneira: “Não sabem que, quando vocês se oferecem a alguém para lhe obedecer como escravos, tornam-se escravos daquele a quem obedecem: escravos do pecado que leva à morte, ou da obediência que leva à justiça? Mas, graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida. Vocês foram libertados do pecado e tornaram-se escravos da justiça” (NVI).

O argumento de Paulo é que todos somos escravos—e isso é apenas uma questão *por quem ou pelo que somos escravizados*. Separados de Deus, os seres humanos são escravizados pelo pecado, que leva à morte. Porém, ao serem resgatados dessa escravidão por meio da morte sacrificial de Jesus Cristo, passamos a servir a um novo Mestre—Deus, que nos guia para uma vida de retidão e para a vida eterna.

Novamente, o arrependimento, a redenção e a reconciliação são todos dons da graça de Deus que se tornaram possíveis pelo sangue derramado de Jesus Cristo.

Vivendo por toda a palavra de Deus

O que isso significa ser “escravos da justiça”, como Paulo disse? Como seria isso? Vemos em Atos 2:38 que devemos nos arrepender, ser batizados e receber o dom do Espírito de Deus. E fazemos isso com fé, confiando em Deus e no sacrifício de Jesus Cristo, que pagou a pena de morte que merecemos por nossos pecados. O batismo traz perdão através do simbolismo da morte e sepultamento do antigo eu, juntamente com nossos pecados, e uma ressurreição simbólica para uma nova vida em Cristo (Romanos 6:1-11). E pela imposição das mãos de um verdadeiro ministro de Deus, recebemos o dom do Espírito Santo de Deus (ver Atos 8:14-18).

Mas e depois disso? Aqueles que se reconciliam com Deus pela fé no sacrifício de Cristo devem *continuar* vivendo na fé—isto é, em harmonia com as instruções e crenças fundamentais expressas na Palavra de Deus. Como o próprio Jesus disse, citando Deuteronômio 8:3: “Nem só de pão viverá o homem, mas *de toda a palavra que sai da boca de Deus*” (Mateus 4:4; Lucas 4:4). Deus espera que sejamos irrepreensíveis depois de aceitar o sacrifício de Cristo—vivendo de acordo com cada palavra dEle.

Alguns acreditam que, uma vez tendo aceitado a Cristo, não importa como você viva sua vida a partir de então—você será salvo e nunca poderá perder sua salvação, independente do que aconteça. Este conceito está resumido na ideia popular: “Uma vez salvo, sempre salvo”. Mas, isso é uma mentira e um engano satânico! (Ver “*Aqueles Que Deus Perdoou Podem Rejeitar Sua Graça?*” nas páginas 30-31).

Leia o que Paulo escreveu em Romanos 6:1-2, logo após discutir como

somos salvos pela graça de Deus: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”

Paulo mostra a loucura do raciocínio de que, uma vez tendo os pecados perdoados, que exigem a morte sacrificial de Cristo em nosso lugar, poderíamos continuar pecando. Se já morremos, figurativamente, com Cristo por causa de nossos pecados, como poderíamos justificar a continuidade de uma vida pecaminosa? Podemos continuar pecando? “*De modo nenhum!*”. Esta é a resposta clara de Paulo! (Vamos explorar mais esse tema no capítulo “*A Graça e a Lei: O Que Diz a Bíblia?*”, a partir da página 56).

“Santos, inculpáveis e irrepreensíveis”

Apesar do que alguns ensinam, nós não podemos continuar vivendo uma vida de transgressão dos mandamentos de Deus e esperar que continuemos sob Sua graça. Em Colossenses, Paulo discute mais sobre o que significa ser reconciliados com Deus: “Isso inclui vocês, que antes estavam longe de Deus. Eram seus inimigos, dele separados por seus maus pensamentos e ações” (Colossenses 1:21, NVT). Novamente, vemos aqui, como lemos antes em Isaías 59:1-2, que nossos pecados—nossos “maus pensamentos e ações”—nos *separaram* de Deus e nos tornaram *inimigos* dEle.

Continuando em Colossenses 1: “Agora, porém, [Jesus Cristo] vos reconciliou no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte, para apresentar-vos perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis” (Versículo 22, ARA). Então, novamente, vemos a necessidade de aceitar e ter fé no sacrifício de Cristo para que nossos pecados passados sejam perdoados e nos reconciliemos com Deus através da morte de Cristo.

E o que vem a seguir? “Se é que *permaneceis na fé* [isto é, confiando e praticando a verdade que aprendemos], alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro” (versículo 23, ARA).

Está muito claro que devemos *continuar nessa fé* depois de aceitar a morte sacrificial de Cristo em nosso favor. Temos que continuar, não nos afastando do que aprendemos sobre a esperança do evangelho do Reino de Deus e como podemos entrar nesse reino através de Jesus Cristo. (Para saber mais sobre o que isso significa, baixe ou solicite nossos guias de estudo bíblicos gratuitos *O Evangelho do Reino de Deus e Por que Você Nasceu?*).

Vivendo “sóbria, justa e piamente”

É muito importante que todos os que confiam em Deus lembrem-se de que devemos viver uma vida ilibada após o batismo, como nos diz

o apóstolo Paulo. Veja o que ele escreveu em Tito 2:11-14: “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a Si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade e purificar para Si um povo Seu especial, zeloso de boas obras.”

Então, será que importa como vivemos depois de recebermos o perdão por nossos pecados? *Absolutamente!* Deus observa como vivemos. Ele observa as obras de nossa vida. Ele olha como tratamos as pessoas após nos redimir de nossas obras más. Ele espera que continuemos crescendo, aprendendo e desenvolvendo.

Jesus estabeleceu um alto padrão para nós! Vemos isso em Mateus 5:48: “Sede vós, pois, *perfeitos*, como é perfeito o Vosso Pai, que está nos céus.”

O padrão estabelecido por Jesus é o da *natureza e caráter divinos de nosso Pai Celestial*. Assim, nos diz que devemos nos tornar como Ele—e não como as pessoas ao nosso redor. Isso só é possível através de Deus Pai e Jesus Cristo vivendo em nós pelo Espírito Santo (ver João 14:16-17, 23).

A expectativa é que nos tornemos perfeitos, nos afastando o pecado de nossa vida e crescendo em graça e conhecimento (2 Pedro 3:18). Temos que nos esforçar para viver uma vida justa ao nos reconciliarmos com Deus! Mais adiante, veremos mais sobre crescer e lutar pela retidão. (E para saber mais sobre como se tornar semelhante a Deus através de Seu Espírito Santo, baixe ou solicite gratuitamente nosso guia de estudo bíblico *Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão*).

Os pecados cobertos pelo sangue de Cristo

Que pecados são cobertos pelo sangue de Cristo? Como observado acima, no batismo Deus perdoa nossos pecados passados—aqueles que nos arrependemos e paramos de praticar. E esse perdão é total. Como escreveu o rei Davi em Salmo 103:12, “Quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões”.

Como vimos acima em Romanos 3:23, “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. Todos nós pecamos e nos separamos de nosso Pai Celestial, e só quando voltamos para Ele, nos reconciliamos e aceitamos o sacrifício de Jesus é que as coisas podem mudar para nós.

Paulo então continua nesta passagem: “...sendo justificados gratuitamente por Sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus” (Versículo 24, NVI). Mais uma vez, vemos que tudo isso somente é possível através do sangue de Jesus Cristo.

Além disso: “Deus O ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo Seu sangue, demonstrando a Sua justiça. Em Sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”

(Versículo 25, NVI). Então Deus, em Sua paciência e misericórdia, decidiu não nos punir pelos pecados que havíamos cometido anteriormente.

“...[assim, Deus] demonstrou a Sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (versículo 26, NVI). Portanto, temos que crer e ter fé que o sacrifício de Jesus Cristo fará isso por nós. Ele morreu para pagar pelos nossos pecados e nos levar ao arrependimento. Ele nunca esperou que interpretássemos a graça e o perdão como permissão para ignorar ou desobedecer aos ensinamentos essenciais que Deus revelou ao longo das Escrituras.

Em vez disso, como já observamos, Ele ensinou que o homem deve viver “de toda palavra que sai da boca de Deus”. Temos que viver pela Palavra de Deus a partir desse ponto!

E se pecarmos depois disso?

Mas o que acontece se pecarmos após o batismo? Esses pecados futuros também podem ser cobertos pelo sangue de Cristo? Encontramos a resposta em 1 João 2: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo” (versículo 1). Portanto, não devemos pecar, como já vimos muitas vezes, mas se ou quando acontecer isso, Jesus Cristo intercederá por nós e o Pai continuará aceitando o sangue de Cristo como expiação por nossos pecados.

Continuando: “E Ele é a propiciação [ou sacrifício expiatório que nos reconcilia com Deus] pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo. E nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os Seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-O e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a Sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nEle. Aquele que diz que está nEle também deve andar como Ele andou” (versículos 2-6).

Como vemos aqui, espera-se que andemos como nosso Salvador—vivendo como Ele viveu. Ele viveu uma vida justa e sem pecado, e é assim que devemos viver—em obediência aos mandamentos de Deus. E se ou quando pecamos, qualquer novo pecado precisa de arrependimento para que continuemos vivendo uma vida justa e virtuosa.

Somos obra de Deus

Mas, por que precisamos da graça de Deus? Porque não há nada que possamos fazer para ganhar o perdão e a salvação. O perdão e a salvação são dádivas de Deus. Somos salvos pela Sua graça, como lemos em Efésios 2:8-9: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie”.

Então, Paulo acrescenta no versículo 10: “Porque somos feitura Sua,

criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”—ou, como traduz a Nova Versão Transformadora essa última parte, “...que Ele de antemão *planejou para nós*”. Exatamente, a graça é uma dádiva divina, mas Deus ainda espera que vivamos uma vida íntegra depois de aceitarmos esse presente. A Bíblia é clara e coerente ao ensinar que a salvação é um dom de Deus, mas mesmo assim, espera-se que obedeçamos a Deus se quisermos receber esse presente.

Observe o que o próprio Jesus disse em Mateus 7:21: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas *aquele que faz a vontade de Meu Pai*, que está nos céus”. Então, não basta reconhecer a Deus Pai e a Cristo como Senhor—como Mestre e Governante—pois, na verdade, devemos estar sob Seu governo demonstrando obediência!

Certamente, o perdão e a salvação são dons de Deus. Eles não podem ser adquiridos. Como seres humanos, nós não possuímos nada de valor suficiente para pagar pelo perdão de nossos pecados e por nossa salvação.

A Fé Viva e a Graça de Deus

Eféios 2:8 nos diz: “Porque pela graça sois salvos, *por meio da fé*”. Não somos salvos sem nenhuma ação de nossa parte, incluindo a crença e o arrependimento, a fé no supremo sacrifício de Jesus Cristo e na contínua obra de Deus em nós.

Qualquer um que estuda com atenção o segundo capítulo de Tiago pode ver que ele ensina que a fé cristã é mais do que apenas bons pensamentos; ela exige que um cristão prove sua fé por seus atos.

Colossenses 2:12 diz o seguinte aos cristãos a respeito de Cristo: “Vocês foram sepultados com ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a *fé no poder de Deus* que o ressuscitou dentre os mortos” (NVI).

Assim como temos fé que Cristo ressuscitou dos mortos, para que pudéssemos ser salvos e ressuscitados da morte na ressurreição, também devemos ter fé que esse plano *vai dar certo*. Devemos ter fé que Cristo realmente viveu e morreu por nós e que Ele nos transformará agora e, por fim, na ressurreição.

Paulo continua no versículo 13: “Quando vocês estavam mortos em pecados . . . Deus os vivificou juntamente com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões” (NVI). E assim, através da fé, cremos nessa obra de Deus em nossas vidas. Cremos que somos perdoados e que seremos ressuscitados à vida eterna, assim como Jesus Cristo foi ressuscitado para a vida eterna. Embora a obediência seja necessária para essa contínua compreensão espiritual, isso não significa que ela *nos dá o direito* a essa salvação. Somente Deus, por Sua graça e misericórdia, perdoadando nossos pecados,

No entanto, aqui Jesus nos diz abertamente que, a menos que entreguemos nossa vontade a Deus e nos comprometamos a fazer *Sua* vontade, não faremos parte de Seu Reino. E, em outra passagem, Ele nos diz que, a menos que nos arrependamos, pereceremos (Lucas 13:3, 5).

Através do arrependimento não *ganhamos* a salvação, mas o arrependimento é uma *condição* para receber essa salvação. Temos que buscar o perdão de nossos pecados—e isso só é possível pela graça de Deus. Não há nada que possamos fazer para consegui-la. Por isso, Deus espera que vivamos de acordo com Seus caminhos para recebermos esse presente.

Juntando tudo isso, vemos que uma boa maneira de descrever a graça de Deus é dizer que é um imerecido favor divino que nos é prestado gratuitamente, motivado por Seu amor e preocupação por nós, especialmente para aqueles que aceitam Seu convite para começar um relacionamento com Ele. A graça abrange todos os presentes maravilhosos que gentilmente recebemos de Deus!

nos concede a ajuda necessária para vencer e oferece a salvação como um dom. Mas Deus também espera que façamos *nossa parte* enquanto Ele faz o resto.

O apóstolo Tiago enfatizou esse princípio em Tiago 2:21-22, onde descreveu a fé de Abraão em obedecer a Deus, até o ponto de sacrificar seu próprio filho se Deus não o impedisse: “Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vêes que a fé cooperou com as suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada”.

Vemos aqui como a fé está envolvida na aceitação da graça de Deus. Qualquer um que estuda com atenção o segundo capítulo de Tiago pode ver que ele ensina que a fé cristã é mais do que apenas bons pensamentos; ela exige que um cristão *prove sua fé por seus atos*. Prova-mos que temos fé pela maneira como vivemos depois de aceitarmos a Jesus Cristo! Essa fé viva e ativa exige

esforço para obedecer e confiar em Deus, que nos capacita e nos ajuda a ter sucesso—resultando em realizar obras de acordo com essa obediência. Caso contrário, como Tiago conclui, “a fé sem obras é *morta*” (versículo 26). Ela é inútil porque não realiza nada.

Por isso é que Paulo diz em 2 Tessalonicenses 1:11-12: “Conscientes disso, oramos constantemente por vocês, para que o nosso Deus os faça dignos da vocação e, com poder, cumpra todo bom propósito e *toda obra que procede da fé*. Assim o nome de nosso Senhor Jesus será glorificado em vocês, e vocês nele, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo” (NVI).

Tudo isso funciona em harmonia na mesma equação—a fé, as obras, a graça de Deus, Seu perdão, Seu propósito e Jesus Cristo sendo glorificado em nós. Nossa fé e, subsequentemente, a obediência são partes necessárias para se receber a graça de Deus e continuar nela!

Aqueles Que Deus Perdoou Podem Rejeitar Sua Graça?

Alguns acreditam que quando uma pessoa entrega sua vida a Jesus Cristo e O aceita como seu Salvador pessoal, sua salvação eterna está totalmente garantida a partir desse momento, sem haver absolutamente nenhuma possibilidade de perdê-la. Isso costuma ser chamado de “segurança eterna” ou “uma vez salvo, sempre salvo”. Mas a Bíblia realmente ensina isso? Vamos examinar as Escrituras para entender a verdade.

Aqueles que ensinam ou se aferram a essa crença usam diversas escrituras para tentar prová-la. Vejamos uma passagem que muitas vezes é mal interpretada nesse sentido e, em seguida, veremos muitos versículos que mostram que essa conclusão é errônea.

Uma passagem fundamental usada para esse ensinamento é João 10:27-29: “As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, e Eu conheço-as, e elas Me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará das Minhas mãos. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatar-las das mãos de Meu Pai”.

Jesus fez essa declaração em resposta a alguns que duvidaram que Ele fosse o Messias prometido (João 10:23-24). Aqui o foco não era a “segurança eterna”, mas o reconhecimento da identidade de Cristo.

Jesus declarou que Seus verdadeiros seguidores, atraídos até Ele pelo Pai, O seguiam porque sabiam que

Ele poderia dar-lhes a vida eterna. Assim, eles O reconheceram como o Messias, e ninguém poderia removê-los dessa convicção que vinha de Deus. Então, Sua resposta era que as pessoas não conseguiam entender corretamente Sua identidade e segui-Lo sem que o Pai as guiasse até Ele (comparar João 6:44, 65).

Os verbos “ouvir” e “seguir” estão no tempo presente no grego, então Jesus estava falando do presente e não especificamente do futuro. Ao afirmar que “ninguém pode arrebatar-las [as ovelhas] das mãos de Meu Pai”, Ele quis dizer que nenhum poder externo (seja Satanás, falsos líderes religiosos ou qualquer outra pessoa) poderia levá-las embora. Jesus definitivamente *não disse* que Seus seguidores não poderiam falhar por culpa própria. Outras passagens mostram claramente que é possível, após ser iluminado, deixar o caminho da justiça.

Outras escrituras usadas para estabelecer a doutrina “uma vez salva, sempre salvo” seguem o mesmo padrão de interpretação e aplicação errôneas. Apenas uma escritura que contradiga claramente esse ensinamento é suficiente para mostrar que ele não é bíblico. Na verdade, podemos encontrar *muitas* passagens que ensinam exatamente o oposto dessa doutrina, mostrando que é preciso cumprir—e *continuar* cumprindo—certas condições para receber o dom da salvação de Deus.

Temos a certeza de que Deus nunca nos deixará ou nos abandonará como cristãos (Hebreus 13:5). Mas a Bíblia nunca diz que é impossível deixar ou abandonar a Deus e perder o dom da salvação!

Vamos observar algumas dentre muitas escrituras que provam que isso é possível:

- “Mas aquele que *perseverar até ao fim* será salvo” (Mateus 24:13).

- “Pelo qual também sois salvos, *se o retiverdes* tal como vo-lo tenho anunciado, se não é que crestes em vão” (1 Coríntios 15:2).

- “Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que *delas jamais nos desviemos*. Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, *como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?*” (Hebreus 2:1-3, ARA).

- “Mas Cristo, como Filho, sobre a Sua própria casa; a qual casa somos nós, *se tão-somente conservarmos firme* a confiança e a glória da esperança até ao fim” (Hebreus 3:6).

- “Porque nos tornamos participantes de Cristo, *se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim*” (Hebreus 3:14).

- “Porque necessários de paciência, para que, *depois de haverdes feito a vontade de Deus*, possais alcançar a promessa” (Hebreus 10:36).

- “E *ao que vencer e guardar até ao fim as Minhas obras*, Eu lhe darei poder sobre as nações” (Apocalipse 2:26).

- “Eis que venho sem demora; guarda o que tens, *para que ninguém*

tome a tua coroa” (Apocalipse 3:11).

- “Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século futuro, *e recaíram sejam outra vez renovados para arrependimento*; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus e O expõem ao vitupério” (Hebreus 6:4-6).

Temos a certeza de que Deus nunca nos deixará ou nos abandonará como cristãos (Hebreus 13:5). Mas a Bíblia nunca diz que é impossível deixar ou abandonar a Deus e perder o dom da salvação!

- “Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, *já não resta mais sacrifício pelos pecados*, mas certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários” (Hebreus 10:26-27).

- “De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça? ” (Hebreus 10:29).

Estes são apenas alguns exemplos de passagens que dizem que devemos continuar na fé até o

fim para sermos salvos. Observe que algumas passagens dizem: “*se conservarmos firme*”. A salvação está condicionada à nossa continuidade até o fim. Nem mesmo o fiel apóstolo Paulo disse que sua salvação estava garantida. Ele escreveu em 1 Coríntios 9:27: “Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, *eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado*”.

A doutrina da “segurança eterna” não se encontra nas páginas da Bíblia. Todos nós devemos perseverar até o fim para sermos salvos.

Por outro lado, existem muitas passagens demonstrando que somente

estaremos seguros da salvação se, por negligência ou amargura, não rejeitarmos a Deus. Não precisamos viver preocupados, mas podemos ter certeza de que Deus vai nos ajudar. E foi isso que Paulo quis dizer em Filipenses 1:6: “Tendo por certo isto mesmo: que Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo”. Precisamos apenas permanecer no processo com Deus—continuar nos arrependendo, crescendo e vencendo com a ajuda dEle.

Os leitores interessados também podem pesquisar em nosso site sobre o tema da salvação para obter informações mais detalhadas.

Avançando Pela Graça de Deus

Muitas pessoas lutam com culpas irresolutas e sentimentos de vergonha por causa de erros e pecados do passado. Como nossa fé na graça e no perdão de Deus afeta nossa consciência?

A menos que rejeitemos totalmente a Deus e Seu caminho de vida, se desejamos mudar e nos arrepender, todos os pecados podem ser perdoados. Uma das mais admiráveis verdades sobre a graça de Deus é que tudo o que já fizemos de errado na vida pode ser perdoado.

Precisamos entender que, quando nos arrependemos, nossos pecados são lavados para serem perdoados e esquecidos. Como nos diz Hebreus 10:19-22: “Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário [diante

do trono celestial de Deus em nossas orações], pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou . . . e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa”.

Vemos aqui que a fé no sacrifício de Jesus Cristo nos permite ter plena certeza e confiança de que, por meio dela, podemos ter os pecados lavados (simbolizado pelo batismo), ter toda a culpa removida e ter uma consciência limpa e pura quando estivermos diante de Deus.

Assim que nosso antigo eu seja simbolicamente enterrado através do batismo, Deus espera que deixe-

mos para trás o sentimento de culpa pelos pecados passados. Ele quer que encaremos nosso futuro com a confiança de que nossos pecados foram perdoados. Devemos começar uma nova vida sem preocupações e culpa pelo passado.

Muitas pessoas lutam
com culpas irresolutas e
sentimentos de vergonha
por causa de erros e
pecados do passado.
Como nossa fé na graça e
no perdão de Deus afeta
nossa consciência?

Deus nos oferece liberdade do fardo da incerteza para que possamos ter certeza que estamos bem com Ele. Uma vez que aceitamos Jesus Cristo e temos os nossos pecados perdoados (e arrependemos-nos de mais pecados), nossa consciência deve estar lavada e limpa.

Frequentemente, a culpa prolongada e obsessiva é uma causa importante, mas evitável, de agonia emocional. Certamente, é natural ter culpa, mas ela deve ser benéfica para nos levar ao arrependimento. Se nos sentirmos mal por algo que fizemos, a boa tristeza segundo Deus nos leva ao arrependimento (ver 2 Coríntios 7:9-11).

A solução para a culpa pelo pecado é buscar a Deus com uma atitude arrependida e rogar por Sua graça e perdão, esforçando-se o máximo para fazer as pazes com quem porventura possamos ter ofendido e

focar em ser uma nova pessoa dali para frente—deixando de ser quem éramos e parando de pensar nos erros do passado.

Como diz Provérbios 24:16: “Sete vezes cairá o justo e se levantará”. Nós apenas precisamos voltar e continuar, buscando a misericórdia de Deus frequente e regularmente.

Como Deus nos prometeu em Isaías 1:18: “ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã”.

O Salmo 103:12 nos diz: “Quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões”.

Em Filipenses 3:13-15, Paulo descreve a atitude de uma consciência limpa que Deus deseja para nós: “Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado [ou plenamente alcançado que Deus pretende para nós]; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo”.

Preocupar-se com o passado não ajuda em nada. Devemos avançar em direção à meta e não continuar olhando para trás. Ao confiar no perdão de Deus, através de Sua graça, também teremos fé na graciosa e definitiva salvação de Deus em Sua família. Por isso, devemos lutar por esse objetivo e prêmio que Deus nos oferece como um dom gratuito.

Deus Estabelece Certas Condições para recebermos Seu Dom de Salvação?

A vida eterna é um dom da graça de Deus, e não algo que qualquer um de nós mereça ou possa ganhar de alguma forma. Ninguém jamais poderá vangloriar-se de ter conquistado ou merecido o dom da vida eterna. Mas Deus estabelece condições para recebermos esse dom? Segundo a Bíblia, *Ele estabelece sim!*

Se devemos fazer algo para receber de Deus esse dom da salvação, como ele pode ser um presente?

Vamos usar uma analogia para explicar isso. Se alguém quisesse lhe mandar uma nota de cem reais com a condição de você lhe enviar um envelope endereçado e selado, então essa pessoa estaria lhe dando um presente. Simplesmente crer que ela vai lhe enviar o dinheiro não seria suficiente para ganhar esse dinheiro. Pois, se você não conseguir lhe enviar o envelope, então não receberia o dinheiro. Portanto, você pode até reclamar, mas ainda assim não receberia aquele presente porque não tinha cumprido as condições.

Por outro lado, se você enviar o envelope requerido e receber o dinheiro, isso não significa que você *ganhou* esse presente. *Você simplesmente reuniu as condições necessárias para isso.* Mas sem a oferta desse presente imerecido, mesmo enviando centenas de envelopes você não receberia nada, pois não teria direito a nada. Mas isso não

deixa de ser um presente pelo fato de haver condições para recebê-lo. Infelizmente, milhões de pessoas não conseguem entender isso e, portanto, não percebem que correm o risco de perder o inestimável dom da salvação de Deus.

Observe esta declaração de Hebreus 5:9: “E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação *para todos os que Lhe obedecem*”.

Visto que a salvação é um dom de Deus, o que essa passagem significa quando fala de “eterna salvação *para todos os que Lhe obedecem*”? Está bastante claro que a salvação é um presente. Contudo, se precisamos fazer algo para recebê-lo, então ela é um presente *que vem com condições*.

Então, o que devemos fazer?

Vamos examinar algumas das declarações de Jesus Cristo acerca do que devemos fazer para receber esse dom da salvação.

Em Mateus 7:21, Jesus diz: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas *aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus*”. Jesus deixou claro que apenas reconhecê-Lo como Senhor e Mestre—dizer “Senhor, Senhor”—não é suficiente. Para herdar o Reino de Deus, devemos fazer a vontade do Pai, como Ele declarou.

Jesus quer que entendamos que é fazer algo mais para receber a vida

eterna além da crença ou aceitação mental. Nossa convicção de que Ele é nosso Salvador deve ser mais do que apenas um pensamento caloroso e reconfortante ou um conceito intelectual. Jesus adverte que simplesmente invocar Seu nome ou reconhecê-Lo como “Senhor” não é suficiente.

Obediência aos mandamentos de Deus

Certa vez, um jovem rico perguntou a Jesus como poderia receber a vida eterna. “Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?” (Mateus 19:16). A resposta de Cristo pode chocar alguns que pensam que a obediência à lei de Deus é desnecessária—que Ele fez isso por nós para não termos que fazer nada mais. Jesus respondeu: “Se queres, porém, entrar na vida, *guarda os mandamentos*” (versículo 17).

Jesus não respondeu que bastava crer em Deus ou nEle. Ele disse ao jovem que ele deveria *obedecer aos mandamentos de Deus* para receber o dom da vida eterna. Claro e transparente!

Como assinala o apóstolo Tiago, a crença não faz sentido a menos que seja apoiada pela ação e pela obediência: “Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; *também os demônios o creem e estremecem*” (Tiago 2:19). Se pensarmos que crer é tudo o que precisamos fazer para ganhar a salvação, nós estamos muito enganados. Como nos disse Tiago, os espíritos demoníacos acreditam plenamente em Deus e sabem que Jesus é o Filho de Deus ressuscitado dentre os mor-

tos. Mas isso não significa que eles estejam salvos!

Tiago continua explicando que a fé e a obediência andam de mãos dadas, usando o exemplo de Abraão, a quem Deus disse para sacrificar seu filho Isaque (depois o impediu de fazer isso): “Mas, ó homem vão, queres tu saber que *a fé sem as obras é morta*? Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vês que a fé cooperou com as suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada?” (Tiago 2:20-22).

Assim Tiago explicou que as obras de obediência, como resultado de nossa fé, mantêm nosso relacionamento com Deus e levam a *mais* fé e obediência, conforme Deus exige. Sem obras como evidência de nossa vida na fé, essa fé está “morta”—vazia e inútil.

Batismo e imposição de mãos

Jesus falou sobre outra condição para o dom divino da vida eterna em Marcos 16:16: “*Quem crer e for batizado será salvo*; mas quem não crer será condenado”. O batismo nas águas—por imersão total—é um ato simbólico que representa a morte e a lavagem de nossos antigos pecados e o começo de uma nova vida de serviço a Deus e de luta para evitar o pecado (Romanos 6:1-23). Por meio desse ato, matamos e enterramos, simbolicamente, o antigo eu e saímos daquele túmulo aquático para uma nova vida como uma nova pessoa.

O batismo deve ser seguido

pela imposição de mãos por um verdadeiro ministro de Jesus Cristo, que nos permite receber o Espírito Santo de Deus e, realmente, passar a pertencer a Ele (Atos 8:17; Romanos 8:9). Se não entregarmos nossa vida a Deus através do batismo e da imposição de mãos para receber Seu Espírito, conforme as instruções, então nós deixamos de cumprir Seus pré-requisitos para receber Seu dom de salvação.

O apóstolo Pedro asseverou essas condições para se receber o Espírito de Deus, declarando: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja *batizado* em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38). O arrependimento significa passar da desobediência para a obediência a Deus. Então, novamente, o compromisso da obediência e o batismo são apresentados como requisitos no processo de salvação.

Para aqueles que descartam essas e outras instruções bíblicas claras, Jesus responde: “E por que me chamais Senhor, Senhor, e *não fazeis o que Eu digo?*” (Lucas 6:46).

Em Mateus 10:22 e Mateus 24:13, Jesus deu outra condição que devemos cumprir para receber o dom da salvação de Deus: “*Aquele que perseverar até ao fim será salvo*”. Como Jesus disse, de forma clara e direta, aqui, podemos perder a salvação se não conseguirmos perseverar até ao fim (ver também “Aqueles Que Deus Perdoou Podem Rejeitar Sua Graça?” nas páginas 30-31).

Uma vez que nos comprometemos a obedecer e nos render a Deus,

devemos seguir assim até ao fim e não olhar para trás (Lucas 9:62).

A salvação é de graça, mas não é barata

Você já deve ter ouvido a expressão “a salvação é de graça, mas não é barata”—em contraste com a “graça barata”, que muitos parecem acreditar piamente. O divino dom da vida para nós custou a vida de Jesus Cristo. Ele, o próprio Filho de Deus, renunciou voluntariamente à *Sua vida*, para que pudéssemos receber esse maravilhoso dom de Deus: a vida eterna. E isso custou muito ao Pai, que “deu o Seu Filho unigênito” (João 3:16).

Mas Deus espera que entreguemos nossas vidas em troca, como Jesus declara em Lucas 14:33: “Assim ninguém pode ser Meu discípulo *se primeiro não resolver abrir mão de todas as outras coisas, por Mim*” (Bíblia Viva).

O dom divino da vida eterna teve um custo muito mais alto do que podemos imaginar. E como Jesus Cristo deu a vida por nós, precisamos estar dispostos a dar nossa vida para segui-Lo!

Então, voltando à pergunta inicial, Deus impõe condições pelo Seu dom de salvação? Obviamente, a resposta é sim. E Sua Palavra enuncia essas condições. Devemos ter certeza, como nos exorta Hebreus 2:3, de não “negligenciarmos tão grande salvação” (ARA). (Para saber mais sobre as obrigações que temos para com Deus como receptores de Sua graça, leia “Qual Era o Significado da ‘Graça’ no Mundo do Primeiro Século?”, a partir da página 80).

A Graça em Ação: O Exemplo de Jesus Cristo

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14).

Jesus Cristo nos dá o preeminente exemplo da graça em ação. Ele cresceu em graça ou favor diante de Deus e das pessoas (Lucas 2:52), sendo um destinatário das bênçãos de Seu Pai, bem como Aquele que o Pai utilizaria para abençoar o mundo inteiro.

E nisso Jesus deu um exemplo para Seus discípulos seguirem. Todos nós devemos ser destinatários e instrumentos da graça de Deus para os outros, desenvolvendo a mesma mentalidade dEle. O apóstolo Pedro instruiu os cristãos: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas “ (1 Pedro 4:10, NVI).

Jesus foi pioneiro nesse caminho. Mais uma vez, Jesus foi o presente do Pai para o mundo e Ele se entregou completamente. Que tipo de graça, personificada e ensinada por Jesus, Ele espera que mostremos, vivamos e que faça parte de nossas vidas? Como era Jesus vivendo pela graça?

A surpreendente origem de Jesus

O prólogo do evangelho do apóstolo João explica quem era Jesus, preparando o cenário para isso. João 1:14 nos diz: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”.

Observe como Jesus Cristo é caracterizado aqui—como “*cheio de graça e de verdade*”. Muitos reconheceram os termos “graça e verdade” aqui como referência a uma frase usada repetidamente no Antigo Testamento para descrever o caráter de Deus e, frequentemente, traduzido como “misericórdia e verdade”. Porém, nesta frase, o termo hebraico para “misericórdia” tem um significado mais amplo. É a palavra *hesed*, mencionada anteriormente em relação à graça. Ela tem o sentido de amabilidade, benevolência, amor inabalável, fidelidade à aliança e devoção.

Surpreendentemente, o Deus descrito dessa maneira no Antigo Testamento não era apenas o Pai, mas Aquele por Quem Deus interagiu com a humanidade—o Verbo que se tornou Jesus Cristo.

O Verbo, através do qual Deus criou todas as coisas (versículos 1-3, 10; Colossenses 1:16; Hebreus 1:2), tornou-se um ser humano. Vemos aqui que a graça e a verdade que caracterizam Deus chegaram até nós na forma de um homem de carne e sangue, que viveu entre nós.

Em 1 João 1:1-3, o apóstolo João nos explica a respeito de Jesus Cristo: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros...” (ARA).

João nos diz que ele e os outros discípulos viram o próprio Verbo da vida: “o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam”. Eles o abraçaram. Eles compartilharam refeições com Ele. Eles moraram com Ele. Eles faziam parte da vida dEle. Eles viram tudo. E foi uma experiência profunda estar ali com Ele constantemente durante esse tempo.

Jesus Cristo trouxe a abundante graça

João ainda explica: “João [Batista] testemunha a respeito dEle e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim. Porque todos nós temos recebido da Sua plenitude e graça sobre graça” (João 1:15-16, ARA).

A frase “graça sobre graça” é um pouco difícil de entender. O significado é simplesmente de que recebemos através dEle *uma superabundância* de graça ou favor. A Bíblia na Linguagem de Hoje diz aqui: “Porque todos nós temos sido abençoados com as riquezas do seu amor, com *bênçãos e mais bênçãos*”. A Bíblia de Jerusalém traduz esse trecho assim: “Pois de sua plenitude todos nós recebemos *graça por graça*”. E assim traduz a Bíblia Amplificada: “Pois da Sua plenitude todos recebemos *uma graça após outra e bênção espiritual sobre bênção espiritual e favor sobre favor e dom sobre dom*”.

Outra maneira de descrever “graça sobre graça”, é que significa *graça abundante*. Isso é o que o apóstolo João viu na vida de Jesus Cristo—favor e bênção superiores a tudo que havia antes, e superior a qualquer coisa que já estava disponível antes.

Agora, João diz que temos a graça que nos foi estendida pessoalmente pelo Verbo—realizada da maneira mais surpreendente possível. O Verbo, que estava com Deus e era Deus (versículo 1), Aquele por quem Deus criou todas as coisas, inclusive a humanidade (versículo 3), desceu do céu para se tornar um ser humano de carne e sangue (versículo 14). Agora Ele se revelava a Si mesmo como um ser humano, oferecendo e derramando a graça de Deus para outras pessoas de uma maneira que era inegavelmente real para elas.

Como era essa graça na vida real? Os Evangelhos registram muitos exemplos, dos quais abordaremos alguns. A melhor maneira de entender a graça é entender o seguinte: *O que Jesus fez?* Como Ele estendeu a graça? Como isso foi exemplificado em Sua vida? Como devemos entender o

que Ele fez? E então temos que fazer a pergunta mais importante: Diante disso, *o que devemos fazer?*

Como Jesus Cristo demonstrou o que era a graça

Vamos primeiro observar o encontro de Jesus com um homem paralisado, em Marcos 2:1-12: “E, alguns dias depois, entrou outra vez em Cafarnaum, e soube-se que estava em casa. E logo se ajuntaram tantos, que nem ainda nos lugares junto à porta eles cabiam; e anunciava-lhes a palavra”.

“E vieram ter com ele, conduzindo um paralisado, trazido por quatro. E, não podendo aproximar-se dEle, por causa da multidão, descobriram o



telhado onde estava e, fazendo um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralisado. E Jesus, vendolhes a fé, disse ao paralisado: Filho, perdoados estão os teus pecados”.

Jesus sabia que iria curar o homem. Mas, além de restaurar o corpo do homem, Ele disse: “Filho, perdoados estão os teus pecados.”

“E estavam ali assentados alguns

O Verbo, que estava com Deus e era Deus, Aquele por quem Deus criou todas as coisas, inclusive a humanidade, desceu do céu para se tornar um ser humano de carne e osso.

dos escribas [que eram parte da autoridade religiosa daquela época], que arrazoavam em seu coração, dizendo: Por que diz Este assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?”

Os escribas estavam certos. Sem dúvida, ninguém poderia perdoar pecados, senão apenas Deus. Mas eles falharam em ver que Deus estava bem diante deles naquele momento!

“E Jesus, conhecendo logo em Seu espírito que assim arrazoavam entre si, lhes disse: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração? Qual é mais fácil? Dizer ao paralisado: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer-lhe: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda?

“Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar pecados (disse ao paralisado), a ti te digo: Levanta-te, e toma o teu leito, e vai para tua casa”.

Os escribas devem ter se assustado ao ver que Jesus sabia exatamente o que eles estavam pensando. Mas eles ficaram definitivamente chocados com o que aconteceu depois!

“E [o paralisado] levantou-se e, tomando logo o leito, saiu em pre-

sença de todos, de sorte que todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos”.

Aquilo era algo inédito. Os pecados de uma pessoa foram perdoados e sua paralisia curada diante de seus olhos. Assim a graça chegara através de Jesus Cristo—sendo demonstrada através do Verbo em carne, que estava perdoadando pecados e curando ali mesmo. Certamente, as pessoas estavam maravilhadas!

Outra cura extraordinária

Em Marcos 7:31-37, encontramos o registro de outra cura impressionante: “E Ele, tornando a sair dos territórios de Tiro e de Sidom, foi até ao mar da Galileia, pelos confins de Decápolis. E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente, e rogaram-lhe que impusesse as mãos sobre ele.

“E, tirando-o à parte de entre a multidão, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e, cuspidos, tocou-lhe na língua. E, levantando os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá, isto é, abre-te. E logo se lhe abriam os ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente.

“E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem; mas, quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam. E, admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e falar os mudos”. Obviamente, era difícil para eles conterem a emoção e o espanto.

Aqui, como no exemplo anterior, vemos que Jesus simplesmente estendeu a graça ao homem. Ele tinha o direito de dá-la, e assim fez.

A cura de uma mulher com espírito de enfermidade

Em Lucas 13:10-17, encontramos outra cura incrível. Isso ocorreu no sábado, o que levou a Jesus a entrar em conflito com os mestres religiosos daquela época, que impuseram severas restrições sobre o que poderia ser feito naquele dia—coisas muito além dos requisitos da lei de Deus. Vamos ler o que aconteceu:

“E ensinava no Sábado, numa das sinagogas. E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos; e andava curvada e não podia de modo algum endireitar-se. E, vendo-a Jesus, chamou-a a si, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade.

“E impôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou e glorificava a Deus. E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no Sábado, disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vinde para serdes curados e não no dia de Sábado.

“Respondeu-lhe, porém, o Senhor e disse: Hipócrita, no Sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi ou jumento e não o leva a beber água? E não convinha soltar desta prisão, no dia de Sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás mantinha presa”.

“E, dizendo Ele isso, todos os Seus adversários ficaram envergonha-

dos, e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por Ele”.

Há uma série de coisas notáveis nessa cura, mas duas se destacam em particular. Uma é que Jesus usa isso como uma oportunidade de ensinamento para mostrar o tipo de compaixão que devemos ter por aqueles em situações tão tristes. A outra é que, como nos dois exemplos abordados acima, *a mulher não lhe pediu diretamente a cura*. Jesus viu uma pessoa necessitada e fez o que estava ao seu alcance para suprir sua necessidade.

Jesus cura um leproso

Algumas das curas de Jesus se tornam muito mais reveladoras e significativas quando entendemos o contexto histórico e cultural dos eventos. Um desses se encontra em Marcos 1:40-45, quando Jesus curou um leproso.

Naqueles dias, a lepra era considerada uma maldição de Deus como resultado do pecado. Por se tratar de uma doença contagiosa, os leprosos eram colocados em quarentena e obrigados a viver “fora do acampamento”—longe das cidades e vilas e do contato com outras pessoas. Ser leproso tinha que mostrar visualmente que sofria dessa doença ao se vestir com roupas rasgadas e ter os cabelos despenteados, cobrir a boca e a parte inferior do rosto e gritar “imundo, imundo!” quando estiver próximo de outras pessoas (Levítico 13:45-46).

A lepra era uma doença horrível, agravada pelo fato de os leprosos serem vistos como pessoas muito perversas que Deus amaldiçoara como punição por seus pecados.

Os líderes religiosos criaram normas severas para impedir que os leprosos tenham contato com outras pessoas. Aos leprosos não era permitido chegar a menos de dois metros de uma pessoa sadia, para que não houvesse contaminação ou a doença se espalhasse. Mas, se estivesse ventando, a distância mínima era cerca de quarenta e cinco metros. Porém, essas não eram normas de Deus. Elas eram normas criadas pelo homem, e acrescentadas ao que Deus havia dito sobre a prevenção de doenças.

Os leprosos eram tão detestados e desprezados pelos outros que não demorou muito para que eles mesmos se detestassem e se desprezassem. Eles não foram atormentados apenas fisicamente, mas também mentalmente. Provavelmente, muitos suicidariam, violando o mandamento de Deus contra o assassinato, se não encontrassem uma maneira de escapar dessa situação.

Se a pessoa era leprosa, ela tinha que viver longe das outras pessoas, sozinha ou com outros leprosos. Sua pele tinha feridas abertas e fedorentas, que escorriam pus. Ninguém poderia tocar na pessoa—nem o marido, nem a esposa, nem os filhos, nem os pais, nem os amigos—ninguém. Ninguém jamais poderia abraçá-la, apertar sua mão ou dar-lhe um tapinha nas costas. A pessoa era considerada intocável.

E por ser impedida de entrar em contato com outros seres humanos, a pessoa nunca poderia ir ao templo para oferecer expiação por seus pecados; assim, ela era perpetuamente afastada não apenas de outros seres humanos, *mas também de Deus*. Praticamente, ela era um morto-vivo—desprezada, rejeitada, separada da humanidade e também de Deus. E seria assim até morrer. Era alguém abandonado. Alguém que não tinha nome nem rosto. E *não tinha esperança*. Esta era a situação desesperadora do homem leproso que veio até Jesus.

Novamente, devemos entender que esse tipo de tratamento estava muito aquém da intenção de Deus quanto às leis da quarentena. Na verdade, as leis da quarentena faziam *parte da graça de Deus*, e tinham o objetivo de proteger a nação e ensinar lições importantes—e foram dadas por Quem que se tornou Jesus! As pessoas poderiam ter feito um esforço para encontrar maneiras de incluir os leprosos na comunidade, mas não fizeram.

Continuando com a história a partir de Marcos 1:40: “E aproximou-se dEle um leproso, que, rogando-Lhe e pondo-se de joelhos diante dEle, lhe dizia: Se queres, bem podes limpar-me”.

Observe que o leproso não pediu diretamente para ser curado—ele se ajoelhou diante de Jesus e disse simplesmente: “Se queres, bem podes limpar-me”. Ele expressou sua grande fé de que Jesus poderia curá-lo.

Em sua descrição paralela desse evento, Lucas, sendo médico, acrescenta os detalhes de que o homem estava “*cheio de lepra*” (Lucas 5:12), indicando que o homem tinha um caso muito grave e poderia já estar morrendo da doença. Independente disso, a aparência desse homem devia ser horrível.

Então, Jesus fez algo *impensável* naquela cultura e que chocaria qualquer um que testemunhasse: “E Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e *tocou-o*, e disse-lhe: Quero, sê limpo!” (Marcos 1:41).

Jesus ignorou a norma que exigia manter a distância de pelo menos dois metros dos leprosos. Ele estendeu a mão e tocou aquele homem, que outros viam como amaldiçoado. E isso chocaria a todos, porque ninguém tocava nos leprosos! Mas, então, diante de olhos deles, “*logo a lepra desapareceu, e ficou limpo*” (versículo 42).

A lepra sumiu! E isso foi contra tudo o que as pessoas que testemunharam esse milagre pensavam e entendiam sobre os leprosos.

E, depois de curá-lo, Jesus disse ao homem para fazer algo. “E, advertindo-o severamente, logo o despediu. E disse-lhe: Olha, não digas nada a ninguém; porém vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho” (versículos 43-44).

Como o leproso já estava curado, por que Jesus disse-lhe que fosse ao sacerdote e fizesse as ofertas necessárias? Primeiro, porque isso era um requisito da lei, que Jesus confirmou. Mas, provavelmente, tinha algo

mais por trás disso, pois a cura física era apenas parte do que o homem precisava. O que ele precisava ainda mais era ser *totalmente restaurado como membro da comunidade*. E a cura por si só não conseguiria isso. Pois, sem ser oficialmente declarado curado e purificado por um sacerdote, o homem continuaria sendo um pária, isolado de sua família e da comunidade (Levítico 13:1-6).

Então, Jesus aqui realizou dois atos de graça em relação a esse homem: Ele não apenas o curou de uma doença horrível e desfiguradora, mas também fez questão de enfatizar ao homem a maneira de restaurá-lo à família, aos amigos e à sociedade—para não mais fosse visto como um pária amaldiçoado.

A mulher com fluxo de sangue

A cura do leproso tem um paralelo com outra cura registrada em Marcos 5: “E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, e que havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior” (versículos 25-26).

Assim como no caso do leproso, talvez seja fácil ler a história e não entender o que isso significa para a mulher. O que isso significava no primeiro século? Ela tinha um fluxo contínuo de sangue. Isso significava que ela era impura e intocável (Levítico 15:25). Se ela fosse casada, seu marido não poderia tocá-la para que também não se tornasse imundo. Se ela tivesse filhos, eles também não poderiam tocá-la e nem ser tocada por eles.

Novamente, essas leis, dadas por Aquele que se tornou Jesus, como sendo parte da graça de Deus, estavam sendo mal aplicadas, exagerando-se nos rituais de impurezas e pondo-os acima da compaixão. A lei apenas exigia que uma pessoa que tivesse contato com alguém com um fluxo de sangue devia banhar-se e esperar um curto período de purificação até o pôr do sol. As pessoas poderiam facilmente contrair rotineiramente essa breve impureza por passar um tempo com aqueles que sofrem—ou poderiam tomar medidas para evitar o contato direto. Mas os doentes passaram a ser considerados amaldiçoados e repulsivos—e assim eram evitados.

Essa tinha sido a vida dessa mulher *por doze penosos longos anos*. Talvez ela não tivesse sentido um toque humano por todo esse tempo. Provavelmente, ela não tinha sido abraçada, beijada ou afagada—nem pelo marido, nem pelos filhos, nem pela família, nem pelos amigos. Ela era impura e rejeitada.

As circunstâncias trágicas dessa mulher parecem muito com as do leproso, que também estava desesperado e afastado do toque humano. Mas, Jesus Cristo ajuda os desamparados e dá esperança aos desesperados.

E ela não estava melhorando. Na verdade, ela estava piorando. E para aumentar sua indignidade, ela gastou todo o dinheiro que tinha com médicos, tentando encontrar uma cura para sua doença, mas nada havia funcionado. Ela estava em uma situação muito sombria e desesperada. Ela estava quase sem esperança.

As circunstâncias trágicas dessa mulher parecem muito com as do leproso, que também estava desesperado e afastado do toque humano. Mas, Jesus Cristo ajuda os desamparados e dá esperança aos desesperados.

“Ouvindo falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou na Sua vestimenta. Porque dizia: Se tão-somente tocar nas Suas vestes, sararei. *E logo se lhe secou a fonte do seu sangue, e sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal*” (versículos 27-29).

Isso é surpreendente! Ela tocou as vestes de Jesus e imediatamente sentiu que tinha sido curada. Talvez tenha sido como se um choque elétrico houvesse atravessado seu corpo. Mas ela não foi a única que sentiu isso—Jesus também sentiu.

“Jesus, reconhecendo imediatamente que dEle saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem Me tocou nas vestes?

“E disseram-Lhe os Seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem Me tocou? E Ele olhava em redor, para ver a que isso fizera.

“Então, a mulher, que sabia o que lhe tinha acontecido, temendo e tremendo, aproximou-se, e prostrou-se diante dEle, e disse-Lhe toda a verdade. E Ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê curada deste teu mal” (versículos 30-34).

Mais uma vez, vemos uma formidável história do poder e da graça de Deus em ação na vida de Jesus Cristo!

A preocupação de Jesus com as crianças

Os Evangelhos registram como Jesus, frequentemente, se preocupava com as necessidades dos outros. Em sua época, as crianças eram, corretamente, vistas como uma bênção de Deus (Salmo 127:3-5), mas às vezes eram negligenciadas quando se tratava de assuntos de adultos, como os temas espirituais.

Jesus, no entanto, se esforçou para demonstrar Seu cuidado até mesmo com as crianças pequenas. Encontramos isso registrado em Marcos 10:13-16: “E traziam-Lhe crianças para que lhes tocasse, mas os discípulos repreendiam aos que lhas traziam.

“Jesus, porém, vendo isso, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir os pequeninos a Mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus. Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele. E, tomando-as nos Seus braços e impondo-lhes as mãos, as abençoou”.

Jesus estava completamente envolvido e dedicado à mais importante

missão da história da humanidade. Mas o que Ele fez quando os pais lhe trouxeram seus filhinhos? Ele tirou um tempo do Seu dia para não apenas prestar atenção neles, mas também para “abençoá-los”—pedindo a bênção de Deus para eles.

Para Jesus Cristo, ninguém era muito pequeno ou sem importância para dedicar Seu tempo—até mesmo os mais jovens e pequeninos seres humanos. Ele os trataria também com graça e preocupação, assim como tratava todos os outros.

Alimentando multidões

Embora muitos dos milagres de Cristo tenham sido individuais, como aqueles mencionados acima, em alguns casos eles abrangiam milhares de pessoas. E um desses foi a alimentação de multidões, milagre que Jesus realizou duas vezes. (para ser exato, observamos que Jesus disse que os milagres foram feitos *através* dEle, dando crédito a Deus Pai, ao dizer em João 5:30, “Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma”, e em João 14:10, “o Pai, que está em Mim, é quem faz as obras”. Ainda assim, é apropriado falar que Jesus fazia os milagres, pois a própria Escritura afirma que Ele “curou muitos”).

Em Marcos 6, encontramos o primeiro milagre da alimentação de milhares de pessoas. Sentindo-se pressionados pela multidão que O seguiam, Jesus e os apóstolos partiram para “um lugar deserto” por terem algum tempo de tranquilidade (versículos 31-32). A história começa nos versículos 34-44, quando as multidões vieram atrás dEle:

“E Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas”.

Observe aqui o que motiva Jesus. Embora Ele tivesse se afastado para uma área deserta para ter o indispensável descanso e privacidade, as multidões O alcançaram, Jesus “*teve compaixão deles*”. Ele era uma pessoa naturalmente compassiva e empática.

“E, como o dia fosse já muito adiantado, os Seus discípulos se aproximaram dEle e Lhe disseram: O lugar é deserto, e o dia está já muito adiantado; despede-os, para que vão aos campos e aldeias circunvizinhas e comprem pão para si, porque não têm o que comer.

“Ele, porém, respondendo, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram-Lhe: Iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para lhes darmos de comer?”

Duzentos denários eram mais de meio ano de salário, portanto, era uma multidão enorme para alimentar—tão grande que exigiria o equivalente a muitos milhares de Reais ou Euros! Além disso, já era tarde, e levaria tempo para que os apóstolos ou a multidão se dispersassem nas aldeias próximas para encontrar comida suficiente para comer—se isso fosse possível a essa hora tardia.

“E Ele disse-lhes: Quantos pães tendes? Ide ver. E, sabendo-o eles, disseram: Cinco pães e dois peixes”.

“E ordenou-lhes que fizessem assentar a todos, em grupos, sobre a erva verde. E assentaram-se repartidos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta. E, tomando Ele os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, e abençoou, e partiu os pães, e deu-os aos Seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos.

“E todos comeram e ficaram fartos, e levantaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens”.

Com cinco pães e dois peixes, Jesus alimentou cerca de cinco mil homens—sem contar mulheres e crianças (Mateus 14:21), o que pode elevar essa cifra a uma multidão de quinze mil pessoas. E não desperdiçaram nada, eles recolheram doze cestos de sobras!

Qual foi a grande motivação de Cristo para esse incrível milagre de generosidade e preocupação? Ele *“teve compaixão”* daquelas pessoas. Sem dúvida, Ele se importava profundamente com as pessoas. Ele não queria de modo algum ver ninguém ir embora com fome à noite.

Isso é expresso ainda mais profundamente noutra ocasião em que se repetiu esse milagre em Marcos. Ali Marcos diz: “Naqueles dias, havendo mui grande multidão e não tendo o que comer, Jesus chamou a si os Seus discípulos e disse-lhes: *Tenho compaixão da multidão*, porque há já três dias que estão Comigo e não têm o que comer. E, se os deixar ir em jejum para casa, desfalecerão no caminho, porque alguns deles vieram de longe” (Marcos 8:1-3).

Como antes, Ele é motivado pela compaixão porque realmente se importa com as pessoas. Durante todo esse tempo, Jesus mostra os cuidados dEle e do pai ao curar e ensinar a um grande número de pessoas, mas também observa algo—vê que estão com fome. Então, novamente, Ele multiplica alguns pães e peixes para alimentar a multidão, desta vez cerca de quatro mil homens (versículos 4-9)—novamente, sem incluir mulheres e crianças (Mateus 15:38).

Então, mais uma vez, vemos o cuidado e a graça de Deus em ação, personificados na vida e nas ações de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Jesus ressuscita o filho de uma viúva

A compaixão de Jesus Cristo levou atos de graça, de bondade e de amor às pessoas—inclusive ressuscitando pessoas dentre os mortos! Lemos um exemplo disso em Lucas 7:11-17:

“E aconteceu, pouco depois, ir Ele à cidade chamada Naim, e com Ele iam muitos dos Seus discípulos e uma grande multidão. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade.

“E, vendo-a, o Senhor *moveu-se de íntima compaixão por ela e*

disse-lhe: Não chores. E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam) e disse: Jovem, Eu te digo: Levanta-te.

“E o defunto assentou-se e começou a falar. E entregou-o à sua mãe. E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o Seu povo. E correu dEle esta fama por toda a Judéia e por toda a terra circunvizinha”.

Aqui, novamente, temos um milagre dramático *o qual nem sequer pediram a Jesus*. Como Lucas registra, Jesus e muitos de Seus seguidores estavam prestes a entrar na cidade quando encontram um cortejo fúnebre com o único filho de uma mãe viúva. Jesus teve compaixão da mulher que perdeu o filho, interrompeu a cortejo e ressuscitou o filho imediatamente—*sem que ninguém pedisse*.

Inesperadamente, Ele mostrou a graça de Deus dando vida ao filho daquela mulher—exatamente como havia levado Seu profeta Eliseu a fazer milagre semelhante quase no mesmo lugar séculos antes (2 Reis 4:8-37), e, antes disso, também Elias (1 Reis 17:17 -24). Isso era especialmente importante para uma viúva naquela cultura, pois se esperava que seu único filho cuidasse dela em sua velhice. Jesus sabia disso e lhe deu uma bênção dupla—abençoando-a naquele momento devolvendo-lhe o filho e abençoando-a no futuro restaurando o filho que cuidaria dela nos anos seguintes.

A mulher adúltera

Muitas vezes os inimigos de Jesus tentaram acusá-Lo e prendê-Lo, mesmo quando se tratava de questões de perdão e misericórdia. Encontramos um exemplo impressionante disso em João 8:2-11:

“E, pela manhã cedo, voltou para o templo, e todo o povo vinha ter com Ele, e, assentando-se, os ensinava. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-Lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando, e, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?

“Isso diziam eles, tentando-O, para que tivessem de que O acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-Lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra”.

Eles estavam tentando armar uma armadilha para desacreditar Jesus, mas Ele virou a mesa contra eles, fazendo com que fossem condenados por suas próprias consciências.

“Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficaram só Jesus e a mulher, que estava no meio. E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?

“E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem Eu também te condeno; vai-te e não peques mais”.

Por um triz, a mulher escapara da morte por apedrejamento, e ela sabia disso. Ela fora apanhada pecando e, obviamente, era culpada. Ela merecia a punição exigida pela lei. E, provavelmente, teria sido executada, se não fosse pela graça salvadora de Deus através da intervenção de Jesus Cristo.

O próprio Jesus havia estipulado o julgamento por adultério no Antigo Testamento. Mas essa situação era um grande escárnio, pois

Se fôssemos resumir o que vimos neste capítulo, poderíamos dizer que a graça é a própria natureza e caráter de Deus, a qual Ele espera que a demonstremos em nossas vidas.

os também culpados segundo a lei é que queriam fazer “justiça”. Jesus os desconcertou, não restando nenhuma testemunha para uma condenação, e assim salvou a vida daquela mulher. Mas Jesus também recebeu do Pai a autoridade de julgar (João 5:22) e o poder de perdoar pecados—assim expressava a misericórdia de Deus. Na verdade, logo Ele levaria sobre Si mesmo a pena que aquela mulher merecia.

Será que a história dessa mulher tem algo a ver conosco? Sim, porque

a história dela é também a nossa. Cada um de nós é um pecador, sem quaisquer direitos por causa da nossa culpa e pecados. Sem dúvida, merecemos a mesma pena de morte. Mas Jesus interveio e nos disse por meio de suas ações: “Nem Eu também te condeno; vai-te e não peques mais”. Jesus deu Sua vida por nós, para que sejamos perdoados, removendo assim essa terrível penalidade—então, precisamos viver no caminho correto!

Aprendendo graça pelo exemplo de Jesus Cristo

Como vimos, repetidamente, os Evangelhos mostram Jesus Cristo dando exemplo da graça em Seus pensamentos, ações e ensinamento. Nós o encorajamos a ler regularmente os Evangelhos para aprender mais com o exemplo dEle.

Se vamos ser bons dispenseiros da graça de Deus quando a administramos aos outros como Pedro nos aconselha a fazer (1 Pedro 4:10), então este é o tipo de compaixão, misericórdia e amor que devemos demonstrar continuamente em nossas vidas.

Se fôssemos resumir o que vimos neste capítulo, poderíamos dizer que a graça é a própria natureza e caráter de Deus, a qual Ele espera que a demonstremos em nossas vidas.

Jesus Cristo é o exemplo perfeito dessa graça em ação. Que possamos seguir Seu exemplo em todos os aspectos!

“Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”

A passagem de João 1:17 confunde algumas pessoas devido ao modo como é traduzido em algumas versões da Bíblia: “Porque a Lei foi dada por Moisés, *mas* o amor e a fidelidade vieram através de Jesus Cristo” (CNBB). Nas versões Bíblia na Linguagem de Hoje e Bíblia CNBB, a palavra “mas” foi incluso no texto. Porém, essa palavra *não aparece* nos manuscritos bíblicos originais, ela *foi adicionada* pelos tradutores.

Muitas vezes, essas adições ajudam os leitores a entender melhor o significado, mas não neste caso. Aqui, a inclusão da conjunção “mas” cria um contraste que nunca existiu no texto original de João.

Os tradutores de várias outras versões da Bíblia entenderam que o “mas” não pertence ao texto, e interpretaram esse versículo de maneira diferente. Felizmente, na maioria das principais versões da Bíblia em língua portuguesa esse texto foi traduzido corretamente.

O apóstolo João, sendo um cristão judeu devoto, certamente entendeu que a graça já existia antes de Jesus Cristo vir ao mundo. Ele sabia que o Deus de Israel era cheio de *graça e misericórdia* (Êxodo 34:6; 2 Crônicas 30:9; Neemias 9:17, 31; Salmos 103:8; 116:5; Joel 2:13; Jonas 4:2). Ele também sabia que a lei que Deus entregou a Moisés era uma grande bênção—

um dom da graça de Deus (Salmos 19:7-11; 119:86, 127, 140, 172; Romanos 7:14).

Por essa razão, o próprio João escreveria sobre a necessidade de os cristãos guardarem os mandamentos de Deus em passagens como estas:

- “E nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os Seus mandamentos” (1 João 2:3).

- “Aquele que diz: Eu conheço-O e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade” (1 João 2:4).

- “E qualquer coisa que Lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os Seus mandamentos e fazemos o que é agradável à Sua vista” (1 João 3:22).

- “E aquele que guarda os Seus mandamentos nele está, e Ele nele” (1 João 3:24).

- “Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos” (1 João 5:2).

- “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3, ACF).

- “E o amor é este: que andemos segundo os Seus mandamentos” (2 João 6, ACF).

- “Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos, para

► (continua na página 52)

Resgatados pela graça de Deus: A história de Maria

Muitos não sabem que na Bíblia as palavras traduzidas como “salvar” e “salvador” podem se referir a mais do que a salvação definitiva no sentido espiritual. Originalmente, os termos hebraico e grego (e suas variações) também têm conotações de “resgate” e “libertar”—para salvar num sentido imediato, para resgatar de circunstâncias ou situações perigosas ou desesperançadas.

Tanto Deus Pai quanto Jesus Cristo são chamados de nosso Salvador na Bíblia, e com razão. Não podemos receber o dom da salvação de Deus pela graça sem Eles. Mas também devemos considerar que Eles são nossos salvadores e libertadores de situações desesperadoras nesta vida.

Às vezes, devemos ser resgatados e libertados de situações desesperadas antes de poder avançar no caminho rumo à salvação espiritual de Deus. Encontramos diversas pessoas nessa situação na Bíblia.

Uma mulher necessitando desesperadamente de resgate

Miriam, uma judia que viveu no primeiro século, era uma dessas pessoas. Hoje mais conhecida por Maria Madalena, ela morava na pequena vila de pescadores de Magdala, às margens do mar da Galileia, cerca de oito quilômetros de Cafarnaum, onde Jesus Cristo viveu depois de se mudar de Nazaré.

Sabemos pouco sobre o passado dela. Não sabemos a idade dela e

nem se ela era casada ou solteira, como também se ela teve filhos. E não sabemos o que aconteceu com ela. Mas sabemos que *ela precisava desesperadamente ser resgatada*.

Maria estava *possuída por sete demônios* (Marcos 16:9; Lucas 8:2).

Hoje, em nossa era supostamente iluminada, é fácil descartar a influência e a possessão demoníaca como algum tipo de superstição ou doença mental baseado na ideia de mitos. Mas a Bíblia é categórica ao afirmar a existência de um mundo espiritual muito real, paralelo e envolto ao nosso mundo e habitado por anjos caídos, rebeldes e perversos —o principal deles sendo Satanás, o diabo.

Às vezes, como mostram as Escrituras, os demônios podem possuir seres humanos—levando a um comportamento bizarro, imprevisível, perigoso e, muitas vezes, autodestrutivo. Como era a vida de Maria nessa condição? Não temos os detalhes, mas, mesmo nas melhores circunstâncias, deve ter sido um tipo de inferno. Geralmente, hoje em dia, falamos da vida de pessoas instáveis usando frases como “um trem desgovernado”, “fora dos trilhos” ou “um desastre prestes a acontecer”. E, sem dúvida, assim era a vida dela.

A possessão demoníaca torna uma pessoa perigosa, desiludida e complicada, de uma forma muito difícil de alguém compreender. Isso fica claro nos exemplos bíblicos em que

indivíduos possuídos por demônios se mutilavam, se jogavam no fogo, arrancavam suas roupas, gritavam



A Maria de Magadã, comumente conhecida como Maria Madalena, foi resgatada por Jesus Cristo quando Ele expulsou sete demônios dela e lhe deu uma vida normal. A história dela é um exemplo poderoso da graça de Deus e como Ele pode resgatar pessoas de situações desesperadoras.

à toa e viviam em túmulos, entre corpos mortos e em decomposição. Uma situação compreensivelmente sombria, porque essas pessoas não estavam mais no controle de suas vidas e ações. Mais do que qualquer outra coisa, elas precisam ser resgatadas!

Um resgate milagroso e a resposta de gratidão

A Bíblia não nos diz quando, onde ou como, mas Maria *foi resgatada*. Jesus ensinou e curou nas cidades e sinagogas por toda a Galileia, inclusive expulsando demônios. Sem dúvida, ele visitou Magdala e, certamente, as pessoas dali caminharam até a vizinha Cafarnaum para ouvi-Lo ensinar e para serem curadas. Em algum lugar daquela época, Maria, a endemoniada, tornou-se “Maria Madalena, a qual [Ele] tinha expulsado sete demônios” (Marcos 16:9; Lucas 8:2).

Jesus era um exemplo vivo da graça em ação e, nessa graça, primeiro Ele se tornou o Resgatador de Maria e depois o Salvador dela, em seu máximo sentido. Em sua grata devoção, ela se tornou uma seguidora muito dedicada e leal. Observe o que dizem os evangelhos sobre ela:

- Ela fazia parte do grupo que seguia Jesus por todo lugar; ela e várias outras mulheres que “ajudavam a sustentá-los com os seus bens” (Lucas 8:3, NVI).

- Ela foi fiel até o fim e testemunhou a crucificação e o sepultamento de Jesus, depois que a maioria dos discípulos fugiu e abandonou Jesus (Mateus 27:55-61).

- Depois que o corpo de Jesus ter sido sepultado, ela foi uma das mulheres que comprou e preparou especiarias para ungir Seu corpo (Marcos 16:1).

- Ela e outras mulheres foram as primeiras a chegar ao túmulo, onde viram a pedra removida e um anjo lhes disse para irem informar aos

outros discípulos que Jesus havia ressuscitado dos mortos (versículos 2-7).

- Ela contou aos outros essa notícia dramática, mas eles não acreditaram nela (Lucas 24:9-11).

- Ela foi a primeira pessoa a quem Jesus apareceu após Sua ressurreição dentre os mortos (Marcos 16:9; João 20:11-17).

E, dentre muitas pessoas encontradas nos evangelhos, Maria é uma das poucas que não tem nada de negativo escrito neles—além do fato de que Jesus havia expulsado sete demônios dela. Contudo, isso foi escrito simplesmente como uma maneira de diferenciá-la das várias outras mulheres chamadas de Maria nos Evangelhos. Isso não significa absolutamente uma mancha em seu caráter.

Na história de Maria, vemos um

maravilhoso exemplo da obra da graça. Por causa de circunstâncias fora de seu controle, ela estava numa situação terrível e desesperadora. E em um ato amoroso de misericórdia e graça, Jesus reconheceu isso e a libertou daquela possessão e influência demoníaca.

Em sua gratidão (uma palavra derivada do termo *graça*, num sentido de retornar benevolência pela benevolência recebida), ela se tornou uma seguidora dedicada de Seu Salvador, a quem conheceu como Seu Salvador espiritual, Mestre e Senhor. Como resultado, os escritores dos Evangelhos a consideraram um modelo para todos os outros que receberam o dom da graça de Deus. Nós também devemos ser seguidores dedicados, consagrando nossas vidas a servir ao Doador de tantas coisas boas para nós—assim como fez Maria!

► (“Porque a lei foi dada por Moisés” cont. da pg.49)

que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14, ACF).

João nunca declarou ou deu a entender que através de Moisés não veio nenhuma forma de graça. Ele entendeu que tudo que é bom veio da graça de Deus—inclusive a lei revelada através de Moisés. Na verdade, João explicou que Jesus era o Verbo que agia como Deus em nome do Pai durante o período do Antigo Testamento (João 1:1-3, 14, ver também “A Identidade de Jesus: Quem Entregou a Lei?” nas páginas 77-79). Isso significa que a lei que Deus deu por meio de Moisés foi dada por Aquele que se tornou Jesus Cristo! Contudo, ao vir à Terra, Jesus revelou muito mais coisas sobre essa lei—demonstrando a plenitude da graça e da verdade (ver versículo 14).

A lei de Deus foi entregue à humanidade para o bem e benefício de todos os seres humanos (Salmos 94:12; 112:1). Por si só, isso já foi uma grande bênção, uma maravilhosa dádiva de graça à humanidade, realizada por meio de Jesus Cristo. (Para saber mais, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito: *A Nova Aliança: Será que a Lei de Deus Foi Abolida?*).

Uma Parábola Que Mostra a Magnitude da Graça de Deus

Como vimos várias vezes nesse envolvente capítulo, Jesus exemplificou a graça de Deus em tudo que fez enquanto estava na Terra. E os Evangelhos estão repletos de muitos outros exemplos. Mas Jesus também contou uma extraordinária história que ilustra a magnitude da graça de Deus para conosco. Ela é conhecida como a Parábola do Filho Pródigo, encontrada em Lucas 15:11-32.

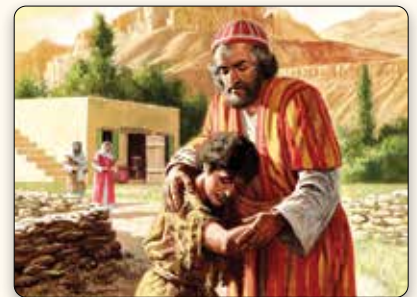
Jesus começou, dizendo: “Certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence”.

Na cultura daquela época, seria extremamente ofensivo um filho tratar seu pai assim. Pedir a herança enquanto o pai ainda estava vivo significava rejeitá-lo—na verdade, seria desejar que ele estivesse morto e fora de cena. Portanto, era praticamente incomum alguém desonrar seu pai dessa maneira. Essa ilustração deve ter sido chocante para os ouvintes de Jesus, levando-os a prestar muita atenção.

Ele continuou: “E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente”—um estilo de vida imprudente e desenfreado.

Para aqueles galileus, ouvintes de Jesus, o país longínquo, e outro fator que veremos em breve, trazia à mente a área gentia a leste do mar da Galileia, a área pagã de Decápolis,

onde os gregos haviam fundado uma série de cidades alguns séculos antes. Aquela cultura era totalmente pagã e pecaminosa, caracterizada pela idolatria e todos os tipos de pecados sexuais. Basicamente, aquele jovem desperdiçou sua herança em bebi-



A parábola do filho pródigo ilustra o amor que Deus tem por todos os Seus filhos, mesmo aqueles que O rejeitam totalmente.

das, mulheres e festas. Um equivalente moderno seria ir para Las Vegas e gastar centenas de milhares de dólares em jogos, mulheres e festas.

Essa história é bastante cáustica, pois quem aquele pai simboliza nessa história? *Deus Pai*, é claro. E quem é o filho perdido? Somos todos nós, *aqueles* que, em algum momento da vida, decidiram seguir seu próprio caminho longe de Deus. O pai na parábola, representando a Deus, está de luto e com o coração completamente partido pelas atitudes tolas

de seu filho. Mas ele sabe que não pode viver a própria vida do filho ou forçá-lo a mudar de ideia.

Voltando à parábola: “E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos”.

E quando nos voltamos para Deus—independentemente da gravidade de nossos pecados e erros—Ele estará pronto para nos acolher, nos encher de amor e carinho e nos receber em Sua família. Esse é um retrato surpreendentemente belo de Seu amor por nós!

Por esta razão sabemos que o filho foi para uma área pagã dos gentios, porque ele acaba alimentando suínos—que eram comumente criados para alimentação e também para sacrifícios nos diversos templos pagãos. O filho dele atingiu o fundo do poço. Depois que acabou o dinheiro de sua herança, as novas amizades dele também chegaram ao fim. Agora ele não tinha mais nada. O dinheiro se foi, os amigos se foram, a diversão se foi e a festa acabou. A realidade chegou—ele estava com fome, e o único trabalho que conse-

guiu encontrar foi o de alimentar os porcos naquela terra pagã.

Ele estava tão desesperado que o que ele estava alimentando os porcos começou a lhe parecer algo bom: “E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, *caindo em si*, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!”.

Aqui está a chave: “*cair em si*”. Ele se perdera e agora começara a voltar a si. Ele percebe que os funcionários de seu pai tinham mais do que ele, então tomou uma decisão que mudou sua vida.

“Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores”.

Ele reconhece que pecou tanto contra Deus quanto contra seu próprio pai. Ele sabe que perdeu todo o direito de ser chamado de filho ou de receber qualquer herança—ele havia desistido disso há muito tempo. Agora ele só quer um emprego como servo, que é algo melhor do que tinha agora.

“E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou”.

O pai, que retrata ao próprio Deus, estava olhando para a estrada, aguardando esperançosamente que aquele filho voltasse um dia. E, então, ele o vê de longe e *corre para encontrar-se com aquele filho perdido há muito tempo e o demonstra-lhe*

carinho e amor! Ele demonstrou isso antes de o filho chegar e fazer seu discurso ensaiado.

“E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho”.

Contudo, o pai não aceitaria nada daquilo. “Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés”.

A túnica e o anel eram símbolos de aceitação de volta como filho na família. Ele não estava sendo aceito de volta como um servo—que era o melhor que ele poderia esperar ou talvez nem isso—mas como um filho pleno novamente.

“Trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se”.

A principal lição dessa parábola é que nosso Deus é um Pai amoroso que não desiste de Seus filhos. Mesmo quando, nesciamente, O rejeitamos e lhe viramos as costas, Ele ainda nos ama e deseja, ansiosamente, que voltemos para Ele.

Entretanto, Deus *não vai nos forçar* a voltar para Ele, pois nos deu liberdade de escolher. Mas, às vezes, todos nós precisamos sofrer as consequências de nossos erros para crescer em sabedoria e juízo, aprendendo a colocar o amor e os caminhos de Deus acima dos caminhos que nos parece corretos.

E quando nos voltamos para Deus—independentemente da gravidade de nossos pecados e erros—Ele estará pronto para nos acolher, nos encher

de amor e carinho e nos receber em Sua família. *Esse é um retrato surpreendentemente belo de Seu amor por nós!*

Aqui também há outra lição. A parábola continua descrevendo a mui distinta reação do outro filho, que era fiel e nunca se afastou de seu pai. Este filho não reconhece seu próprio irmão. E para o pai, ele o chama de “*este teu filho*”. Ele não aceita seu irmão de volta, mas o rejeita e se ressentido e fica irritado com o amor de seu pai por seu irmão recém-chegado.

Gentilmente, o pai lhe responde: “Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado”.

Essa também é uma lição importante para nós. Ninguém deve agir como esse outro filho, estando pronto para lançar a primeira pedra em alguém que talvez vejamos como pecador, mas devemos amá-los como Deus os ama e sempre nos alegrar quando uma pessoa volta para Deus. Contudo, observe que o pai também é misericordioso com esse filho inconformado, sendo gentil com ele e assegurando-lhe as bênçãos e ensinando-lhe a atitude e o caminho de vida corretos.

Em tudo isso, vemos que Deus nos ama profundamente e nos perdoa muito mais do que jamais poderíamos merecer—e que também devemos aprender a ser misericordiosos e perdoadores para com os outros, como Jesus Cristo ensinou diversas vezes nos Evangelhos. *Isso é graça em ação.*

A Graça e a Lei: O Que Diz a Bíblia?

“Homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo” (Judas 4, ARA).

Se há uma coisa que deve estar totalmente evidente agora, ao examinarmos o que a Bíblia ensina sobre a graça, é que *a graça personifica a natureza e o caráter de Deus*. A graça é quem e o que Ele é. A graça é como Ele pensa e age. A graça O define e O caracteriza. E devemos ser muito gratos por isso!

Então, como a graça se relaciona com a lei de Deus? Muitas pessoas ficam confusas ao pensar sobre isso. Talvez elas não tenham analisado criteriosamente seus pensamentos a ponto de entender que podem ter *pensamentos incoerentes e contraditórios sobre Deus*.

E quanto a você? Suas crenças sobre Deus estão realmente fundamentadas na verdade? Ou estão enraizadas em ideias erradas que durante séculos *se disfarçaram* como verdade?

Muitas pessoas, baseadas em má compreensão de alguns dos escritos do apóstolo Paulo, foram erroneamente ensinadas ou chegaram a acreditar que a lei de Deus é algum tipo de maldição ou punição. Entretanto, o próprio Paulo declarou claramente que “a lei é *santa*; e o mandamento, *santo, justo e bom*” (Romanos 7:12).

Paulo também escreveu: “Porque, segundo o homem interior, *tenho prazer na lei de Deus*” (versículo 22)—ou, como diz a Nova Versão Transformadora: “*Amo a lei de Deus de todo o coração*”.

A graça e a lei refletem a mente e o caráter perfeitos de Deus

O que muitas pessoas não percebem é que, assim como a *graça* é um reflexo perfeito da mente e do caráter de Deus, *a lei de Deus também é um reflexo perfeito da mente e do caráter de Deus* (consultar “A Lei de Deus Reflete Sua Mente e Caráter” na página 63). É por isso que o rei Davi, um homem segundo o coração de Deus (Atos 13:22), escreveu: “*A lei do SENHOR é perfeita e refrigera a alma*” (Salmos 19:7).

A lei de Deus revela Seu pensamento e caminho de vida—um caminho que leva a grandes bênçãos. Como Ele disse a antiga Israel, através de Moisés: “E guardarás os Seus estatutos e os Seus mandamentos, que te ordeno hoje, *para que bem te vá a ti e a teus filhos depois de ti e para que prolongues os dias na terra que o SENHOR, Teu Deus, te dá para todo o sempre*” (Deuteronômio 4:40).

Essa promessa é repetida, de forma ligeiramente diferente, em Deuteronômio 12:28: “Guarda e ouve todas estas palavras que te ordeno, *para que bem te suceda a ti e a teus filhos, depois de ti para sempre, quando fizeres o que for bom e reto aos olhos do SENHOR, teu Deus*”.

Por meio de Moisés, Deus disse aos israelitas que, se eles obedecessem à Sua lei, seriam respeitados e admirados pelas nações ao seu redor: “Vedes aqui vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o SENHOR, Meu Deus, para que assim façais no meio da terra a qual ides a herdar. Guardai-os, pois, e fazei-os, *porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que ouvirão todos estes estatutos e dirão: Só este grande povo é gente sábia e inteligente*.”

“Porque, que gente há tão grande, que tenha deuses tão chegados como o SENHOR, nosso Deus, todas as vezes que o chamamos? *E que gente há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje dou perante vós?*” (Deuteronômio 4:5-8).

O Salmo 119—o capítulo mais extenso da Bíblia—é um longo louvor de agradecimento



Algumas pessoas distorcem as palavras de Jesus Cristo sobre a lei de Deus para significar exatamente o oposto do que Ele disse.

pela lei de Deus e pelas bênçãos que isso traz para aqueles que a vivem. Quem vê negativamente a lei de Deus faria bem em ler e ponderar cuidadosamente essas palavras que Deus inspirou para serem escritas aqui!

O antigo preconceito contra as leis de Deus

Essas e muitas outras passagens deixam claro que *Deus pretendia que Suas leis fossem uma bênção para indivíduos e nações*. Em dois longos capítulos da Bíblia, Levítico 26 e Deuteronômio 28, Deus lista muitas grandes bênçãos nacionais que viriam sobre o povo por obedecer às Suas leis—bem como as consequências (na forma de maldições) que cairiam sobre aqueles que rejeitassem e desobedecessem essas leis.

Levando em conta que, muitas vezes, Deus promete bênçãos pela obediência às Suas leis, como elas chegaram a ser vistas de maneira tão negativa—até mesmo entre as chamadas igrejas e denominações cristãs?

A resposta curta se encontra em Romanos 8:7: “Porque a mentalidade da carne é inimiga de Deus, *pois não se submete à Lei de Deus, nem consegue fazê-lo*” (Bíblia King James Atualizada).

Diante dessa hostilidade arraigada às leis de Deus, homens e mulheres—inclusive muitos que se consideram profundamente religiosos—tentam racionalizar em torno da necessidade de viver de acordo com as leis de Deus.

Isso não é novidade—remonta-se às primeiras décadas da Igreja. Embora Jesus Cristo tenha dito claramente às pessoas: “*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas (referindo-se à parte da Bíblia que conhecemos como o Antigo Testamento) . . . Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til [pequenos traços nas letras hebraicas com as quais o Antigo Testamento foi escrito] jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus*” (Mateus 5:17-19). Algumas pessoas distorcem até essas palavras para significar *exatamente o oposto* do que Cristo disse.

O abuso do dom da graça de Deus

Uma das maneiras que as pessoas têm tentado acabar com qualquer necessidade de obedecer à lei de Deus é o argumento de que a graça tornou isso desnecessário. Visto que a graça de Deus trouxe o perdão, argumentam elas, então pode-se continuar pecando—e Deus sempre perdoará.

Judas, o meio-irmão de Jesus Cristo, entendeu que isso significa zombar da graça de Deus. “Senti que era necessário escrever-lhes insistindo que *batalhassem pela fé uma vez por todas confiada aos santos*”, escreveu ele sobre aqueles que estavam ensinando uma mensagem muito diferente. “Pois certos homens, cuja condenação já estava sentenciada há muito tempo, infiltraram-se dissimuladamente no meio de vocês. Estes são ímpios, e transformam a graça de nosso Deus em libertinagem e negam Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor” (Judas 3-4, NVI).

Ao ver a graça de Deus como permissão para continuar uma vida de pecado impenitente, esses falsos mestres estavam abusando da misericórdia e do perdão de Deus. Continuar vivendo uma vida pecaminosa é achincalhar o sacrifício de Jesus Cristo, que pagou a penalidade pelos pecados—negando, de fato, nosso Mestre e Senhor que deram a vida por eles.

O livro de Hebreus emite uma condenação contundente para aqueles que abusam da graça de Deus, supondo que ela nos permite continuar em pecado: “Pois, *se continuarmos a pecar de propósito, depois de conhecer a verdade, já não há mais sacrifício que possa tirar os nossos pecados. Pelo contrário, resta apenas o medo do que acontecerá: medo do Julgamento e do fogo violento que destruirá os que são contra Deus.*”

“Quem desobedece à lei de Moisés é condenado sem dó à morte, se for julgado culpado depois de ouvido o testemunho de duas pessoas, pelo menos. Então, o que será que vai acontecer com os que desprezam o Filho

de Deus e consideram como coisa sem valor o sangue da aliança de Deus, que os purificou? E o que acontecerá com quem insulta o Espírito do Deus, que o ama?” (Hebreus 10:26-29, NVI).

Está muito claro que a graça de Deus não nos permite continuar pecando!

Salvo “apenas pela fé”?

Uma importante frase teológica que emergiu da Reforma Protestante há cinco séculos foi a *sola fide*—“apenas pela fé”. O monge católico Martinho Lutero se opôs fortemente a certos ensinamentos e práticas antibíblicas e corruptas da igreja romana da qual ele fazia parte, principalmente a venda de “indulgências” baseadas na ideia de que as pessoas poderiam, por meio de pagamentos em dinheiro, presentes ou serviço à igreja, diminuir o castigo de seus entes queridos em um suposto “purgatório” na vida pós-morte. Ele condenou esse comércio como um meio enganoso de encher os cofres da igreja e de seus líderes.

O objetivo de Lutero era reformar a Igreja Católica. Contudo, seus protestos contra essas práticas e ensinamentos católicos foram acatados por muitas pessoas, e quanto mais a igreja romana tentava conter a dissidência, mais cresciam as discordâncias. Com o tempo, os protestos de Lutero deram origem à Reforma Protestante—um movimento de protesto que levou à reforma, principalmente através do surgimento de muitas novas igrejas protestantes, onde antes havia uma igreja importante, dominante e universal (o significado de “católico”).

O slogan de Lutero era *sola fide*, “apenas pela fé”, que resumia sua oposição não apenas contra as práticas da venda de indulgências e a ideia de que as pessoas poderiam comprar seu caminho para a salvação celestial, mas também o conceito de que *nenhuma obra* era necessária para a salvação, nem mesmo obedecer à lei de Deus.

Lutero insistiu que *apenas a fé* era necessária para a salvação—acrescentando o termo “apenas”, embora essa ideia não aparecesse em nenhum lugar na Bíblia. Ele tirou esse conceito dos escritos do apóstolo Paulo, quinze séculos antes, ignorando o significado das palavras de Paulo para seus ouvintes originais do primeiro século. Na verdade, a epístola de Tiago declara explicitamente que “uma pessoa é justificada [torna-se justa para Deus] *por obras e NÃO apenas pela fé*” (Tiago 2:24, NVI)—e por isso

Uma das maneiras que as pessoas têm tentado acabar com qualquer necessidade de obedecer à lei de Deus é o argumento de que a graça tornou isso desnecessário. Visto que a graça de Deus trouxe o perdão, argumentam elas, então pode-se continuar pecando—e Deus sempre perdoará.

Lutero a chamou de “epístola de palha”, argumentando que ela deveria ser retirada da Bíblia! Em breve, estudaremos mais sobre Tiago.

Ao lutar contra a ideia errada de obter a salvação por meios escusos, Lutero e aqueles que abraçaram sua causa caíram na vala oposta. Assim, a partir da Reforma Protestante surgiu o conceito antibíblico de que *a graça é o oposto da lei e a lei é o oposto da graça*. Na realidade, o oposto da lei não é a graça, mas *ilegalidade*—e o oposto da graça não é lei, mas *desgraça*. Sempre devemos ler a Bíblia com cuidado e não tirar conclusões precipitadas que não são apoiadas pelas Escrituras!

A leitura errônea do texto “pela graça sois salvos, por meio da fé”

Qual a origem dessas visões equivocadas de Lutero e outros reformadores protestantes? Em parte, isso veio de sua incompreensão de Efésios 2:8-9, que diz: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie”.

Esses reformadores viram essa passagem como uma prova de que a salvação vem pela graça através da fé e não pelas obras—assim, Lutero formulou a *sola fide* por, ou “apenas pela fé”. Mas eles deveriam ter lido um pouco mais adiante, pois Paulo explica no versículo seguinte: “Porque somos feita Sua, criados em Cristo Jesus *para as boas obras*, as quais Deus preparou *para que andássemos nelas*” (versículo 10)—ou seja, como já mencionado, “*para que nós as praticássemos*” (NVI).

Lutero estava certo de que não somos salvos pelas obras. Nada que possamos fazer, até mesmo atos de obediência à lei de Deus, jamais poderíamos ganhar o dom da salvação de Deus. No entanto, como Paulo diz claramente, fomos criados “*para as boas obras*” e “*devemos andar nelas*”—fazendo com que as boas obras sejam uma parte regular e habitual de nossas vidas!

Então, Paulo, em vez de dizer que as boas obras são *desnecessárias* para um cristão, afirma enfaticamente que elas *devem fazer parte* da vida de um cristão!

O que Paulo está nos dizendo aqui é que “pela graça”—pelo perdão misericordioso de Deus de nossos pecados, pelos quais merecemos a pena de morte (Romanos 6:23)—somos “salvos por meio da fé...”. A que tipo de fé Paulo está se referindo?

A palavra “fé”, como também a “graça”, tem uma ampla gama de significados. A intenção específica deve ser discernida a partir do contexto. A fé a que Paulo se refere em Efésios 2 é uma *fé viva e ativa*. Nossa profunda confiança de que Deus Pai nos escolheu pessoalmente e nos chamou para um relacionamento mutuamente amoroso com Ele e Seu Filho Jesus Cristo, andando em boas obras com Sua ajuda, nos leva a viver como cremos. (Isso é explicado em mais detalhes no próximo capítulo, “Qual Era o Significado da ‘Graça’ no Mundo do Primeiro Século?”, começando na página 80).

E, pelo que Paulo escreve alguns versículos depois, esse significado está evidente: “Ele [Jesus Cristo] veio e anunciou paz a vocês que estavam longe e paz aos que estavam perto, pois por meio dEle tanto nós como vocês temos acesso ao Pai, por um só Espírito. Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas *concidadãos dos santos e membros da família de Deus*, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular.

“No qual todo o edifício é ajustado e cresce para *tornar-se um santuário santo no Senhor*. Nele *vocês também estão sendo juntamente edificados, para se tornarem morada de Deus por Seu Espírito*” (versículos 17-22, NVI).

Como membros da família divina, na qual Deus vive pelo Seu Espírito Santo, nossas vidas serão naturalmente caracterizadas por boas obras, pois elas refletem a própria natureza e caráter de Deus vivendo em nós pelo Seu Espírito. Em Gálatas 5:22-23, Paulo descreveu o “fruto do Espírito” gerado em nossas vidas como “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (ARA). Estas características serão evidentes na vida de um cristão guiado pelo Espírito de Deus!

A fé sem obras é morta

Vejamos o que mais diz o livro de Tiago, que Lutero rejeitou. Aqui o apóstolo Tiago, meio-irmão de Jesus Cristo, deixou claro que as boas obras serão evidentes na vida de um cristão fiel. Ele pergunta: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?” (Tiago 2:14-16).

Tiago continua respondendo: “Assim também *a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma*. Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e *eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras*. Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demônios o crêem e estremecem.

“Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta? Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vês que *a fé cooperou com as suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada* . . . Vedes, então, que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé . . . Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, *assim também a fé sem obras é morta*” (Tiago 2:17-26).

Tiago e Paulo compartilham do mesmo ponto de vista—que a vida de um cristão é transformada pela fé e por um relacionamento próximo com Deus, através do Espírito de Deus em ação, que desenvolve nele a natureza

e o caráter de Deus. Essas são as evidências de uma pessoa verdadeiramente convertida pela graça de Deus.

Devemos nos esforçar para obedecer a Deus

Precisamos observar que a maioria dos mestres protestantes de hoje aceita o livro de Tiago com o argumento de que ele está apenas afirmando que as boas obras serão automaticamente evidentes na vida de um cristão sem necessidade de qualquer esforço de nossa parte para sermos salvos. Mas, sem dúvida, o esforço contínuo é necessário.

Jesus disse “*esforçai-vos* por entrar pela porta estreita” (Lucas 13:24)—aqui ‘esforçai-vos’ foi traduzido do termo grego *agonizomai* donde advém a palavra *agonizar*. Hebreus 12:4 nos diz que devemos “combater contra o pecado”, assim como fez Jesus. Paulo diz ainda que devemos “prosseguir para o alvo” (Filipenses 3:14) e realmente *lutando*, “combato, não como batendo no ar” (1 Coríntios 9:26)—isto é, “não...apenas esmurando uma sombra” (Bíblia Viva). Jesus, Paulo e Tiago estavam todos convictos de que devemos ser *praticantes* da lei de Deus e não apenas ouvintes (Mateus 7:21; Romanos 2:13; Tiago 1:22).

Novamente, isso não significa que conseguimos a salvação através da obediência—pois precisamos da graça e da misericórdia de Deus para o perdão dos pecados, que todos cometemos. Nenhuma quantidade de obras justas pode fazer você ganhar a vida eterna no Reino de Deus. Mas o fato de não se esforçar para continuar praticando obras justas após o arrependimento *nos manterá fora* do Reino de Deus.

De forma alguma, isso significa ganhar a salvação. A força e a motivação para obedecer vêm de Deus, pois isso é outro aspecto de Sua graça: “Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade” (Filipenses 2:13)—ou seja, Ele lhe dá “o desejo e o poder de realizarem aquilo que é do agrado dEle” (NVT). No entanto, ainda podemos nos afastar dEle e perder a salvação, apesar de muitos afirmarem o contrário. Por isso, devemos permanecer fiéis (ver “Aqueles Que Deus Perdoou Podem Rejeitar Sua Graça?” nas páginas 30-31).

Então, é vital que continuemos dedicados a Deus, cooperando com o que Ele está fazendo em nossa vida—numa *verdadeira parceria* com Ele. Como Paulo disse: “E para isto também trabalho, combatendo segundo a Sua eficácia, que opera em mim poderosamente” (Colossenses 1:29). Às vezes ainda pecamos, mostrando nossa necessidade contínua do perdão de Deus por meio de Cristo, mas certamente devemos nos arrepender e continuar nos esforçando na obediência (1 João 1:7–2:6).

Por isso, entenda que manter-se na graça salvadora depende de nosso contínuo esforço para viver em obediência à lei de Deus. No entanto, somos capazes de cumprir essa condição quando continuamos confiando na graça de Deus.

A Lei de Deus Reflete Sua Mente e Caráter

A lei de Deus é um reflexo de Sua própria mente, natureza e caráter. Seu caráter é resumido em 1 João 4:8: “Deus é amor”. E 1 João 5:3 nos diz: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos” (ACF). Além disso, *Deus e Sua lei compartilham as mesmas características*. Podemos dizer que a lei de Deus, como resumida nos Dez Mandamentos, é *Seu caráter na forma escrita*. E da mesma forma, Jesus Cristo mostrou o caráter, a mente e a natureza de Deus, guardando perfeitamente a lei de Deus, que é o Seu padrão de uma vida santa. Assim como Deus não muda a maneira como pensa e lida com as pessoas (Malaquias 3:6), a Sua lei também não muda (Mateus 5:18), porque ela é um reflexo do caráter imutável e dos eternos valores de Deus.

	DEUS É ...	A LEI É ...
Santo	Isaías 5:16	Romanos 7:12
Amor	1 João 4:8, 16	Romanos 13:10
Bom	Lucas 18:19	1 Timóteo 1:8
Perfeito	Mateus 5:48	Salmos 19:7
Puro	1 João 3:2-3	Salmos 19:8
Verdadeiro	João 3:33	Salmos 19:9
Justo	Deuteronômio 32:4	Romanos 7:12
Justiça	Jeremias 23:6	Salmos 119:172
Fiel	1 Coríntios 1:9	Salmos 119:86
Reto	Deuteronômio 32:4	Salmos 111:7-8
Imutável	Tiago 1:17	Mateus 5:18
Eterno	Gênesis 21:33	Salmos 111:7-8

“Não Estais Debaixo da Lei, Mas Debaixo da Graça”

Muitas pessoas destacam Romanos 6:14, que diz: “Não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”, para argumentar que os cristãos, estando sob a graça, não precisam mais obedecer à lei de Deus.

Mas é isso mesmo que significa esse versículo? Precisamos somente ler os próximos dois versículos para entender que o apóstolo Paulo ridiculariza essa ideia! Ele escreve: “Pois quê? *Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum!* Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” (versículos 15-16).

Algumas pessoas supuseram que a graça significava poder continuar vivendo um estilo de vida pecaminoso. Paulo rejeita essa ideia, dizendo que o pecado é uma forma de escravidão que leva à morte.

Mas o que Paulo quer dizer com “debaixo da lei” e “debaixo da graça”? Quando o significado de uma passagem da Bíblia não está claro, primeiro devemos ler o contexto—os versículos antes e depois. Geralmente, isso ajuda a esclarecer qualquer conflito. Às vezes, precisaremos ler o capítulo inteiro, ou até mesmo todo o livro ou ver como determinada linguagem é usada em outro lugar para entender o contexto.

Na verdade, é interessante notar

que a epístola aos romanos—a carta que alguns teólogos equivocados mais citam para argumentar que Paulo rejeitou o Antigo Testamento como sendo válido para os cristãos—é que tem o maior número de citações do Antigo Testamento usadas por Paulo para apoiar seus ensinamentos! Paulo cita ou parafraseia o Antigo Testamento 84 vezes nessa epístola—uma média de mais de cinco vezes por capítulo!

“Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Romanos 6:23

Portanto, não faz sentido argumentar que, em Romanos, Paulo está argumentando contra a validade ou a autoridade do Antigo Testamento ou das leis de Deus ali escritas. Ao todo, Paulo cita ou parafraseia 184 passagens do Antigo Testamento em seus escritos (sem contar outras 83 citações no livro de Hebreus, que ele, provavelmente, também escreveu), e esse número não inclui outras dezenas de referências a pessoas, lugares e eventos do Antigo Testamento. Em sã consciência, quem citaria uma fonte como principal respaldo de seus ensinamentos e,

ao mesmo tempo, argumentaria que essa fonte não é mais válida ou autorizada? Obviamente isso não faz sentido. (Isso é abordado em detalhes em nosso guia de estudo bíblico gratuito *A Nova Aliança: A Lei de Deus Foi Abolida?*).

Que assunto Paulo está tratando?

Voltando ao contexto de Romanos 6—qual o assunto Paulo está realmente tratando? Nos versículos 1-2, Paulo nos diz: “Que diremos, pois? *Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante?* De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”

A questão ou assunto que ele está abordando é simples: Um cristão “morto para o pecado”—ao reconhecer que seu pecado merece pena de morte e ao arrepender-se sinceramente e ser batizado, simbolizado pelo sepultamento do *antigo eu* numa cova de água, ressurgindo, também simbolicamente, para uma *nova vida como uma pessoa totalmente nova*, agora guiada pelo Espírito de Deus—pode continuar em uma vida de pecados? A resposta de Paulo é franca e simples: “*De modo nenhum!*”.

Então, de forma alguma a graça anula, invalida ou nega a lei de Deus. Conforme explicado neste capítulo, a lei de Deus, na verdade, é outro *dom da graça de Deus* para a humanidade—revela o pensamento, o caráter e a mente de Deus e mostra-nos como Ele deseja que vivamos nossa vida! O capítulo mais extenso da Bíblia, o

Salmo 119, é um longo hino de louvor e graças a Deus pela sabedoria de Sua lei e pelas bênçãos que ela traz para aqueles que a obedecem. A graça e a lei *não se contradizem*, na verdade, elas *se complementam mutuamente!*

Após os primeiros versículos de Romanos 6, Paulo entra em uma discussão detalhada sobre dois estilos de vida. Um deles é a nossa antiga maneira de viver, que leva à escravidão do pecado, ao sofrimento e à morte (“porque o pecado é a transgressão da lei de Deus”, 1 João 3:4, ARA). O outro, continuando em Romanos 6, é o de “morir com Cristo” (versículo 8), aceitando Seu sacrifício para pagar a pena de morte que merecemos, morrendo e sendo sepultado simbolicamente com Ele no batismo, depois saindo daquele túmulo de água “em novidade de vida” (versículo 4), agora passando a viver “para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor” (versículo 11).

Agora, vivendo uma nova vida guiada pelo Espírito Santo de Deus, não devemos permitir que “o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências . . . mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos” (versículos 12-13).

O cerne da questão

Então chegamos à principal declaração de Paulo no versículo 14: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”.

Considerando todo o contexto que levou a isso, o que Paulo quis dizer está claro. Para um cristão, “o pecado

não terá domínio sobre vós”—porque os cristãos são libertados da escravidão do pecado (livres do “domínio” do pecado), pois Cristo morreu por nós e agora estamos “mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor” (versículo 11). O pecado já não nos escravizava mais. Nós escapamos de seu poder e de sua pena de morte.

“Pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Até aqui, em todo o capítulo, Paulo comparou e contrastou um caminho de vida pecaminoso, que leva à morte, com o caminho de receber e aceitar o dom da graça e misericórdia de Deus, que leva a um novo estilo de vida e à vida eterna.

E agora ele compara e contrasta dois resultados muito diferentes. “Debaixo da lei”, nesse contexto, refere-se a estar *sob a pena da lei*—que, como ele mencionou em quase todos os versículos até aqui, significa a morte. A lei exigia a morte como punição pelo pecado. E *isso nunca mudou*. O que mudou foi que, pela graça de Deus, Jesus Cristo se esvaziou da glória, esplendor, majestade e poder que compartilhava com Deus Pai e veio à Terra como um ser humano para receber essa terrível pena sobre Si mesmo em nosso lugar (Filipenses 2:5-8; 1 Pedro 1:18-19).

Por causa desse supremo sacrifício em nosso favor e Sua ressurreição dele dentre os mortos—também mencionados em quase todos os versículos deste capítulo até agora—não estamos mais sob a pena de morte, mas “debaixo da graça”. Na graça de Deus, que nos chamou para Sua verdade, perdoou nossos pecados pelo

sacrifício de Seu Filho e nos oferece ressurreição para a vida eterna, assim como Jesus Cristo ressuscitou à vida eterna.

Paulo continua explicando sobre a única resposta lógica para a vida daqueles que experimentam e reconhecem esse grande dom da graça de Deus: “Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E, libertados do pecado, *fostes feitos servos da justiça*” (versículos 17-18).

Demonstrando uma profunda gratidão, nossa resposta a Deus é a de tornar-se “escravos da justiça”—totalmente comprometidos e dedicados ao nosso novo Mestre, rejeitando completamente nosso antigo mestre do pecado e da morte. Portanto, estar debaixo da graça não significa não ter a obrigação de obedecer à lei de Deus. Estar debaixo da graça significa estar livres da pena da lei, por tê-la transgredida, para que possamos ter uma nova vida e viver em obediência à lei, seguindo a Jesus Cristo como Governante de nossas vidas!

Paulo resume o ponto dessa discussão no último versículo desse capítulo, no versículo 23: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor”. A palavra “dom” aqui é uma tradução da palavra grega *charisma*, que está intimamente ligada à palavra *charis*, que significa “graça”. E *charisma* também significa “presente”—neste caso, o presente é a “vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor”—o supremo dom da graça de Deus!

A Fé Atribui “Ainda Mais Valor” à Lei

Outro comentário de Paulo que muitos se desviam do contexto e mal interpretam é Romanos 3:28: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, *sem as obras da lei*”.

O que ele quis dizer com “sem as obras da lei”? Ele estava dizendo que Deus se agrada de alguém que segue um padrão de vida à parte—ou contrário—dos ensinamentos da lei?

Vamos analisar cuidadosamente o raciocínio dele. Logo, alguns versículos depois, ele pergunta e responde a uma pergunta categórica: “Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! *Antes, estabelecemos a lei*” (Romanos 3:31).

A Nova Versão Internacional exprime assim essas poderosas palavras de Paulo: “Anulamos então a lei pela fé? De maneira nenhuma! Pelo contrário, *confirmamos a lei*”. A Bíblia na Linguagem de Hoje traduz ainda mais claramente o significado das palavras de Paulo: “Será que isso quer dizer que, por causa da fé, nós tratamos a lei como se ela não valesse nada? Não; de modo nenhum! Pelo contrário, *afirmamos que a lei tem valor*”.

O biblista Dr. Brad Young explica: “As palavras ‘afirmar o valor’ é uma tradução muito melhor do significado das palavras gregas. O termo grego *histemi*, ‘permanecer’ ou ‘afirmar o valor’ é o equivalente da palavra hebraica *kiyem*, ‘manter em certa posição’ ou ‘fazer ficar com a interpretação correta’. Paulo queria colocar a Torá [a lei] em uma base mais

firme mediante a fé” (*Paulo, o Teólogo Judeu*, 1997, p. 97).

Paulo está totalmente de acordo com a forma como a Bíblia define o pecado—que o pecado é a desobediência à lei de Deus (1 João 3:4). Ele explica que “pela lei vem o conhecimento do pecado”—dizendo-nos o que é o pecado (Romanos 3:20). Ele resume o assunto com estas palavras: “Assim, a lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom” (Romanos 7:12). E, ao explicar que a fé em Cristo é necessária para o perdão dos pecados, ele demonstra que a lei ainda é válida.

“Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei”
(Romanos 3:31).

A validade da lei, no entanto, não diz respeito ao problema da desobediência das pessoas. Deus lamentou-se acerca da antiga Israel: “Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!” (Deuteronômio 5:29).

Contudo, sob a Nova Aliança, uma nova mente e novo coração (por meio da fé de Cristo vivendo em nós, através do Espírito Santo) torna possível a verdadeira obediência (Jeremias 31:31-34; Hebreus 8:7-13; Gálatas 2:20). Assim a fé possibilita a obediência!

O Apóstolo Paulo: Um Exemplo da Ação da Graça de Deus

A palavra *graça* tinha um significado profundo para o apóstolo Paulo. As cartas dele formam a maior parte do que hoje chamamos de Novo Testamento, e nelas ele usou a palavra grega *charis* que, na maioria das vezes, é traduzida como “graça”; aproximadamente cem vezes. Notavelmente, o assunto da graça aparece frequentemente em todas as suas epístolas, que foram preservadas para nós.

Paulo cresceu espiritualmente e se tornou um homem profundamente convertido. O zelo que antes dirigira ao intuito de exterminar a Igreja de Deus agora estava voltado para a edificação dela.

Quando entendemos a história dele, começamos a entender os motivos!

Ademais, dos inúmeros indivíduos mencionados na Bíblia, certamente, Paulo é um dos mais intrigantes. Desde o início, ele dedicou sua vida a servir a Deus. Ele estudou com um dos rabinos mais famosos da época, Gamaliel—um professor cuja reputação era tão grande que outros rabinos e estudiosos o citaram por séculos. Esta não foi uma conquista pequena, porque um rabino desse

gabarito aceitaria apenas os melhores e mais brilhantes alunos como seus discípulos.

Em sua juventude tudo ia muito bem para Paulo. Como ele disse: “E, na minha nação, excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gálatas 1:14). Ele estava a caminho de se tornar um famoso rabino, pois era “instruído conforme a verdade da lei de nossos pais, zeloso para com Deus” (Atos 22:3).

O zelo equivocado e suas terríveis consequências

Mas o zelo, como demonstram a história e a Bíblia, nem sempre é uma coisa boa.

O zelo pode ser bom ou muito destrutivo, dependendo da causa pela qual se é zeloso. No caso de Paulo, seu zelo equivocado em apoiar a religião de seu povo o levou a atos horríveis, inclusive ao assassinato de cristãos. Vamos ler isso em suas próprias palavras:

“Sabem como eu perseguia sem dó nem piedade a Igreja de Deus e fazia tudo para destruí-la” (Gálatas 1:13, BLH).

“Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres... fui a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem, a fim de que fossem castigados” (Atos 22:4-5).

“Encerrei muitos dos santos [ou cris-

tãos crentes] nas prisões; e, quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles. E, castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar. E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui” (Atos 26:10-11).



Como homem vingativo e violento, Paulo perseguiu vigorosamente os membros da Igreja primitiva, levando muitos à prisão e à morte. Mas depois que ele foi miraculosamente derrubado no caminho de Damasco, ele se tornou uma figura poderosa na expansão do cristianismo.

Naquela época, de forma alguma Paulo, conhecido por seu nome hebraico Saulo, poderia ser considerado uma boa pessoa. Ele era um homem vingativo e violento que perseguiu e matava aqueles que discordavam dele—neste caso, os cristãos, homens e mulheres. Devido a suas ações, muitas esposas ficaram viúvas e maridos perderam suas esposas. Crianças ficaram órfãs. E famílias perderam suas casas e negócios. Alguns se tornaram fugitivos, escapando

para salvar suas vidas. Na primeira vez que Paulo é mencionado na Bíblia, o mártir Estevão foi brutalmente apedrejado até a morte por uma multidão enfurecida, e Paulo ficou de lado e “consentiu na morte dele” (Atos 7:58-8:1).

A seguir, ele aparece “respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor” e buscando autorização para viajar a Damasco para prender qualquer cristão que encontrasse ali para que “os conduzisse presos a Jerusalém” para serem julgados e, provavelmente, executados (Atos 9:1-2).

Um encontro divino a caminho de Damasco

Mas Paulo experimentou a graça de Deus de uma maneira poderosa e transformadora. Ao viajar para Damasco para realizar essa missão, subitamente, ele foi impedido e ficou temporariamente cego. Enquanto ele rastejava na poeira daquela estrada, uma voz lhe disse: “Saulo, Saulo, por que Me persegues?”

Atordado, ele respondeu: “Quem és, Senhor?”

A resposta foi chocante: “*Eu sou Jesus, a quem tu persegues . . . Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer*” (versículos 4-6).

Então, Paulo foi batizado. E, capacitado pelo Espírito de Deus, “logo, nas sinagogas, pregava a Jesus, que Este era o Filho de Deus” (versículo 20). Mais tarde, ele passou três anos sendo ensinado pessoalmente por Jesus Cristo (Gálatas 1:11-12, 17-18).

Paulo cresceu espiritualmente e se

tornou um homem profundamente convertido. O zelo que antes dirigira ao intuito de exterminar a Igreja de Deus agora estava voltado para a edificação dela.

Mas, seus esforços lhe cobraram um alto preço pessoal: “Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um; três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias, muitas vezes, em fome e sede, em jejum, muitas vezes, em frio e nudez” (2 Coríntios 11:24-27).

Será quantas vezes Paulo foi assombrado pelos rostos das pessoas inocentes que ele havia prejudicado, arrancando-as de suas famílias e enviando-as à prisão ou à morte? Não sabemos. Mas sabemos que Paulo sabia que era um “homem miserável” e que merecia a morte (Romanos 7:24).

Ele escreveu a seu querido amigo e discípulo Timóteo que “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, *dos quais eu sou o pior*” (1 Timóteo 1:15, NVI).

Um mestre agradecido pela graça

Ele também disse a Timóteo: “A mim que anteriormente fui blasfemo, perseguidor e insolente; mas alcancei misericórdia, porque o fiz por

ignorância e na minha incredulidade; contudo, *a graça de nosso Senhor transbordou sobre mim*, juntamente com a fé e o amor que estão em Cristo Jesus” (1 Timóteo 1:13-14, NVI).

Paulo passou a entender plenamente como atua o maravilhoso dom da graça. Depois de se arrepender de seus erros passados, ele serviu de maneira poderosa. Ele sabia que Deus poderia perdoar até os pecados aparentemente imperdoáveis. Assim, ele escreveu: “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito” (Romanos 8:1).

Paulo entendeu perfeitamente que Jesus havia dado Sua vida como oferta sacrificial por nossos pecados e que, apesar do que Paulo havia feito, ele não estava mais condenado. Para Paulo, a graça de Deus venceu o pecado e a morte (Romanos 3:24-26). Tendo sido salvo pela graça, ele agora vivia pela graça, dedicando sua vida ao “evangelho [boas novas] da graça de Deus” (Atos 20:24).

Então, não é de se admirar que Paulo tenha escrito tanto sobre a graça e a benignidade de Deus. Ele foi um exemplo vivo e significativo da graça de Deus em ação! Como ele escreveu em 1 Timóteo 1:16: “Mas Deus teve misericórdia de mim, de tal maneira que Cristo Jesus pode usar-me como exemplo para mostrar a todos como Ele é paciente até mesmo com o pior dos pecadores, a fim de que os outros compreendam que eles também podem ter a vida eterna” (Bíblia Viva).

Por Que a Graça e a Lei São Inseparáveis?

Geralmente, a palavra *graça* é usada por algumas pessoas religiosas como substituta de qualquer necessidade de obedecer à lei de Deus. Essa conclusão não é apenas equivocada, mas também diabólica!

Aqui está o motivo: Sem lei, não haveria necessidade da graça e do perdão. A palavra *graça*, traduzida no Novo Testamento da palavra grega *charis*, geralmente é entendida e mostrada como um “favor”—um presente. No contexto religioso, a palavra *graça* é usada mais frequentemente como o dom do perdão. Ela se refere a como Deus estende Seu favor aos pecadores arrependidos, perdoando-lhes a anterior desobediência de Sua lei—“os pecados anteriormente cometidos” (Romanos 3:25, ARA).

O perdão é necessário porque “todo aquele que pratica o pecado também *transgredir a lei*, porque *o pecado é a transgressão da lei*” (1 João 3:4, ARA). Se não existisse lei para se transgredir, então o pecado não existiria (Romanos 5:13). E se não houver pecado, a própria ideia da *graça* como perdão de Deus não tem nenhum sentido.

É preciso entender que Deus não apenas descarta nossos pecados, nossos atos de transgressão da lei. Nem Ele simplesmente os ignora. Mas em vez disso, “Cristo *morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras*” (1 Coríntios 15:3) “para que, *pela graça de Deus, provasse a morte por todos*” (Hebreus 2:9).

Em outras palavras, foi para disponibilizar o favor de Deus—Sua *graça*—a todos os que se arrependessem (afastando-se do pecado) que Jesus “deu a Si mesmo por nós, para *nos remir de toda iniquidade* e purificar para Si um povo Seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14).

Entenda que a *graça* abrange mais do que apenas o perdão pelos pecados passados. Ela também inclui o dom do Espírito Santo para nos ajudar a obedecer às leis de Deus.

Entenda que a *graça* abrange mais do que apenas o perdão pelos pecados passados. Ela também inclui o dom do Espírito Santo para nos ajudar a obedecer às leis de Deus. De fato, a *graça* se refere a *todos* os dons gratuitos e imerecidos de Deus. E isso inclui Sua ajuda inicial para nos afastar do pecado e nos levar à Sua verdade e caminho de vida, ao perdão dos pecados passados e, finalmente, Sua entrega do *maior de todos os dons*—a vida eterna em Seu Reino.

Mas sem a lei, a *graça* do perdão divino não teria sentido porque não haveria como definir o pecado a ser

► (continua na página 73)

A Graça, a Fé e a Lei

Paulo ensinou que a salvação é um dom de Deus, que vem pela graça através da fé (Efésios 2:8). A palavra grega para “graça” é *charis*, que significa um presente ou um favor. Paulo deixa claro em seus escritos que a graça salvadora de Deus “não vem das obras, para que ninguém se glorie” (versículo 9). Mas a perspectiva de Paulo em relação às obras cristãs, geralmente, é ignorada pelos opositores da obediência à lei de Deus.

Observe essa perspectiva de Paulo no próximo versículo: “Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (versículo 10). Aqueles que ignoram as razões de sermos obra de Deus, que fomos “criados em Cristo Jesus para as boas obras” e que devemos “andar nelas”, perdem grande parte da mensagem de Paulo.

Veja a correlação que Paulo estabelece entre nossas obras obedientes, a salvação e a obra de Deus em nós para realizar Seu propósito conosco: “De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade” (Filipenses 2:12-13).

Certamente o perdão e a salvação são dons de Deus. Eles não podem ser ganhos. Como seres humanos, nós não possuímos nada de valor suficiente para pagar pelo perdão de nossos pecados e por nossa salvação.

Contudo, Jesus nos diz francamente: “Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13:3, 5). Nós não *ganhamos* salvação através do arrependimento, mas ele é um *pré-requisito* para a salvação.

O arrependimento é simplesmente afastar-se do pecado, abandonando o comportamento contra a lei (1 João 3:4). Não podemos receber o Espírito Santo de Deus e nos converter, a menos que desejemos nos arrepender e viver como pessoas que cumprem a lei (Atos 2:38).

A fé é outro pré-requisito para a salvação. Lemos que “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11: 6, ARA). Precisamos ser “justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue” (Romanos 3:24-25). Porém, o simples fato de Deus requerer que tenhamos fé não significa que *ganhamos* salvação por ter fé.

Tampouco *ganhamos* a salvação através das obras. Mas, como mostram as diversas escrituras citadas neste guia de estudo bíblico, está claro que Deus espera fé e obediência naqueles a quem Ele estenderá o dom da vida eterna. Aqueles que se opõem à necessidade de obediência às leis de Deus procuram enfatizar algumas afirmações de Paulo e ignorar completamente outras que esclarecem a intenção dele.

O terceiro capítulo de Romanos é uma dessas passagens onde Paulo trata sobre a fé e as obras. No versículo 28, lemos: “Concluimos, pois, que o homem

é justificado pela fé, sem as obras da lei”. Paulo está discutindo a justificação inicial—a morte de Cristo que cobre nossas transgressões passadas e o fato de Deus aceitar nosso arrependimento e determinação para mudar. Paulo está mostrando que nunca poderíamos *merecer* esse perdão.

Mas esse é um assunto distinto da importância da lei de Deus como guia para nosso comportamento e modo de vida. Paulo apenas está falando sobre como os pecados “dantes cometidos”, versículo 25, podem ser ignorados para que possamos continuar nossa vida como servos obedientes a Deus.

E, para ter certeza de que entendemos isso, Paulo diz no versículo 31: “Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei”.

Paulo quer que entendamos que ele não está sugerindo que a lei de Deus foi anulada ou abolida. Pelo contrário, sem a lei nós não teríamos como

entender o que é o pecado, “porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (versículo 20). Lembre-se que para o pecado existir é preciso existir lei, porque “o pecado é a transgressão da lei” (1 João 3:4, ARA).

Por um lado, Paulo está dizendo que o conceito da “graça”, ou perdão divino, estabelece que *a lei de Deus ainda está em vigor* e que o pecado viola essa lei. Através da fé, a graça de Deus *requer uma lei* que defina os pecados que devem ser perdoados. Por outro lado, devemos reconhecer que a fé é o que torna possível a correta obediência. Então, repetindo a fala de Paulo: “Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei”. (Leia também “A Fé Atribui ‘Ainda Mais Valor’ à Lei” na página 72).

Para estudar mais sobre esse assunto, solicite ou baixe do nosso guia de estudo bíblico gratuito *A Nova Aliança: A Lei de Deus Foi Abolida?*

► (“Por Que a Graça e a Lei São Inseparáveis?” cont. da pg.71)

perdoado. E sem a graça, o perdão dos pecados por violar a lei de Deus não poderia ser disponibilizado para nós.

Por esta razão Jesus morreu e ressuscitou para tornar disponível a graça para quem esteja *desejoso e disposto* a não pecar mais (João 8:11). Através da graça, primeiro podemos ser perdoados por violar as leis de Deus e, em seguida, capacitados pelo Espírito Santo a obedecer às leis de Deus do coração—com o objetivo e a promessa final de poder viver por toda a eternidade em completa obediência.

Assim, a lei e a graça são completamente inseparáveis:

- **A lei** é um dom da graça de Deus, que nos mostra como viver. A lei também é necessária para definir o pecado e suas consequências e para mostrar a necessidade da graça perdoadora de Deus.

- **A graça** é necessária para que os pecadores possam ser perdoados e para que sejamos levados a obedecer a Deus através do poder do Espírito Santo e da ajuda de Jesus Cristo, nosso Salvador e Sumo Sacerdote.

Por Meio da Graça Vem o Arrependimento, o Perdão, o Poder e o Entendimento

A Bíblia descreve o pecado como um inimigo mortal de toda a humanidade (Romanos 6:23). Nossa natureza humana corrompida tem uma poderosa compulsão pelo pecado (Romanos 8:7). Mas para receber o dom divino da vida eterna precisamos abandonar o pecado—um processo que a Bíblia chama de *arrependimento*.

O verdadeiro arrependimento é o primeiro passo para sairmos do pecado—e nos colocar, pela graça de Deus, no caminho da vida eterna. Certamente, nossos esforços humanos estão longe de serem suficientes.

Sem a ajuda divina não podemos realizar essa difícil tarefa de admitir voluntariamente a Deus, com pesar e arrependimento, que estarmos totalmente errados ao desafiá-Lo e que pretendemos seriamente mudar nossos caminhos.

O apóstolo Paulo desafiou os cristãos em Roma com esta pergunta categórica: “Desprezas tu as riquezas da Sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que *a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?*” (Romanos 2:4). Sem dúvida, Deus precisa nos conceder o arrependimento (ver Atos 11:18; 2 Timóteo 2:25).

Atos 2:38 é uma das passagens mais decisivas da Bíblia. O apóstolo Pedro atingiu o âmago do que Deus espera

de nós quando disse àqueles ouvintes culpados: “*Arrependam-se*, e cada um de vocês *seja batizado* em nome de Jesus Cristo, *para perdão dos seus pecados*, e receberão o dom do Espírito Santo” (NVI).

Esta passagem mostra categoricamente que nosso arrependimento e o perdão e a capacitação misericordiosa de Deus são partes necessárias de todo o processo de salvação. E tudo isso vem através de Sua graça.

Como o arrependimento deve ocorrer antes do perdão, devemos analisá-lo primeiro.

O arrependimento em ação

O livro de Atos cobre cerca de trinta anos da história da Igreja primitiva. Em certo sentido, ele é também um registro do arrependimento do povo de Deus durante o primeiro século.

Tanto Paulo quanto Pedro pregava continuamente a importância do arrependimento. Ele testemunhou “tanto a judeus como a gregos *o arrependimento para com Deus* e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (Atos 20:21, ARA).

Ele enfatizou que as promessas de se afastar do pecado tinham que se refletir, obviamente, em boas obras. Ele declarou que era preciso que homens e mulheres “*que se arrependessem e se voltassem para Deus, praticando obras que mostrassem o seu arrependimento*” (Atos 26:20, NVI).

Paulo e Barnabé instaram o povo de Listra, “dizendo-lhes que se afastem dessas coisas vãs e se voltem para o Deus vivo” (Atos 14:15, NVI). Aqueles que realmente são chamados por Deus sentem um forte senso de urgência para mudar de vida—tomando as providências bíblicas necessárias exigidas por nosso Criador.

A procrastinação—adiar a ordem direta de Deus de se arrepender e ser batizado—não nos leva a lugar algum! Temos que *agir* de acordo com a verdade que Deus nos revelou. Então Ele nos abençoará, revelando mais verdade e ajudando-nos a seguir-Lo. E isso faz com que Deus derrame ainda mais de Sua graça sobre a pessoa arrependida.

O pecado é algo muito sério para Deus

Deus não vê o pecado como algo banal! Ele leva isso extremamente a sério—odiando qualquer forma de transgressão de Sua lei. Quando o rei Davi transgrediu mandamentos contra o adultério e o assassinato, o Criador perguntou-lhe por meio do profeta Natã: “Por que você *desprezou a palavra do SENHOR*, fazendo o que Ele reprova?” (2 Samuel 12:9, NVI) abalado, o rei respondeu: “Pequei contra o SENHOR”.

Mas veja a resposta de Natã: “O SENHOR perdoou o seu pecado. Você não morrerá” (versículo 13, NVI). Esse arrependimento profundo e sincero de Davi se encontra descrito para nós no Salmo 51. Você precisa ler esse salmo para entender o tipo de atitude e coração que Deus deseja ver em nós.

Nosso Criador odeia o que o pecado faz aos seres humanos—o dano que ele, inevitavelmente, produz a qualquer pessoa presa em suas garras. Porém, misericordiosamente, Deus nos proporcionou uma maneira de sair do pecado—com um alto custo para Si mesmo. Uma vez que realmente compreendemos a grandeza de Deus—começando a nos ver em comparação com nosso Criador, como fez Jó—estaremos no caminho do verdadeiro e sincero arrependimento.

Observe o que disse esse antigo patriarca em resposta à revelação pessoal de Deus para ele: “Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos Teus planos pode ser frustrado . . . Meus ouvidos já tinham ouvido a Teu respeito, mas agora os meus olhos Te viram. Por isso menosprezo a mim mesmo e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:2, 5-6, NVI).

O perdão misericordioso e compassivo de Deus

O rei Davi expressou a natureza graciosa de Deus no Salmo 103: “Bendiga ao SENHOR a minha alma! . . . Não se esqueça de nenhuma de Suas bênçãos [que vêm pela graça]! É Ele que perdoa todos os seus pecados e cura todas as suas doenças . . . O SENHOR é compassivo e misericordioso, mui paciente e cheio de amor . . . não nos trata conforme os nossos pecados nem nos retribui conforme as nossas iniquidades.

“Pois como os céus se elevam acima da terra, assim é grande o Seu amor para com os que o temem; e como o Oriente está longe do Ocidente, assim Ele afasta para longe de nós as

nossas transgressões. Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o SENHOR tem compaixão dos que O temem; pois Ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó” (versículos 1-14).

Depois que você realmente se arrepende de seus pecados, o perdão de Deus é total e completo. Deus aplica o sangue sacrificial de Seu Filho Jesus Cristo a você pessoalmente. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

Em Sua graça e misericórdia, Deus apaga nossas transgressões de Sua lei através do sacrifício de Cristo “em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a saber, a remissão dos pecados” (Colossenses 1:14).

O sacrifício expiatório de Cristo pode e providenciará uma maneira de limpar nossa consciência perturbada e nos livrar da culpa: “Quanto mais, então, o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus, purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, de modo que sirvamos ao Deus vivo!” (Hebreus 9:14, NVI).

A capacitação e a instrução para a vida eterna

Após o arrependimento e o batismo nas águas, recebemos o Espírito Santo de Deus (Atos 2:38). Esse é o começo de uma vida completamente diferente para um verdadeiro cristão. Uma vez passada essa fase, nossa salvação está garantida—*desde que continuemos no caminho da lei de Deus*.

Como escreveu o salmista: “Lâmpada para os meus pés é Tua palavra e luz, para o meu caminho” (Salmos 119:105). A capacitação e a instrução espiritual são outros aspectos da graça de Deus, que continuamos a receber até a vida eterna.

Jesus disse: “Eu digo sinceramente que todo aquele que ouve a Minha mensagem e crê em Deus, que Me enviou, tem a vida eterna, e jamais será condenado pelos seus pecados, mas já passou da morte para a vida” (João 5:24, Bíblia Viva).

O apóstolo João repetiu essa encoajadora verdade em 1 João 5:11-12: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida”.

Após a Sua ressurreição, Jesus, falando de Si mesmo na terceira pessoa, disse aos apóstolos que “em Seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém”, um elemento essencial da missão que Ele deu aos Seus verdadeiros seguidores, (Lucas 24:47, NVI)—algo que seria cumprido através do prometido “poder do alto”, o Espírito Santo (versículo 49).

Agora podemos ver como o arrependimento genuíno, seguido pelo perdão misericordioso e compassivo de Deus, através de Sua graça, juntamente com a capacitação e o ensinamento espiritual—todas bênçãos da graça—convergem para nos transmitir a verdadeira conversão e nos colocar firmemente no caminho da vida eterna!

A Identidade de Jesus: Quem Entregou a Lei?

Muitas pessoas pensam que Jesus de Nazaré acabou com a lei, substituindo a lei pela graça—mas isso é verdade? Poucas coisas na vida podem ser mais importantes para você do que entender esse assunto! Um estudo atento das Escrituras mostra que Jesus era muito mais do que a maioria das pessoas imagina, e essa verdade tem enormes implicações.

Frequentemente, as escrituras nos dizem que ninguém nunca viu a Deus Pai. E o apóstolo João deixa isso bem claro em João 1:18: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, Este O fez conhecer”.

Neste capítulo, João havia acabado de explicar que ele era uma testemunha ocular do “Verbo”, que se encarnou como Jesus Cristo, portanto isso não poderia se referir ao próprio Jesus. Portanto, o “Deus”, que ninguém nunca viu, se refere a Deus Pai.

João repete exatamente essa mesma afirmação em 1 João 4:12: “Ninguém jamais viu a Deus”.

Também vemos duas declarações explícitas do próprio Jesus Cristo. Observe João 5:37: “O Pai, que Me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de Mim. *Jamais tendes ouvido a Sua voz, nem visto a Sua forma*” (ARA).

E para ficar bem claro, Jesus novamente diz que ninguém jamais viu o Pai em João 6:46: “*Ninguém viu o Pai, a não ser Aquele que vem de Deus; somente Ele viu ao Pai*” (NVI).

Aqui Jesus diz claramente que ninguém viu ao Pai, exceto Aquele que veio de Deus—referindo-se a *Si mesmo*. Dentre todas as pessoas, somente Ele viu ao Pai. Nenhum ser humano jamais viu o Pai.

Contudo, os livros do período do Antigo Testamento nos dizem que muitas pessoas *viram* a Deus. Dentre elas se encontram Abraão (Gênesis 12:7; 15:1; 18:1), Isaque (Gênesis 26:2, 24), Jacó (Gênesis 28:13; 32:30; 35:9-10), Moisés (Êxodo 3:6; 33:11, 21-23), Arão e os setenta anciãos de Israel (Êxodo 24:9-11), Josué (Josué 6:2) e Gideão (Juizes 6:14). Então, quem essas pessoas viram quando interagiram com Deus? A única maneira de entender isso é compreendendo *que nenhum homem jamais viu a Deus Pai*.

O que eles viram, conforme registrado em muitas passagens, e noutros momentos em que Deus apareceu a determinadas pessoas, foi o *Verbo*, *que estava com Deus e era Deus* (João 1:1), Aquele que veio em carne como Jesus de Nazaré (versículo 14). Diante desse entendimento, não há contradição. A Bíblia não se contradiz, pois “a Escritura não pode ser anulada” (João 10:35).

Jesus foi o “EU SOU” que falou com Moisés

Aquele que apareceu e falou às pessoas como Deus durante os tempos do Antigo Testamento foi o Mesmo que se tornou Jesus Cristo. O próprio Jesus disse isso claramente, e as

peças que O ouviram sabiam que era exatamente isso que Ele queria dizer. Observe isso em João 8:57-58, onde Jesus estava em um acalorado debate com alguns judeus que se Lhe opunham, e Ele disse-lhes que Abraão se alegrou ao ver Seu dia.



Várias vezes vemos mencionado nos Evangelhos que Jesus Cristo afirmava ser “EU SOU” — o nome que Deus deu ao se revelar a Moisés na sarça ardente.

“Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, EU SOU”.

Aqui Jesus contou-lhes especificamente sobre Sua identidade divina —que Ele já existia antes de Abraão e que era o Deus que havia interagido com as pessoas durante o período do Antigo Testamento. Quem exatamente Ele alegou ser?

Encontramos a resposta em Êxodo 3:13-14, onde Deus apareceu a Moisés na sarça ardente e disse-lhe que

libertaria os israelitas da escravidão no Egito.

“Então, disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o Seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós”.

E, quinze séculos depois, quem Jesus disse que *Ele era*? Voltamos ao que acabamos de ler em João 8:58: “Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, EU SOU”.

Observe o que aconteceu logo depois que Jesus disse estas palavras: “Então, pegaram em pedras para Lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou” (João 8:59).

Os judeus que escutaram Jesus dizer essas palavras sabiam exatamente o que Ele queria dizer—que Ele estava reivindicando ser o “EU SOU”, que havia interagido com Moisés. E como eles reagiram? Eles imediatamente pegaram pedras para apedrejá-Lo até a morte por ter alegado ser Deus!

Jesus, o legislador de Israel, não mudou

À luz dessas evidentes passagens, quem foi o Legislador de Israel, que falou com Moisés e Lhe deu as tábuas dos Dez Mandamentos, escritas com Seu próprio dedo, e fez uma aliança com os anciãos de Israel? (Ver Êxodo 24:9-12; 31:18; 34:28-35). Certamente, não foi outro senão Aquele que se tornou Jesus Cristo—Ele foi o mesmo Deus que deu a lei no Monte Sinai! (Para saber mais, leia nossos guias de

estudo bíblico gratuito *Quem é Deus?* e *A Verdadeira História de Jesus Cristo*).

Por isso é que Jesus disse em Mateus 5:17: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir”. Aqui a palavra grega traduzida por “cumprir” é *pleroo*, que significa “tornar cheio”, “preencher até ao máximo”, “completar em todos os aspectos”, “tornar perfeito” ou “realizar até o

doze apóstolos, já perto do fim de sua vida, escreveu: “Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Se, contudo, alguém pecar, temos um advogado que defende nossa causa diante do Pai: Jesus Cristo, aquele que é justo. Ele mesmo é o sacrifício para o perdão de nossos pecados, e não apenas de nossos pecados, mas dos pecados de todo o mundo.

E Jesus não mudou. Como nos diz Hebreus 13:8: “Jesus Cristo Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente”. Ele não revelou a lei de Deus a Israel apenas para vir em carne, quinze séculos depois, para acabar com a mesma lei—esse raciocínio é absurdo e anti-bíblico!

fim” (*Léxico grego-inglês de Thayer do Novo Testamento*, 2005). Jesus não veio para acabar com a lei, mas para nos mostrar, através de Seu exemplo perfeito, como viver essa lei com toda a sua intenção espiritual!

Ele nos diz claramente o que deve guiar nossa vida: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4, citando Deuteronômio 8:3). Jesus repetiu as mesmas palavras que Ele próprio havia dito no passado!

E Jesus não mudou. Como nos diz Hebreus 13:8: “Jesus Cristo Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente”. Ele não revelou a lei de Deus a Israel apenas para vir em carne, quinze séculos depois, para acabar com a mesma lei—esse raciocínio é absurdo e anti-bíblico!

João, o último remanescente dos

“E sabemos que o conhecemos se obedecemos a Seus mandamentos. Se alguém diz: “Eu o conheço”, mas não obedece a Seus mandamentos, é mentiroso e a verdade não está nele. Mas quem obedece à palavra de Deus mostra que o amor que vem dEle está se aperfeiçoando em sua vida. Desse modo, sabemos que estamos nele. Quem afirma que permanece nEle deve viver como Ele viveu” (1 João 2:1-6, Nova Versão Transformadora).

Obviamente, Jesus não veio para acabar com a lei que Ele mesmo havia dado. Ele veio pagar a pena de morte por todos nós, que *infringimos* a lei, assumindo a pena que merecíamos e nos dando a oportunidade para a vida eterna na família de Deus. Ao fazer isso, Ele confirmou a lei que havia entregado como parte vital do maravilhoso dom da graça de Deus!

Qual Era o Significado da “Graça” no Mundo do Primeiro Século?

“E Deus é poderoso para tornar abundante em vós toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra” (2 Coríntios 9:8).

As palavras têm seus significados. Algumas palavras são difíceis de entender quando estão muito distantes de seu contexto original. Por outro lado, o atual significado do termo graça—originário de uma tradução da palavra grega *charis*—é bastante diferente de seu sentido original nos tempos greco-romanos, época em que Paulo e os outros apóstolos e escritores do Novo Testamento viveram e agiram.

Paulo utilizou a palavra *charis* mais de cem vezes em suas cartas a indivíduos e diferentes congregações de todo o Império Romano. Os gregos e romanos conversos, ao lerem ou ouvirem essa palavra, a entendiam num contexto muito diferente do século XXI. E a compreensão deles sobre o que Paulo e outros queriam dizer com “a graça de Deus” provavelmente era bem diferente da nossa. Compreender esse contexto do primeiro século ajuda a compreender o significado de *estar sob a graça* para um seguidor de Jesus Cristo. Vamos ver o motivo.

Como uma palavra independente na Bíblia, *charis* (graça) poderia ser usada como uma saudação com elevado significado (“A graça e a paz estejam com você”), como um descritor de como Deus transmite um favor poderoso, como uma expressão de um ato divino imerecido e até mais. Isso pode não parecer estranho para nós. Mas, para os ouvidos de um cidadão greco-romano ou de um judeu de língua grega que ouvia ou lia essa palavra em um contexto bíblico, o significado descreveria algo que, provavelmente, não consideramos hoje—*um poderoso relacionamento entre um doador de presentes e os destinatários desses presentes*. Qual o ponto disso? Frequentemente, Paulo e outros escritores do Novo Testamento refletiam esse significado quando mencionavam a palavra *charis* (graça). Aprender mais sobre esse relacionamento nos traz muito mais compreensão do significado da graça nas Escrituras.

Patronos e clientes

Aqui estão alguns antecedentes fundamentais. No tempo de Jesus e dos apóstolos, existia um sistema conhecido como “patrocínio” no

Império Romano—o cenário físico e cultural em que foi escrita grande parte do Novo Testamento.

No século XXI, a palavra *patrocínio* geralmente evoca um sentimento de nepotismo vulgar ou presentes ocultos obtidos de maneira desagradável (como em “patrocínio político”, onde presentes podem ser dados em troca de atos ilegais ou inapropriados).



Na sociedade greco-romana, os membros da classe mais rica davam presentes ou assistência, que chamavam de *charis*—palavra grega traduzida por “graça”—que os beneficiários nunca poderiam retribuir. Quando o apóstolo Paulo falou da graça, ele usou essa palavra como um exemplo bem compreendido para explicar o amor de Deus e Sua entrega de coisas boas para nós.

Os cidadãos comuns e mais pobres eram chamados de *plebeus*.

Muitas vezes, os agiotas ricos se aproveitavam das pessoas e cobravam juros altos. Mas havia outra maneira melhor de se receber ajuda para progredir na vida. Um plebeu que procura assistência financeira ou ajuda semelhante, como para conseguir um emprego, talvez pudesse encontrar uma pessoa rica para começar um relacionamento com *charis* (graça)—a concessão de um benefício ou presente imerecido da pessoa abastada

Embora esse patrocínio político também existisse no tempo de Paulo, ele geralmente significava algo *muito diferente* na época. Quando ouviam a palavra *charis*, os cidadãos do Império Romano a entendiam de forma positiva. Além de significar presente imerecido, uma situação envolvendo *charis* (graça) seria normalmente considerada um *bom relacionamento* com benefícios mútuos e duradouros, expectativas e um novo conjunto de dinâmicas poderosas.

Aqui está um contraste para se considerar: Em nosso mundo moderno, se alguém quiser iniciar um negócio ou construir uma casa, provavelmente, iria a um banco (ou instituição similar) para garantir um empréstimo. A expectativa seria que o empréstimo fosse pago com juros. No mundo greco-romano do primeiro século, não existia bancos sofisticados como os que conhecemos hoje. Na sociedade romana, a riqueza estava concentrada em cerca de 4% da população. Essas pessoas eram os aristocratas ricos da classe alta, conhecidos como *patrícios*.

para a pessoa carente. A pessoa que fornecia o dinheiro, apoio ou benefício era conhecida como *patrono* (do latim, *patronus*). A pessoa que recebia o dinheiro ou o apoio era então conhecida como *cliente* (do latim, *cliens*).

Esse patrocínio fazia parte da vida da Igreja primitiva. Por exemplo, não existia nenhum edifício da “igreja” durante as primeiras décadas após a morte e ressurreição de Jesus. Alguns membros da Igreja primitiva serviram como patronos espirituais e físicos, abrindo suas próprias casas para as reuniões e cultos no Sábado.

Inclusive, Paulo se refere à diaconisa Febe como “uma *patrona* de muitos e de mim também” (Romanos 16:1-2, Bíblia Versão Padrão Inglesa)—indicando sua atitude generosa e serviço a todos. Os escritos dos livros de Lucas e Atos foram, evidentemente, apoiados por um patrono chamado Teófilo (ver Lucas 1:1-4; Atos 1:1).

Um relacionamento duradouro e com papéis definidos

Ser cliente de um patrono na sociedade greco-romana não era um compromisso simples. Segundo as regras da sociedade (registradas por vários cidadãos influentes da época, inclusive notáveis romanos como Tácito e Cícero), quando um novo cliente entrava em um relacionamento de dependência com um patrono romano, ele entrava em um acordo e relacionamento “baseado na confiança mútua e lealdade” (*Paulo no Mundo Greco-Romano: Um Compêndio*, Paul Sampley, Vol. 2, 2016, p. 206).

Uma vez que o contrato social foi realizado, um novo conjunto de dinâmicas entrava em jogo. Esperava-se que o novo cliente “mostrasse respeito e gratidão ao patrono para prestar-lhe certos serviços...e apoiar suas atividades políticas, econômicas e sociais” (ibid.).

O que o patrono faria pelo cliente? “O influente patrono protegia os interesses econômicos, sociais e legais do cliente, permitindo-lhe lucrar com as conexões sociais do patrono e permitindo-lhe acesso aos seus recursos” (ibid.).

Em suma, o novo cliente poderia receber o financiamento necessário ou outros benefícios importantes, mas agora estava em um contínuo relacionamento com o patrono, que esperava certa *predisposição mental* de seus clientes, bem como atos de gratidão (obras) em troca.

O livro *Relational Grace: The Reciprocal and Binding Covenant of Charis* explica desta maneira em sua introdução: “*Charis* (graça) é a palavra dos autores do Novo Testamento, especialmente Paulo, às vezes usada para explicar o dom de Cristo para as pessoas. Mas qual é a natureza desse dom? Desde o século V, vários estudiosos cristãos ensinaram que a graça é algo concedido livremente por Deus, com pouco ou nada em troca... [No entanto], ‘a graça sem obrigações’ não é o que Paulo e outros pretendiam dizer.

“A prática no mundo antigo de conceder e receber favores e presentes

vinha com obrigações claras. *Charis* serviu aos autores do Novo Testamento como um modelo para a misericórdia de Deus através da expiação de Jesus Cristo, que também vem com as *obrigações da aliança* . . .

“Ser salvo pela graça significa vir a Cristo, ser batizado, unir-se à comunidade de santos [ou cristãos] e viver agradecendo e louvando continuamente pelo dom de Deus. Todas essas expressões da graça são encontradas no uso grego e paulino dessa palavra. Saber o que significa *charis* nos ajuda a entender o que Deus espera que façamos depois de aceitarmos sua graça” (Brent Schmidt, 2015, contracapa).

A graça e a fé

Quais eram os benefícios desse relacionamento para o patrono e o cliente? A *charis* (a boa dádiva, traduzido como *graça*) seria feito com o entendimento de que o presente nunca poderia ser reembolsado (no sentido de pagamento de um empréstimo). A expectativa do patrono era que o cliente mantivesse um alto grau de lealdade e gratidão em relação a ele. Esse aspecto do relacionamento está contido na palavra grega *pistis*, que é a mesma palavra traduzida como *fé* e *fidelidade* nas versões portuguesas do Novo Testamento.

Em outras palavras, um cliente sob o sistema do patronato romano receberia um presente (*charis*) que, provavelmente, nunca poderia ser totalmente reembolsado em dinheiro ou mercadorias. O papel do cliente era demonstrar lealdade e fidelidade (*pistis*), inclusive demonstrações públicas de gratidão. O exercício da *pistis* reflete uma grata confiança—uma *fé* poderosa, enérgica e viva—de que o patrono realmente fará o que promete. Essa relação de *charis* foi importante para a sobrevivência e o progresso do mundo greco-romano do primeiro século—e, como confirmam os historiadores, essa prática era generalizada.

O que pode ser um desafio para um leitor da Bíblia do século XXI é o seguinte: Qualquer romano ou grego do primeiro século ou mesmo um cristão judeu naquele mundo, que lia ou ouvia a leitura de uma carta de Paulo ou de outros apóstolos mencionando a palavra grega *charis*, compreendia imediatamente essa palavra como *um relacionamento entre um patrono e um cliente*.

Portanto, é importante diferenciar o significado da *graça* no primeiro século em relação à época do patrono da definição que há no século XXI.

Também é importante entender que o complexo relacionamento formalizado na entrega da *charis* ou graça demonstrava que a mesma *não* era uma mera transação. O ato de dar e receber *charis* no primeiro século criava um *relacionamento* poderoso e dinâmico—uma *conexão positiva que durava toda a vida*. No Novo Testamento, esse relacionamento de *charis* é enfatizado pela fé ou confiança no aspecto humano, conforme expresso em Hebreus 11:6, pois é necessário “*crer* que Ele [Deus] existe e que *recompensa* àqueles que o buscam” (NVI)—e deve haver contínua

fidelidade. (Para entender mais sobre isso, ler “Como a Graça Era Entendida no Tempo e na Cultura dos Apóstolos” nas páginas 86-88).

A resposta apropriada para se receber graça

Quando o Novo Testamento menciona a graça, ele reflete elementos e aplicações desse sistema de patronato. Esse entendimento traz o verdadeiro poder e obrigações de um relacionamento cheio de graça com Deus. A analogia cultural é clara e se traduz muito bem em nossos dias: Deus age como nosso patrono divino, dando-nos um perdão imerecido, um favor e o incomparável dom da vida eterna, *que* não podemos retribuir.

Então, como clientes, o que devemos fazer em troca? O Dr. David deSilva, professor de grego e do Novo Testamento e perito da cultura do primeiro século, explica no artigo “Graça” do *Eerdmans Dictionary of the Bible* o que era esperado dos clientes de um patrono na época e como isso se aplica hoje:

“... A resposta adequada daqueles que se beneficiaram do dom de Deus ... envolve a oferta de *todo o seu ser a serviço de Deus, para fazer o que é justo aos olhos dEle* (Romanos 12:1; 6:1-14). Como no [Antigo Testamento], essa resposta se concentra não apenas em honrar a Deus, mas também no amor, na generosidade e no serviço leal aos irmãos (Gálatas 5:13-14; 6:2; Romanos 13:9-10). A doação é gratuita e sem coação, mas o ouvinte da época sabia que aceitar um presente significava aceitar também a obrigação do doador” (p. 525).

Juntando isso com o que vimos anteriormente, entendemos que se espera que um cristão se comprometa a se tornar uma nova pessoa, rejeitando velhos caminhos pecaminosos durante esse novo relacionamento estabelecido a partir da *charis* (graça). Como Paulo escreveu em Romanos 12:1: “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês” (NVI).

O caminho que conduz ao comportamento justo, que Deus deseja de nós, é iluminado por Sua lei, que serve como o padrão divino de conduta. Nós, como seres humanos falíveis, violamos frequentemente esse padrão de conduta, independente do quanto estamos bem intencionados (Romanos 7:18). Também enfrentamos constantemente a implacável pressão espiritual de um adversário, Satanás, o diabo, que deseja que abandonemos o caminho.

Mas a aplicação da *charis* (graça) nos salva quando tropeçamos e caímos. Quando nos arrependemos, somos purificados do pecado e renovados para um relacionamento correto com nosso patrono divino, Deus. Assim, reciprocamente, na divina fé (*pistis*)—tendo confiança e fidelidade—em relação ao nosso patrono divino, de fato, não estamos “debaixo da lei [sob sua penalidade], mas debaixo da graça” (Romanos 6:14, NVI).

A lei de Deus—resumida no código moral dos Dez Mandamentos—

nunca foi abolida, ainda mantém sua autoridade e, como afirma Paulo, ela é “santa, justa e boa” (Romanos 7:12, Nova Bíblia Viva). E como afirmou o próprio Jesus Cristo: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4; Lucas 4:4; citado de Deuteronômio 8:3).

A lei de Deus, portanto, indica o caminho para agirmos com fé e fidelidade—*pistis*—em nosso relacionamento iniciado por nosso patrono que “nos amou primeiro” (1 João 4:19). Paulo nos diz que “sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida” (Romanos 5:10).

Juntando isso com o que vimos anteriormente, entendemos que se espera que um cristão se comprometa a se tornar uma nova pessoa, rejeitando velhos caminhos pecaminosos durante esse novo relacionamento estabelecido a partir da *charis* (graça). Como Paulo escreveu em Romanos 12:1: “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês” (NVI).

Paulo entendeu profundamente que “pela graça [*charis*] sois salvos, por meio da fé [*pistis*] ... é *dom* de Deus” (Efésios 2:8). Qualquer pessoa do primeiro século que ouvisse ou lesse essas palavras teria feito uma conexão imediata com um poderoso relacionamento implícito, que requer confiança e um compromisso responsivo de permanecer fiel. (Para mais informações sobre o contexto histórico dessa linguagem, consultar “As Três Graças: Uma Perspectiva do Primeiro Século Sobre a Ação da Graça” nas páginas 89-90, e “A ideia da ‘Graça Livre’ é Bíblica?” nas páginas 105-107).

Portanto, vimos que a graça não é nem um pouco contrária à lei de Deus. A graça *exige* que a lei de Deus defina o padrão de conduta para um profundo relacionamento inerente a um vínculo estabelecido por *charis*. Na verdade, Deus entregou Sua lei através da graça, a qual [graça] nos perdoo por transgredi-la e nos capacita a permanecer nela. O relacionamento de *charis* é evidente na “sobrexcelente grandeza do Seu poder *sobre nós, os que cremos*” (Efésios 1:19).

Que fantástica ilustração de um profundo relacionamento movido pela graça com o Deus Todo-Poderoso, que durará por toda a eternidade! Por isso, não é de se admirar que a própria Bíblia finalize com esse encorajamento em Apocalipse 22:21 (NLT): “A *graça* [*charis*] do Senhor Jesus Cristo seja com todos os santos. Amém” (Bíblia Amplificada).

Como a Graça Era Entendida no Tempo e na Cultura dos Apóstolos

A palavra grega *charis*, comumente traduzida como “graça” em nossas Bíblias, tinha um significado específico no tempo e na cultura em que foi escrito o Novo Testamento. Havia também uma gama de outras palavras associadas que aparecem muitas vezes na Bíblia, particularmente nas cartas do apóstolo Paulo. Compreender o que essas palavras significavam nesse contexto ajuda muito a entender o que elas devem significar na vida dos cristãos de hoje.

Uma excelente explicação de como a “graça” teria sido entendida pelos leitores de Paulo vem do livro *Misreading Scripture With Western Eyes: Removing Cultural Blinders to Better Understand the Bible* [A Má Interpretação das Escrituras Sob a Ótica Ocidental: Removendo as Cortinas Culturais Para Entender Melhor a Bíblia, em tradução livre]. Os autores, Randolph Richards e Brandon O'Brien, descrevem uma situação hipotética, mas típica daquela época (pp. 162-164):

“Imagine um jovem padeiro chamado Marcus na cidade de Filipos. Marcus aprendeu com o pai a fazer pão. O negócio da família remontam à fundação da cidade de Filipos, cinco gerações atrás. A família de Marcus era, conseqüentemente, um dos membros fundadores da guilda dos padeiros. Cem anos atrás, seu ancestral havia se aposentado do exército romano . . . Como recompensa, sua família . . . recebeu a cidadania romana e terreno em Filipos . . .

“Quando o pai dele era jovem . . . um incêndio destruiu a padaria da família. O pai de Marcus procurou a ajuda de uma viúva rica, comerciante de tecidos que também era da província de Lídia. Júlia Lídia emprestou ao pai dele o dinheiro para reconstruir a padaria. Assim começou um relacionamento duradouro. Hoje, Marcus vende todo o seu pão à Lídia, incluindo todos os membros da família extensa dela . . . além de todos os outros ‘amigos’ dela (os diversos comerciantes com quem a Lídia negocia). Esses clientes dão a Marcus todos o negócio que ele e seus filhos pequenos podem. Ele vende seu pão a um preço razoável e sua família vive bem (embora modestamente). Lídia se assegura de que nenhum explore o outro . . .

“Passados três anos, os vendedores de cevada aumentaram seus preços. Todos os padeiros entraram em pânico. Naturalmente, Marcus pediu ajuda à sua patrona. Ela convidou o patrono dos comerciantes de cevada para um jantar. Durante a refeição cordial, a Lídia disse que seu amigo Marcus está em situação difícil. Os dois patronos discutiram como poderiam ajudar melhor os amigos, chegando a um preço justo pela farinha de cevada . . . Júlia fez o que era adequado como patrona de Marcus, o padeiro.

“É claro que esses relacionamentos eram bilaterais. No ano passado um ano, um dos escravos de Lídia acor- dou Marcus no meio da noite. Lídia

precisava de um favor, pois receberia convidados especiais e precisava preparar um fino jantar para algumas famílias ricas de Filipos e para isso ela precisava de pães especiais para servir nesse importante banquete . . . Ela precisava de Marcus para cozinhar algo exclusivo. Como ele poderia recusar o pedido de sua patrona? Demorou a noite toda, mas ele garantiu que o pão ficasse pronto.

“As ‘regras’ para o que se esperava de uma relação patrono-cliente não estavam escritas nas muralhas da cidade romana . . . As regras para as instituições verdadeiramente básicas da sociedade, como da família e do patrocínio [mecenato] não precisavam ser escritas. Todos sabiam qual era a conduta apropriada. Um bom patrono resolvia os problemas de seus clientes, ajudando com associações comerciais, disputas de negócios, e refinanciando empréstimos e aliviando as tensões com autoridades da cidade . . . O patrono fazia *favores* para seus clientes, que então entravam em seu círculo de influência e proteção. Em contrapartida, esperava-se que o cliente fosse leal (fiel) e, às vezes, era chamado para fazer algumas coisas para o patrono”.

Neste exemplo, vemos as obrigações de ambas as partes envolvidas no relacionamento patrono-cliente. O cliente, a família de Marcus, estava em uma situação desesperadora. Esta família procurou a ajuda de um patrono generoso, que estendeu aos membros da família um presente inestimável—conhecido como *charis*, ou “graça”—que eles nunca poderiam retribuir, permitindo-lhes reconstruir seus negócios e suas vidas.

Ambas as partes entenderam que aquele que recebe *charis*, ou graça, nunca poderá retribuir o presente recebido. Porém, entendiam que aceitar o presente gerava uma obrigação do receptor em relação àquele que o entregava—que haveria sempre a obrigação de fazer o que o doador pedisse e sempre agir visando os melhores interesses do doador.

O apóstolo Paulo usa essa bem compreendida norma e prática cultural para nos ajudar a entender a grandeza do amor e bondade de Deus para conosco, que nos estendeu Sua *charis* ou “graça”—o perdão dos pecados, o dom da vida eterna e todas Suas outras bênçãos.

E também é evidente a outra face da moeda—que em troca do inestimável dom da graça divina, nos tornamos equivalentes aos *clientes* de Deus—ou seja, que somos obrigados a demonstrar lealdade e fé a Deus e a fazer o que Ele nos pede. Em termos bíblicos, isso é o que a Bíblia se refere como *pistis*—traduzido como *fé* ou *fidelidade*. Assim como a palavra *charis*, Paulo usa essa palavra mais de cem vezes em suas epístolas preservadas para nós na Bíblia.

Richards e O'Brien continuam resumindo a relação entre essas palavras e o que isso significa para o relacionamento de um cristão com Deus:

“O patrocínio tinha seu próprio vocabulário. Essas palavras, que geralmente consideramos como termos particularmente cristãos—*graça* e *fé*—eram utilizadas na linguagem comum antes de Paulo as mencionar [em suas cartas]. Os presentes imerecidos de socorro que o patrono oferecia eram comu-

mente chamados de *charis* ('graça' e 'dom'): A lealdade que o cliente oferecia ao patrono em contrapartida era chamada de *pistis* ('fé' e 'fidelidade'). Os filósofos romanos observaram que quando alguém recebia o favor (*charis*) de um deus, devia corresponder com amor, alegria e esperança. Quando Paulo procurou explicar o novo relacionamento do cristão com Deus, uma das maneiras que ele utilizou diz respeito aos termos do antigo sistema de patrocínio—algo que todos entendiam. Em outras palavras, não foi nem preciso dizer que um *relacionamento* era o determinante e principal aspecto da *charis*, da graça" (p. 166, grifo nosso).

O Dr. David deSilva, professor de grego e do Novo Testamento e especialista na cultura do primeiro século, enfatiza a obrigação do receptor da graça de agir de modo que demonstre gratidão e apreço pelo que recebeu. Em seu livro *An Introduction to the New Testament: Contexts, Methods and Ministry Formation [Uma Introdução ao Novo Testamento: Contextos, Métodos e Formação de Ministério]*, em tradução livre, ele escreve:

"Quanto maior o benefício concedido maior deve ser a resposta de gratidão. No mundo antigo, a gratidão envolvia primeiramente a demonstração de respeito pelo benfeitor . . . , agindo de maneira a destacar sua honra e, certamente, evitando qualquer situação que lhe traga desonra . . . A gratidão também envolve intensa lealdade pessoal ao patrono . . . Esse é o nível de gratidão e lealdade que os autores do Novo Testamento afirmam que devem ser dados a Jesus e, através dEle, a Deus. A "graça", portanto, tem

significados muito específicos para os autores e leitores do Novo Testamento . . ." (2018, pp. 103-104).

O Dr. DeSilva continua: "A resposta adequada para com o patrono é a gratidão: Demonstrando respeito, lealdade, testemunho e serviço ao patrono. O favor divino busca uma resposta de fidelidade (*pistis*) e serviço dos clientes de Deus. Paulo fala, por exemplo, da "obediência da fé" (Romanos 1:5; 16:26) como o objetivo de sua missão, solicitada como a resposta adequada daqueles que se beneficiaram do dom de Deus.

"Aqueles que recebem o favor de Deus são chamados a oferecer todo o seu ser a serviço de Deus e a fazer o que é justo aos olhos de Deus (Romanos 6:1-14; 12:1). Essa resposta não diz respeito a apenas honrar a Deus, mas também ao amor, à generosidade e o serviço leal aos irmãos (Romanos 13:9-10; Gálatas 5:13-14; 6:2). O escritor de Hebreus também clama aos cristãos a permanecerem firmes em sua confiança e lealdade (Hebreus 10:35-39; 11), a tomar muito cuidado para não desonrar o Doador nem demonstrar desprezo pelo presente recebido a esse custo . . . Embora o favor de Deus seja gratuito e voluntário, o ouvinte do primeiro século sabia que aceitar um presente também significava aceitar espontaneamente a obrigação de corresponder adequadamente" (pp. 106-107).

Sem dúvida, a graça é um incrível dom de Deus—um presente que nunca poderemos retribuir totalmente e que nos obriga a comprometer nossa vida a serviço de Deus e a viver de uma maneira que agrada a Ele.

As Três Graças: Uma Perspectiva do Primeiro Século Sobre a Ação da Graça

O conceito da graça era descrito visualmente num motivo [desenho decorativo] comum no mundo greco-romano no qual o Novo Testamento foi escrito. Aspectos da graça foram personificados como divindades, o que, embora claramente não bíblico, ajuda a ilustrar como *charis*, ou a graça, era vista. O Dr. David deSilva, professor de grego e do Novo Testamento e uma autoridade na cultura do primeiro século, descreve o simbolismo e as obrigações da graça como entendidas naquela época:

"Um retrato mítico e popular na arte greco-romana eram as 'três graças' (*cáritas*), as três deusas frequentemente retratadas dançando de mãos dadas ou com as mãos acima dos ombros em um círculo ininterrupto . . . [O escritor romano] Sêneca explica assim essa imagem: Um favor 'passando de mão em mão, no entanto, retornando ao doador; a beleza do todo é destruída se o círculo for quebrado em alguma parte' (Sêneca, *De Beneficiis*, que significa "De Favores", 1.3.3-4).

"Iniciar a dança do círculo com um presente era uma questão de livre escolha por parte do doador; *aceitar* o presente implica a aceitação da obrigação moral de retribuir o favor quando este foi apresentado: 'A concessão de um benefício é um ato social para conseguir a boa vontade de alguém, e também para colocar alguém sob

obrigação' (*De Beneficiis*, 5.11.5).

"Aqui Sêneca se refere a um e ao mesmo 'alguém'. Um ato gracioso naturalmente deve despertar sentimentos recíprocos de boa vontade e estima por quem é beneficiado. Assim, 'favor sempre gera favor' (Sófocles, *Ajax* 522). Ao mesmo tempo, um presente cria uma obrigação de responder graciosamente, de modo que Sêneca se refere à 'dívida de gratidão' ou ao 'devido favor. Ou, nas palavras de Eurípides (Helen 1234), 'a um favor se *deve* favor'.

"A gratidão era uma obrigação sagrada, e o cliente que não demonstrasse gratidão adequadamente era considerado ignóbil . . . Aqueles que falhassem em corresponder com gratidão ou que insultassem um benfeitor 'não serão considerados dignos do favor de ninguém' (Dio Crisóstomo, [*Orações*] 31.36, 65) . . . Ou, nas palavras de Sêneca, 'não retribuir a gratidão por benefícios é uma desgraça, e o mundo inteiro a considera como tal' (*De Beneficiis*, 3.1.1)" (*An Introduction to the New Testament: Contexts, Methods and Ministry Formation [Uma Introdução ao Novo Testamento: Contextos, Métodos e Formação do Ministério]*, em tradução livre, 2018, pp. 102-103).

Para resumir, as "três graças" representavam, graficamente, como a graça era entendida e funcionava no mundo greco-romano do primeiro século, no

qual o apóstolo Paulo escreveu suas cartas. A graça (*charis*) originava-se de um doador generoso (representado por uma das três graças), era aceita pelo receptor (representado pela seguinte das três graças), que em agradecimento, por sua vez, estendia a graça a outros (representado pela última das três graças), e isso por sua vez beneficiava ao doador original. Nesse círculo ininterrupto, entendia-se que *todos* eram beneficiados.

Para resumir, as “três graças” representavam, graficamente, como a graça era entendida e funcionava no mundo greco-romano do primeiro século, no qual o apóstolo Paulo escreveu suas cartas.

Muitos dos comentários de Paulo sobre graça ou *charis* são coerentes com essa visão comum da época. Por exemplo, Paulo escreveu em 2 Coríntios 9:8 que “Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, *vocês transbordem em toda boa obra*” (NVI). Ele observa aqui que, como recebemos a abundante graça de Deus, devemos estendê-la a outros na forma de “toda boa obra”.

Em 2 Coríntios 8:7, Paulo, incentivando a igreja em Corinto a fazer uma generosa doação para aliviar a fome dos cristãos da Judeia, escreve: “Como, porém, em tudo, manifestais supera-

bundância, tanto na fé e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, *assim também abundeis nesta graça*”. Paulo lembra que eles receberam muito de Deus, portanto deveriam compartilhar generosamente com seus irmãos que estavam sofrendo.

Ao dar instruções ministeriais em Tito 2:11-15, Paulo escreve: “Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens . . . Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente. É isso que você deve ensinar, exortando-os e repreendendo-os com toda a autoridade” (NVI). Paulo diz a Tito, seu companheiro no ministério, que instrua as pessoas, que receberam a salvação pela graça de Deus, a “viver de maneira sensata”.

O apóstolo Pedro, escrevendo sobre dons espirituais, nos diz: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” (1 Pedro 4:10, NVI). Seu argumento é que expressamos nosso agradecimento a Deus por Seus dons, usando o que Ele nos deu para servir aos outros.

Como essas e outras passagens observam, nós, que somos os destinatários dos admiráveis dons da graça de Deus, temos a obrigação de nos tornar pessoas que personificam a graça para, voluntária e gratamente, estendemos essa graça a outros para benefício e bênção de todos. Dessa maneira, chegamos a desenvolver e refletir a natureza e o caráter perfeito de um Deus doador da graça!

“Graça e Paz”: A Saudação de Paulo

Hoje, nossas comunicações por escrito com outras pessoas são tão velozes e instantâneas (pense em mensagens de texto, e-mail ou mídia social) que raramente consideramos profundamente o impacto e o significado de nossas palavras. Mas as comunicações pessoais não foram sempre assim. Nos primórdios do tempo, os escritores costumavam pensar bastante nas palavras que iriam usar.

A Bíblia está cheia de muitos exemplos. Particularmente notável é a saudação que o apóstolo Paulo usa em cada uma de suas cartas, preservadas para nós na Bíblia, às congregações da igreja: “*Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo*”. Paulo usa essa mesma saudação nos primeiros versículos de cada uma de suas cartas às igrejas, e ele usa essa mesma saudação ou um cumprimento bem semelhante ao escrever para pessoas como Timóteo e Tito.

O que Paulo queria dizer com essa saudação? Pelo fato de ele usar essas mesmas palavras em cada uma das epístolas que leva seu nome, devemos prestar muita atenção nelas—e no que elas significavam para Paulo e também para seu público.

Embora as palavras de Paulo sejam semelhantes à saudação comum usada nas cartas de falantes e escritores gregos de sua época, ele realmente cunhou uma nova frase que infundia um profundo significado. Com um pequeno ajuste nessas palavras comuns, e algumas expansões

essenciais, ele transmitiu algumas grandes verdades espirituais que têm um profundo significado para os cristãos de dois mil anos atrás, e também os de hoje. Vamos examiná-las mais de perto.

“Graça a vós . . .”

Gordon Fee, professor de estudos do Novo Testamento e autor de muitos livros acadêmicos sobre a Bíblia, escreve sobre Filipenses 1:2 em *Paul's Letter to the Philippians: The New International Commentary on the New Testament* [Comentário da Epístola aos Filipenses]: “A saudação tradicional no mundo helenístico era *chairein* . . . significando simplesmente ‘Saudações!’ . . . Pelas mãos de Paulo, isso agora se tornaria *charis* (‘graça’), ao qual ele acrescenta a tradicional saudação judaica *shalom* (‘paz’, no sentido de ‘plenitude’ ou ‘bem-estar’). Assim, em vez das ‘saudações’ comuns, Paulo saúda seus irmãos e irmãs em Cristo com ‘graça a vós—e paz’”.

Essas palavras não eram incomuns, mas Paulo as preencheu de um significado novo e mais profundo. Ele cumprimentou seus irmãos com a graça e a paz *de Deus Pai e de Jesus Cristo*. Isso transcendia a saudação comum e era exclusivamente cristão.

A *graça*, como declarou Paulo, veio de Deus Pai e de Jesus Cristo. Paulo entendeu que ela é um atributo divino, um conceito exclusivamente cristão não encontrado em outras religiões e sistemas de crenças. Além do cristianismo e do judaísmo,

nenhuma outra religião ensina sobre um Deus que ama, aceita e perdoa os seres humanos não baseando-se no que fazemos, mas *apesar* do que fazemos. Deus, o Pai, e Jesus Cristo, o Filho, esbanjam amor pelos seres humanos, porque isso é quem Eles são. Deus é o amor personificado (1 João 4:8, 16).

Em diversos aspectos, a *graça* resume a interação de Deus com a humanidade e a mensagem do evangelho ou boas novas.

Paulo começa suas cartas com a inconfundível mensagem de que Deus é um Deus de graça. Então, ele diz a saudação da graça às igrejas de Deus para as quais escreveu. Nesse contexto, ele está dizendo-lhes: “Que a abundante e amorosa graça de Deus esteja com todos vocês”.

Esse apóstolo sabia muito bem que Deus aproximou-se de nós pela graça. Assim, ele escreveu: “Enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Romanos 5: 8). Como escreveu o apóstolo João: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós . . . cheio de graça e de verdade . . . a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (João 1:14, 17).

João 3:16-17 acrescenta: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo Aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele”. Através da morte sacrificial de Seu único Filho, Deus perdoa nosso pecado e nos reconcilia Consigo mesmo.

Deus “não poupou a Seu próprio

Filho, mas O entregou por todos nós” (Romanos 8:32, NVI). Voluntariamente, Deus entregou Seu único Filho, e Jesus ofereceu, espontaneamente, Sua própria vida (João 10:17-18). Esse amor supremo é chamado de *graça*. A graça é dar tudo de bom àqueles que não merecem *nada*.

“E paz . . .”

E a próxima parte da saudação de Paulo de “Graça a vós e paz . . .” — Qual é o significado dessa menção à *paz*?

Certamente estamos mais familiarizados com a palavra *paz* do que *graça*. Paz é uma palavra comum, geralmente usada no sentido oposto da guerra. Enquanto as guerras ameaçam e inquietam as nações de todo o mundo, ouvimos regularmente sobre a necessidade de paz.

Mas o que Paulo tinha em mente ao usar essa palavra? Sendo judeu, Paulo conhecia bem a palavra hebraica *shalom*, que significa “paz”, usada mais de duzentas vezes na Bíblia. Ela era uma saudação hebraica comum na época e ainda é hoje. Mas *shalom não era um vago desejo de cumprimentar ou simplesmente de que esteja indo bem com uma pessoa. Em relação a Deus, em hebraico significava reconciliar-se com Deus e ter a paz de Deus no coração*.

Isso é algo que toda pessoa precisa muito. As preocupações e os temores impedem que muitos tenham paz interior. E o pecado nos separa de Deus (Isaías 59:2), criando conflito entre Ele e nós. Isso nos rouba a alegria e a paz com Deus (Salmos 51:10-12).

Enquanto escrevia essa saudação, Paulo se referia a uma paz interior, uma sensação de bem-estar e plenitude. Ele escreveu que essa paz vinha “de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo”. Ele entendeu que “temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus



Diferentemente das saudações daquela época, enviadas com os nomes dos deuses e deusas pagãos, Paulo enviava aos crentes cristãos saudações de “graça e paz” do verdadeiro Deus, a única fonte de verdadeira graça e paz. Paulo lhes ressaltou a graça e a paz que vêm de Deus Pai e de Jesus Cristo.

Cristo . . . pela fé a esta graça” (Romanos 5:1-2). Portanto, realmente esta é uma paz *de* Deus e *com* Deus.

Primeiramente, Paulo menciona a graça e depois a paz, isso por uma boa razão—porque a paz flui *da* graça. Passamos a ter santidade e bem-estar depois de recebermos a *graça* de Deus. Essa paz é um profundo dom de Deus. Jesus disse: “Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo

a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). Paulo escreveu que Cristo “é a nossa paz” (Efésios 2:14). Através dEle e de Seu sacrifício, temos paz com Deus.

A paz deve permear todos os aspectos da vida de um cristão. “Não andeis ansiosos”, escreveu Paulo, “em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Filipenses 4:6-7).

“Da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo . . .”

Nessa recorrente saudação de Paulo, vemos que a fonte da verdadeira graça e paz é Deus Pai e Deus Filho, “o Senhor Jesus Cristo”. E ambos são as principais fontes divinas da graça e paz.

Diferentemente das saudações daquela época, enviadas com os nomes dos deuses e deusas pagãos, Paulo enviava aos crentes cristãos saudações de “graça e paz” do verdadeiro Deus, a única fonte de verdadeira graça e paz. Paulo lhes ressaltou a graça e a paz que vêm de Deus Pai e de Jesus Cristo.

Como observa o professor Fee em seu comentário sobre Filipenses 1:2: “Em um sentido mais profundo, essa saudação representa muito bem a ampla perspectiva teológica de Paulo. A soma total da atividade de Deus em relação a suas criaturas humanas se encontra na palavra ‘graça’; em Cristo, Deus entregou-se a seu povo, de forma abundante e misericórdiosa”.

Como Podemos Crescer na Graça?

“Antes, cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 3:18).

No livro de Marcos, encontramos a história de um cego chamado Bartimeu. Aqui está a história: “Depois, foram para Jericó. E, saindo Ele [Jesus] de Jericó com Seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto ao caminho, mendigando. E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar e a dizer: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!” (Marcos 10:46-48).

Mandaram Bartimeu ficar quieto! A multidão disse-lhe para calar a boca—mas, Jesus ouviu os gritos dele.

Confiar na misericórdia e na graça de Deus implica deixar de inventar desculpas pelo seu comportamento. No momento em que confia na misericórdia de Deus, você deve abandonar todas as desculpas e justificativas. Você não vai mais tentar justificar seus pecados.

“E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que Ele te chama. E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus. E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista. E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. *E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho*” (Marcos 10:49-52).

Esse homem era cego, mas enxergava de uma maneira diferente. Ele *enxergava muito mais* do que aqueles à sua volta, que tinham a

visão física, e tinha um discernimento muito maior que eles.

Ele reconheceu Jesus como o “Filho de Davi”—um termo usado naquela época para o tão esperado Messias. Ele proclamou o caráter de Jesus, Sua pessoa e atitude, como de “*misericórdia*”. Então, Jesus lhe disse: “A tua fé te salvou”. Sua fé permitiu que ele visse o que muitos não podiam ver—que Deus é um Deus de misericórdia!

Bartimeu anunciou uma verdade profunda e transformadora.

Confiança na misericórdia de Deus

Confiar na misericórdia e na graça de Deus implica deixar de inventar

desculpas pelo seu comportamento. No momento em que confia na misericórdia de Deus, você deve abandonar todas as desculpas e justificativas. Você não vai mais tentar justificar seus pecados.

Se estiver sendo julgado em um tribunal civil, tentando justificar suas ações, você recorrerá à justiça. Mas se, diante desse tribunal, você se declarar culpado, sem apresentar qualquer justificativa ou desculpa, então se colocando à mercê desse tribunal.

Assim é no reino de Deus. Confiar na misericórdia significa desistência final de toda a dependência da justiça. Você não tem mais desculpas e nem apresenta mais nenhuma. Você precisa da graça e da misericórdia de Deus—e do sacrifício de Jesus Cristo—para evitar a sentença de morte que merece, e, em vez disso, espera receber o inestimável dom da vida eterna de Deus.

Como você corresponde à misericórdia de Deus e depois se aproxima do trono da graça?

O dom da graça

O apóstolo Paulo lembrou aos irmãos de Éfeso: “*Porque pela graça sois salvos, por meio da fé*; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9).

A vida eterna é o resultado da graça e da misericórdia de Deus. Ela é o dom de Deus, o qual nós não merecemos. Ninguém jamais poderá se gabar de ter conquistado ou merecido o dom da vida eterna.

Mas vamos trazer um pouco mais de equilíbrio à equação. Como nos mostrou o cego Bartimeu, Deus não é apenas o Deus da justiça, mas também da misericórdia. Leia a última parte do Segundo Mandamento: “*E faço misericórdia em milhares aos que Me amam e guardam os Meus mandamentos*” (Êxodo 20:6).

Deus equilibra a justiça—e Sua insistência que guardemos Seus mandamentos—*com misericórdia*, considerando o que está no coração de cada um. Enquanto essa possibilidade existir, Deus não está disposto a nos deixar perecer (2 Pedro 3:9).

Podemos ser gratos por Deus ponderar nossa *atitude*. Quem está disposto a “não pecar mais” se qualifica para a misericórdia em vez da condenação—como Jesus disse à mulher apanhada em adultério em João 8:11. Jesus demonstrou julgamento—ela era, evidentemente, uma pecadora—mas também graça e misericórdia: “*Nem Eu também te condeno; vai-te e não peques mais*”.

Respondendo corretamente à graça e à misericórdia de Deus

Há uma lição aqui sobre a resposta correta à graça e à misericórdia de Deus. Como destinatários da graça e da misericórdia de Deus, nossa atitude correta, depois de sermos perdoados, é “não pecar mais”. Devemos obedecer às leis de Deus de acordo com sua plena

intenção espiritual, e não fazendo apenas o mínimo do que é expressamente declarado.

Jesus Cristo deixou bem claro a importância da finalidade espiritual da lei de Deus por meio de vários exemplos em Seu famoso Sermão da Montanha. Ele explicou que não devemos apenas não matar, violando o Sexto Mandamento, mas também não devemos ver ou tratar os outros com desprezo, pois isso viola o espírito desse mandamento (Mateus 5:21-26).

Ele seguiu dando outro exemplo, assinalando que o mandamento de Deus contra o adultério se estende a cobiçar outra pessoa, pois isso significa cometer adultério no coração e na mente (versículos 27-30). No restante deste capítulo, Ele deu outros exemplos, mostrando que de forma alguma estava abolindo a lei de Deus, mas estendendo sua intenção espiritual—exigindo *um grau ainda maior de obediência*, não apenas nas ações, mas também nos pensamentos!

Em todo o Sermão da Montanha, Jesus mostra que a lei de Deus serve *continuamente como nosso guia* para alcançar pensamentos e comportamentos verdadeiramente justos. Essa lei—expandida por Cristo nesta mensagem—ajuda a definir o que significa ser realmente um de Seus seguidores, um verdadeiro cristão.

A palavra *graça* é usada regularmente por algumas pessoas religiosas como substituta da necessidade de obedecer à lei de Deus. Essa conclusão está terrivelmente errada. Aqui está a razão: Sem a lei—que *define* o pecado—não haveria necessidade do perdão e da graça. A graça se refere a como Deus estende *Seu* favor e *benevolência* aos outros, inclusive aos pecadores arrependidos, perdoados sua prévia desobediência à Sua lei—os pecados anteriormente cometidos. Isso é necessário porque “todo aquele que pratica o pecado também *transgride a lei*, porque o *pecado é a transgressão da lei*” (1 João 3:4, ARA). Se não houver lei para ser quebrada, não existiria pecado (Romanos 5:13). E se não existe pecado, a própria ideia da *graça como perdão de Deus não tem nenhum sentido*.

O dom do Espírito Santo

É a graça e a misericórdia de Deus que nos permitem ser perdoados por nossos pecados quando nos arrependemos, aceitamos o sacrifício de Jesus Cristo, somos batizados e recebemos o Espírito de Deus. Depois, recebemos a promessa do dom da vida eterna.

A graça, como nós vimos ao longo deste guia de estudo bíblico, abrange *muito mais* do que apenas o perdão pelos pecados passados. Ela também inclui o *dom* do Espírito Santo de Deus para nos ajudar a obedecer às leis de Deus, que definem o pecado e o padrão de comportamento exigido por Deus. Na verdade, ela se refere a *todos* os dons gratuitos e imerecidos de Deus. Isso inclui Sua ajuda para nos afastar do pecado e nos levar à Sua verdade e caminho de vida, o perdão dos pecados passados e, finalmente, o recebimento do *maior de todos os dons*—a vida eterna em Seu Reino!

O Espírito Santo de Deus é essencial em nosso objetivo de erradicar o pecado (para saber mais, leia nosso guia de estudo bíblico gratuito *Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão*). A chave para resolver o problema do pecado é a ajuda que recebemos de Jesus Cristo e do Espírito de Deus. Jesus nasceu não apenas para possibilitar o perdão das iniquidades passadas, mas também para nos ajudar a vencer os impulsos do pecado, os maus hábitos arraigados que são tão difíceis de expulsar de nossas vidas.

Ele é nosso misericordioso Sumo Sacerdote no céu, intercedendo junto ao Pai em nosso favor—sentado à mão direita do Pai. “Quem os condenará? *Pois é Cristo quem morreu* ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o Qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Romanos 8:34). No entanto, Ele e o Pai também estão próximos de nós e até podem viver em nós, através do Espírito Santo, para nos ajudar a mudar.

O que devemos fazer?

O segundo capítulo de Atos registra a fundação da Igreja em Jerusalém na Festa de Pentecostes. Muitas pessoas estavam convictas de que seus pecados haviam levado Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, à morte e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos o que precisavam fazer. A resposta de Pedro, em Atos 2:38, foi clara: “*Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado* em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, *e recebereis o dom do Espírito Santo*”. (Mais tarde, em Atos 8:17, vemos que esse Espírito é transmitido pela imposição de mãos através dos verdadeiros ministros de Deus).

Então, Pedro acrescentou algo mais: “Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: *a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar*” (Atos 2:39). Deus chama ou escolhe as pessoas por Sua graça (Gálatas 1:15; 2 Timóteo 1:9), mas Ele não está chamando todos agora. Como Paulo escreveu em Romanos 11:5: “Assim, hoje também *há um remanescente escolhido pela graça*” (NVI).

Se estiver lendo e entendendo isso agora, *provavelmente Deus está chamando e escolhendo você por Sua graça* para que tenha um futuro incomparável e quase incompreensível!

E que futuro é esse? Paulo nos diz em Efésios 1:4-6: “Antes da criação do mundo, Deus já nos havia escolhido para sermos dEle por meio da nossa união com Cristo, a fim de pertencermos somente a Deus e nos apresentarmos diante dEle sem culpa. Por causa do Seu amor por nós, Deus já havia resolvido que nos tornaria Seus filhos, por meio de Jesus Cristo, pois este era o Seu prazer e a Sua vontade. Portanto, louvemos a Deus *pela Sua*

A graça deve nos levar
a uma mudança de
pensamento e ações,
também conhecida como
arrependimento.

gloriosa graça, que Ele nos deu gratuitamente por meio do Seu querido Filho” (Bíblia na Linguagem de Hoje).

Nosso futuro na família de Deus

O plano de Deus é que você seja membro de Sua família espiritual, eterna e imortal! Em 2 Coríntios 6:18, o apóstolo Paulo cita o que Deus disse: “*Eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas*, diz o Senhor Todo-poderoso”.

Esta verdade é confirmada diversas vezes nas páginas da Bíblia. Por exemplo, em Apocalipse 21:7, Deus nos diz: “Quem vencer herdará todas as coisas, e *Eu serei Seu Deus, e ele será Meu filho*”.

Em Romanos 8:14, Paulo escreve que “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são *filhos de Deus*”. Os versículos 16-17 continuam dizendo que o Espírito de Deus dentro de nós “testifica com o nosso espírito que *somos filhos de Deus*. Ora, se somos filhos, somos também *herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo* . . .” (ARA).

Uma impressionante verdade é revelada aqui. Nosso futuro não é ficar sentado no céu tocando harpas por toda a eternidade, mas ser “*herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo*”. O que isso significa? Hebreus 1:2 nos diz que Deus constituiu Jesus como “*herdeiro de tudo*”. E Hebreus 2:8 acrescenta que o futuro plano de Deus para o homem é *lhe sujeitar “todas as coisas”*—embora ainda não vemos isso, como explicado aqui, certamente esse dia está chegando, e Jesus mostra o caminho.

O que deve acontecer antes de herdarmos todas as coisas com Jesus Cristo? O apóstolo João dá mais detalhes em 1 João 3:1-3: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, *a ponto de sermos chamados filhos de Deus*; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não O conheceu a Ele mesmo. Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. *Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele*, porque haveremos de vê-Lo como Ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nEle tem esta esperança, assim como Ele é puro” (ARA).

João nos diz aqui que nosso futuro é “ser como Ele”—como Jesus Cristo, agora ressuscitado como um glorioso ser espiritual. E como Jesus é agora em Seu estado ressurreto? Encontramos uma descrição em Apocalipse 1:12-18 (NVI), onde João O viu em visão:

“Eu virei para ver quem falava comigo e vi sete candelabros de ouro. No meio deles estava um ser parecido com um homem, vestindo uma roupa que chegava até os pés e com uma faixa de ouro em volta do peito. *Os Seus cabelos eram brancos como a lã ou como a neve*, e *os Seus olhos eram brilhantes como o fogo*. Os Seus pés brilhavam como o bronze refinado na fornalha e depois polido, e *a Sua voz parecia o barulho de uma grande cachoeira* . . .

“*Sua face era como o sol quando brilha em todo o seu fulgor*. Quando o

vi, caí aos Seus pés como morto. Então Ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: Não tenha medo. Eu sou o primeiro e o último. Sou aquele que vive. Estive morto mas agora *estou vivo para todo o sempre!*”

Quando João nos diz, em 1 João 3:2, que “*seremos semelhantes a Ele*; porque assim como é O veremos”, esse é o tipo de poder e glória espirituais que compartilharemos com Ele! (Para saber mais sobre isso, leia nosso guia de estudo bíblico gratuito *Por Que Você Nasceu?*)

Paulo disse aos membros da Igreja em Gálatas 3:26: “Todos nós *somos filhos de Deus* por meio da fé em Jesus Cristo” (Bíblia Viva). E em João 1:12 nos diz que “aos que O receberam, aos que creram em Seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem *filhos de Deus*” (NVI).

Este é o surpreendente futuro que Deus planejou para aqueles que aceitam e vivem pelo Seu incrível dom da graça—tornar-se Sua família espiritual e imortal, e ser transformados em seres espirituais glorificados, assim como Jesus Cristo agora existe como um ser espiritual glorificado!

Mas como isso acontece? Como recebemos esse dom da vida eterna? O que devemos fazer?

O que a graça deve nos motivar a fazer?

Como vimos ao longo deste guia de estudo bíblico, a graça não é uma licença para continuar uma vida de pecados, nem desculpa ou meio para descartar a lei espiritual de Deus. “A lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom”, diz Paulo (Romanos 7:12). Não estamos mais sob a punição exigida pela lei, que é a morte; estamos debaixo da graça (Romanos 6:14).

Então, o que a graça deve nos motivar a fazer? Como vimos no capítulo anterior, a graça deve nos motivar a agradecer e ser totalmente leal Àquele que nos deu essa graça, buscando agradá-Lo e servi-Lo *com todo o nosso ser*.

Observe o que Paulo disse sobre o papel da graça, sob a qual ele agora estava e fazia a obra: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a Sua graça para comigo não foi vã; antes, *trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo*” (1 Coríntios 15:10).

A graça de Deus trouxe para Paulo a paz com Deus Pai e Jesus Cristo. Mas também o levou a mudar de perseguidor da Igreja para proclamador do evangelho de Jesus Cristo e o Reino de Deus. Isso o levou a dedicar sua vida a *servir a Deus com todo o seu ser!* (Ver “O Apóstolo Paulo: Um Exemplo da Graça de Deus em Ação” nas páginas 68-70).

A graça deve nos levar a uma mudança de pensamento e ações, também conhecida como arrependimento. Como Paulo escreveu aos cristãos em Roma: “Ou desprezas tu as riquezas da Sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que *a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?*” (Romanos 2:4). A palavra *benignidade* aqui é derivada da palavra *chrestos*, que pode

significar “gracioso”, que tem relação com a palavra grega *charis*. A graça de Deus pode e deve levar você a mudar sua vida!

A graça conduz a uma vida transformada

A Palavra de Deus indica claramente como deve ser a vida de uma pessoa transformada pela graça de Deus. Novamente, Paulo, que escreveu sobre a graça mais do que qualquer outro, explica isso claramente para nós.

Em 2 Coríntios 9:8, ele escreveu para a igreja em Corinto que “Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, *vocês transbordem em toda boa obra*” (NVI). A graça, diz Paulo, nos dá tudo o que precisamos para que possamos “*transbordar em toda boa obra*”! Está claro que a graça deve produzir boas obras em nossas vidas!

E isso está afirmado mais nitidamente em Efésios 2:8-10: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. *Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que nós as praticássemos*” (NVI). Novamente, vemos claramente a expectativa de que receber a graça de Deus deve nos levar a praticar “boas obras”.

Evidentemente, Paulo não apoiava a moderna ideia de que uma vez salvo pela graça de Deus, não é preciso fazer mais nada, pois já se tem uma passagem gratuita para a salvação. Pelo contrário, ele sabia que a graça de Deus cria uma *obrigação ainda maior* de demonstrar nossa gratidão e apreço, porque agora “*somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras*”.

Como visto no capítulo anterior, Paulo via Deus como o supremo patrono que dá os dons da graça, e nós, como destinatários, somos obrigados, a partir desse ponto, demonstrar sempre completa lealdade e devoção em troca. E é impensável fazer o contrário. Quão surpreendentemente diferente é essa verdade do enorme equívoco de que a graça nos exime de qualquer obrigação de obedecer a Deus!

Os propósitos e as metas da graça

A graça tem vários objetivos e propósitos específicos, Paulo disse a Tito, seu companheiro e ministro: “Pois a graça de Deus foi revelada e a todos traz salvação. Somos instruídos a abandonar o estilo de vida ímpio e os prazeres pecaminosos. Neste mundo perverso, devemos viver com sabedoria, justiça e devoção, enquanto aguardamos esperançosamente o dia em que será revelada a glória de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo. Ele entregou sua vida para nos libertar de todo pecado, para nos purificar e fazer de nós seu povo, inteiramente dedicado às boas obras” (Tito 2:11-14, Nova Versão Transformadora).

Vamos observar aqui alguns pontos específicos mencionados por Paulo:

- *A graça de Deus traz salvação.*
- *A graça de Deus nos instrui a recusar a impiedade e as concupiscências mundanas.*
- *A graça de Deus nos ensina a viver de uma maneira sensata, justa e piedosa enquanto aguardamos nossa grande esperança do aparecimento de Jesus Cristo.*
- *Jesus Cristo não veio para nos livrar da lei, mas para “nos redimir”—para pagar o alto preço (Sua morte) por nossas transgressões, poupando-nos da punição da morte eterna.*
- *Jesus Cristo veio para limpar—purificar—um povo para Si mesmo.*
- *Após sermos redimidos e purificados por Cristo, devemos ser “zelosos de boas obras”.*

Essa visão é muito diferente do erro comum sobre a graça!

Então, no versículo 15, Paulo conclui essa instrução para Tito, dizendo-lhe: “*Ensine essas coisas* e encoraje os irmãos a praticá-las. Corrija-os com autoridade” (NVT). Paulo queria ter certeza de que Tito entendia essas coisas e as tornava parte essencial de seu próprio ensinamento!

O chamado para uma vida santa

Evidentemente, tudo isso está vinculado ao plano e ao propósito final de Deus para nós—dar-nos a vida eterna em Seu Reino para que possamos fazer parte de Sua família para sempre. Essa grande promessa será cumprida no retorno de Jesus Cristo, que o apóstolo Paulo predisse:

“Mas eu lhes revelarei um segredo maravilhoso: nem todos dormiremos, mas *todos seremos transformados!* Acontecerá num instante, num piscar de olhos, *ao som da última trombeta*. Pois, quando a última trombeta soar, *aqueles que morrerem ressuscitarão a fim de viver para sempre*. E *nós que estivermos vivos também seremos transformados*. Pois *nosso corpo mortal precisa ser transformado em corpo imortal*” (1 Coríntios 15:51-53, NVT).

Este será o cumprimento final da graça de Deus. O apóstolo Pedro nos encoraja a manter nossa mente focada na promessa desse futuro: “Portanto, estejam com a mente preparada, prontos para a ação; sejam sóbrios e *coloquem toda a esperança na graça que lhes será dada quando Jesus Cristo for revelado*” (1 Pedro 1:13, NVI).

Pedro também enfatiza que devemos viver uma vida transformada *uma vida santa*—se quisermos receber esse dom da salvação. Ele continua: “Como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: *Sede santos, porque Eu sou santo*” (versículos 14-16, citado de Levítico 11:44, 45; 19:2).

Paulo ressalta que vivermos “uma vida santa”, que leva à salvação, é o que Deus havia planejado para nós desde o início: “Deus nos salvou e nos chamou para sermos o Seu povo. Não foi por causa do que temos feito, mas porque *este era o Seu plano e por causa da Sua graça. Ele nos deu essa graça por meio de Cristo Jesus, antes da criação do mundo*” (2 Timóteo 1:9, BLH).

Mantendo o rumo com a ajuda da graça de Deus

Deus nunca disse que esse caminho seria fácil (Mateus 7:13-14; Lucas 13:24). Mas Ele diz que valerá a pena!

Paulo, que muitas vezes foi preso e espancado por sua fé, se manteve firme diante de tremendas provações. Ele declarou: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente *não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós*. A ardente expectativa da criação *aguarda a revelação dos filhos de Deus* . . . Sabemos que *todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus*, daqueles que são chamados *segundo o Seu propósito*” (Romanos 8:18-19, 28, ARA).

A vida será uma luta, enquanto lutamos contra o pecado e os impulsos de nossa natureza egoísta, bem como um mundo que cada vez mais rejeita a Deus e é hostil ao seu caminho de vida (ver “O Apóstolo Paulo Lutava Contra o Pecado, Mesmo Debaixo da Graça” nas páginas 108-109).

Isso não é novidade. Sempre foi assim para os servos fiéis de Deus. O capítulo onze do livro de Hebreus lista muitos exemplos de homens e mulheres de fé e corajosos que perseveraram contra grandes adversidades e, muitas vezes, ao custo de suas vidas. Eles foram capazes de fazer isso com a ajuda de Deus, assim também Ele promete nos ajudar em todas as nossas batalhas nesta vida. Hebreus 4:16 nos diz para “*aproximarmos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade*” (NVI).

Deus está disposto e deseja nos ajudar! E Pedro nos assegura: “*O Deus de toda a graça, que os chamou para a Sua glória eterna em Cristo Jesus, depois de terem sofrido durante pouco de tempo, os restaurará, os confirmará, lhes dará forças e os porá sobre firmes alicerces*” (1 Pedro 5:10, NVI).

Juntamente com nossa grande esperança, temos a promessa divina de encorajamento e força em 2 Tessalonicenses 2:16-17: “Que o próprio Senhor Jesus Cristo e Deus nosso Pai, que nos amou e *nos deu eterna consolação e boa esperança pela graça, dê ânimo aos seus corações e os fortaleça para fazerem sempre o bem, tanto em atos como em palavras*” (NVI).

E agora?

Agora que você viu o que a Bíblia realmente ensina sobre a graça, o que vem depois? O que *you* vai fazer?

Independentemente do seu status ou condição social, você recebeu a graça de Deus em algumas de suas múltiplas formas. Tiago 1:17 nos diz: “*Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação*”.

Tudo o que temos e somos é um dom da graça de Deus. E ele quer nos dar mais!

Você é humilde e ensinável o suficiente para aceitar Suas instruções e estar disposto a fazer o que Ele diz? Provérbios 3:34 diz que Deus “*zomba dos zombadores, mas concede graça aos humildes*” (NVI).

A *humildade* é uma característica muito valorizada por Deus, pois sabe que pode trabalhar com os que entendem que precisam dEle e querem servi-Lo humildemente. Por outro lado, aqueles que não são humildes não percebem como suas vidas são vazias sem Deus e sem um relacionamento com Ele!

O apóstolo Paulo teve que lidar com esse tipo de pessoas na igreja de Corinto no primeiro século. Em 2 Coríntios 6:1, ele disse-lhes: “E nós, na qualidade de cooperadores com Ele, também vos exortamos a que *não recebeis em vão a graça de Deus*” (ARA).

Aparentemente, alguns corriam o risco de ter recebido a graça de Deus em vão. Eles não valorizaram os maravilhosos dons de Deus. Eles não entenderam a profundidade do amor, do cuidado e da esperança de Deus por eles. Porém, o mais triste de tudo isso é que *eles não permitiram que a graça mudasse suas vidas*. O restante da carta de Paulo está repleto de evidências disso, enquanto relata os diversos problemas e dificuldades na vida deles.

Então, novamente, o que você fará? Você, como incentivava Pedro em 2 Pedro 3:18, vai *crescer “na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”*?

Certamente é possível crescer no favor e nas bênçãos de Deus Pai e Jesus Cristo. Devemos entender que as bênçãos e os dons vêm de Deus “porque guardamos os Seus mandamentos e fazemos o que é agradável à Sua vista” (1 João 3:22). Ao andarmos com Deus, confiando em Sua ajuda para continuar vivendo em obediência, nós mesmos nos tornamos instrumentos de Sua graça para abençoar os outros (1 Pedro 4:10)—devolvendo-lhe a graça, como forma de agradecimento, sendo gratos e dedicado a servi-Lo e assim nos tornamos cada vez mais parecidos com Ele.

Portanto, podemos realmente *crescer* na graça, como vimos em muitos exemplos positivos na Palavra de Deus. Mas, também podemos ir à direção oposta e *nos apartar* da graça de Deus. Reflita profundamente nisso.

Nossa esperança e prece é que você escolha seguir o encorajamento que Deus entrega em Hebreus 12:28: “Pelo que, tendo recebido um Reino que não pode ser abalado, *retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade*”!

Você é amigo de Deus?

Nas horas que antecederam Sua morte por crucificação, Jesus fez uma saliente declaração aos Seus discípulos: “Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas tenho-vos chamado amigos” (João 15:15).

Como a Bíblia revela claramente, Jesus é o próprio Filho de Deus. Enquanto na terra, Jesus existia como Deus em forma humana.

Então, nas próprias palavras de Jesus, devemos primeiro amar a Deus com tudo o que temos, e depois devemos seguir demonstrando amor uns pelos outros. Esses grandes mandamentos são detalhados nos Dez Mandamentos, com o amor cumprindo a lei de Deus (ver Romanos 13:8-10; 1 João 5:3).

O que significa ser amigo de Deus?

Ser chamado de amigo de Deus significa estar nas boas graças de Deus. Jesus disse que havia entregado a verdade e o entendimento aos discípulos (João 15:15), e eles não apenas a aceitaram, mas também a abraçaram completamente. Eles incorporaram o que o profeta Amós ensinou: “Anda-

rão dois juntos, se não estiverem de acordo?” (Amós 3:3).

Os apóstolos e discípulos foram admoestados a comprometer-se, a obedecer e a fazer o que Jesus lhes ensinou. E disse-lhes “Vós sereis Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando” (João 15:14). Jesus ordenou-lhes obediência às leis de Deus. De fato, vimos que Ele foi quem deu os Dez Mandamentos no Antigo Testamento.

O patriarca Abraão foi chamado amigo de Deus (2 Crônicas 20:7; Isaías 41)—uma amizade que Tiago 2:22-24 diz que surgiu porque a fé de Abraão produziu obras justas de obediência (ver também Gênesis 26:5).

Jesus disse a Seus discípulos que um sinal distinto e visível de Sua amizade com Ele seria a maneira como guardariam o que Ele resumiu como um “novo mandamento”: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34-35).

Isso reflete fortemente o que Jesus declarou ser o maior mandamento: “O primeiro de todos os mandamentos é: . . . Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Não há outro mandamento maior do que estes” (Marcos 12:29-31; citando Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18).

Então, nas próprias palavras de Jesus, devemos primeiro amar a Deus com tudo o que temos, e depois devemos seguir demonstrando amor uns pelos outros. Esses grandes mandamentos são detalhados nos Dez Mandamentos, com o amor cumprindo a lei de Deus (ver Romanos 13:8-10; 1 João 5:3).

Isso pode parecer fácil, mas não é. Tragicamente, todos nós falhamos—

num grau ou noutro—todos os dias (1 João 1:8). Mas ser amigo de Deus, estar nas boas graças dEle, abre a porta para que Ele derrame sobre nós Sua graça, perdão, restauração, redenção e reconciliação (versículo 9; 2:1-2). Deus, nosso Pai, quer nos dar dons generosos! (Lucas 11:13). Ele conhece nossas necessidades físicas e, por Sua graça, pode supri-las (Lucas 12:22-34). Quando tropeçamos, Deus nos levanta através de Sua intervenção pessoal e amorosa, que a Bíblia chama de *graça*.

A ideia da “graça livre” é bíblica?

Como vimos neste guia de estudo bíblico, a *graça* é um dom gratuito de Deus e um reflexo de Sua natureza e caráter amorosos. Mas também vimos que o fato de a graça ser um presente foi mal compreendido, mal aplicado e mal utilizado por aqueles que argumentam que não há requisitos para que se continue nela.

O abuso do conceito da graça começou cedo, apenas algumas décadas após a morte e ressurreição de Jesus Cristo e a fundação da Igreja primitiva. Os falsos mestres difundiram a ideia de que a graça de Deus tornava desnecessária a obediência à lei de Deus. Como a graça de Deus traz o perdão, eles argumentaram, podemos continuar pecando, pois Deus nos perdoará, independente do que façamos.

Isso foi uma hedionda perversão da graça de Deus! Judas, o meio-irmão

de Jesus Cristo, condenou essa mentira em sua epístola aos crentes: “[Eu] que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”, escrevendo sobre aqueles que tinham transformado a graça de Deus em uma mensagem diferente e perigosa. “Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo” (Judas 3-4, ARA).

Esses “homens ímpios” estavam abusando da misericórdia e do perdão, que vem através da graça de Deus, transformando isso em “*libertinagem*”—permissão para pecar. Eles continuavam no pecado, em vez de

abandonar esse perverso estilo de vida e ensinavam a outros a fazer o mesmo, negando assim a Cristo por suas ações—dando as costas ao sacrifício de nosso Mestre e Senhor, que deu a vida pelos pecados de toda a humanidade.

Evidentemente, *não era* isso que Deus e os escritores do Novo Testamento pretendiam transmitir sobre a graça. Conforme explicado no capítulo anterior, o ato de aceitar a graça de Deus impõe sérias obrigações ao receptor (consulte “Como a Graça Era Entendida no Tempo e na Cultura dos Apóstolos” nas páginas 86-88). Como observa o estudioso David deSilva, isso inclui “demonstração de respeito pelo benfeitor . . . agindo de maneira a aumentar sua honra e, certamente, evitando qualquer atitude que lhe traga desonra . . . [e demonstrar] muitíssima lealdade pessoal ao patrono, mesmo que essa lealdade leve o cliente a perder seu bem-estar físico, riqueza, reputação ou pátria” (*An Introduction to the New Testament: Contexts, Methods and Ministry Formation* [Uma Introdução ao Novo Testamento: Contextos, Métodos e Formação de Ministério, em tradução livre], 2018, pp. 103-104).

Simplificando, em reconhecimento e gratidão por receber a graça de Deus, espera-se que tenhamos uma vida piedosa, humilde e totalmente obediente, rendida e dedicada a Deus, independente dos custos.

Outros estudiosos da atualidade passaram a ver o real significado da graça, como é entendido pelos escritores bíblicos, colocando-se em flagrante contradição com a visão

errônea que permeia o pensamento religioso há séculos. Um deles é o Dr. Brent Schmidt, que em seu livro de 2015, *Relational Grace: The Reciprocal and Binding Covenant of Charis* [A Graça Relacional: O Pacto Recíproco e Vinculativo da Charis, em tradução livre], resume o problema, a visão correta e a resposta da graça de Deus:

“Diversos intelectuais, estudiosos e sacerdotes cristãos ensinaram que a graça é algo concedido livremente por Deus, sem nenhum relacionamento particular ou dependência de ações da pessoa que a recebe. Entretanto, documentos antigos fornecem evidências de que essa noção específica do termo *charis* está em desacordo com o entendimento da graça antes de Cristo e durante os primeiros séculos após Cristo. O significado comum, entendido por uma ampla gama de culturas até o século V, era que a graça era a essência de um acordo bilateral, díspar, recíproco e vinculativo entre duas partes, nas quais ambas tinham obrigações. Em outras palavras, a graça não era ‘livre’ [pelo menos no sentido de não haver condições para a continuidade da graça].

“No mundo antigo, essa prática entre pessoas de alto escalão que concediam favores a seus subordinados serviu aos escritores do Novo Testamento como modelo para a doação amorosa de Deus por sua benevolência e misericórdia à humanidade através da Expição de Jesus Cristo. Ao receber o dom de Deus, a humanidade, de forma vertical, passa a ter obrigações com Deus e aceita o dever recíproco de

fazer todo o possível para demonstrar gratidão, e isso inclui a observância de Seus mandamentos.

“Deus e a humanidade estão vinculados por esse relacionamento da graça, conhecido como aliança. A *charis*, nos antigos textos gregos e no Novo Testamento, denotava alianças em um estado ideal de igualdade que obrigava os receptores a expressar alegria, gratidão e generosidade no espírito de justiça. Infelizmente, esse

A graça abrange muitas coisas, mas, como se vê aqui, ela é fundamental para uma vida transformada pelos dons de Deus e edificada sobre um relacionamento de gratidão, rendição e compromisso com Deus.

antigo entendimento da graça foi um pouco obscurecido por Agostinho e outros teólogos medievais primitivos, que foram profundamente influenciados pela filosofia neoplatônica. Esses autores reformularam o conceito de uma forma recíproca de graça para algo que foi livremente concedido por Deus e que não dependia ou esperava qualquer reciprocidade em termos de serviço a Deus.

“Durante a história do cristianismo, alguns personagens desafiaram essa tradição da graça livre, mas foram ignorados; portanto, o conceito deles sobre a graça recíproca foi desdenhado pela forte tradição cristã. A incompreensão do clássico significado da graça na era moderna gerou muita confusão. Esse entendimento medieval e moderno da graça—“graça

gratuita”—até hoje é usado por vários grupos cristãos . . .

“Passagens nas antigas inscrições, papiros e literatura greco-romana demonstram as conotações de reciprocidade de *charis* no mundo antigo do Mediterrâneo . . . Não existe um uso de *charis* que reflita inequivocamente a visão acima mencionada da graça livre em qualquer texto grego antigo, incluindo as cartas atribuídas a Paulo. Embora os renomados estudiosos por séculos tenham expressado anacronicamente a *charis* como algo completamente ‘livre’ e sem obrigação em suas traduções, não há nenhuma evidência antiga para apoiar . . . as alegações de uma graça sem obrigações, livre ou incondicional. Pelo contrário, . . . a *charis*/graça denota obrigações.

“Algumas noções populares e modernas da graça se afastaram de seu antigo contexto, pois ela *sempre implica reciprocidade, obrigação* e diversas formas de acordos. Felizmente, vários teólogos cristãos tentaram entender o antigo significado de *charis* e, pelo menos, defendem questionar o atual entendimento popular da graça” (pp. 201-203, grifo nosso).

A graça abrange muitas coisas, mas, como se vê aqui, ela é fundamental para uma vida transformada pelos dons de Deus e edificada sobre um relacionamento de gratidão, rendição e compromisso com Deus. Uma leitura atenta das diversas menções da graça na Bíblia mostra que esse é o verdadeiro entendimento dos escritores bíblicos e de seu público do primeiro século.

O Apóstolo Paulo Lutava Contra o Pecado, Mesmo Debaixo da Graça

Como a graça interage com a lei de Deus? Como conciliar a graça com a lei? Os dois grandes dons da graça são a misericórdia imerecida que Deus nos concede por Sua natureza amorosa e Sua lei espiritual que o apóstolo Paulo disse que se regozijava nela (Romanos 7:22).

Paulo destacou a mesma luta que travamos como seres humanos. Ele sabia que até mesmo os que têm o Espírito de Deus possuíam a natureza humana e precisavam resistir

aos impulsos egoístas da carne enquanto procuravam obedecer à lei de Deus. Paulo

resumiu essa luta quando escreveu: “Amo a lei de Deus de todo o coração. Contudo, há outra lei dentro de mim que está em guerra com minha mente e me torna escravo do pecado que permanece dentro de mim. Como sou miserável! Quem me libertará deste corpo mortal dominado pelo pecado?” (Romanos 7:22-24, Nova Versão Transformadora).

Ele mesmo responde logo em seguida, no versículo 25: “Graças a Deus, a resposta está em Jesus Cristo, nosso Senhor. Na mente, quero, de fato, obedecer à lei de Deus, mas, por causa de minha natureza humana, sou escravo do pecado” (versículo 25, Nova Versão Transformadora). Continuando no próximo capítulo, ele diz: “Agora, portanto, já não há nenhuma

condenação para os que estão em Cristo Jesus. Pois em Cristo Jesus a lei do Espírito que dá vida os libertou da lei do pecado, que leva à morte” (Romanos 8:1-2, Nova Versão Transformadora).

Todos os cristãos lutam contra a tentação e o pecado ao longo de suas vidas mortais. Embora o Espírito Santo de Deus nos ajude a resistir aos impulsos de nossa natureza egoísta, esta continuará tendente ao pecado. Devemos sempre estar vigi-

lantes e lutar contra as armadilhas de nossos desejos pecaminosos e egoístas. Mas

Paulo diz aqui que, quando pecamos, não precisamos temer em sermos condenados por Deus, pois Ele há justificação e graça. Seu relacionamento conosco não será rompido a menos ou até que deliberada e irrevogavelmente nós mesmos façamos isso.

Isso significa que, após nos arrependermos e estarmos sob a graça, se falharmos e pecarmos, ainda continuamos debaixo da graça e não voltamos a estar imediatamente sob a pena da lei. Embora continuemos lutando para não cometer pecados como Paulo, nós não somos condenados a cada novo pecado. Pelo contrário, como diz Paulo: “Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (versículo 1). Mesmo

Como a graça interage com a lei de Deus? Como conciliar a graça com a lei?

eventualmente pecando e logo se arrependendo, um cristão não se desloca repetidamente entre estar sob a morte e sob a graça. Permanecemos sob a graça, sem “nenhuma condenação”, pois Deus ainda aceita o sacrifício de Cristo como nossa expiação.

Não obstante, Paulo explica mais o assunto em Romanos 8, dizendo que somente continuamos assim se *permanecermos no processo de viver de acordo com o Espírito Santo, seguindo a lei de Deus*. Isso significa *continuar se arrependendo, confessando os pecados a Deus (1 João 1:9), buscando perdão e restauração, e lutando para obedecer a Deus por meio de Sua própria ajuda*. Caso contrário, se houver negligência que leve ao pecado voluntário e a rejeição a Deus, voltaríamos a estar sob a pena de morte da lei—desprezando o sacrifício de Cristo e insultando o Espírito da graça, e disso não há retorno ao arrependimento (Hebreus 2:1-3; 6:4-7; 10:26-31; ver também “Aqueles Que Deus Perdoou Podem Rejeitar Sua Graça?” nas páginas 30-31).

Portanto, é vital que continuemos nos arrependendo e nos submetendo a Deus e à justiça de Sua lei. Somente assim, como disse Paulo em Romanos 6:14, “o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (ver “Não Estais Debaixo da Lei, Mas Debaixo da Graça” nas páginas 64-66).

Continuando em Romanos 8, Paulo explica ainda o processo pelo qual a graça de Deus de contínuo perdão e ajuda por meio de Cristo fortalece nossa obediência e nos liberta: “Pois em Cristo Jesus a lei do Espírito

que dá vida os libertou da lei do pecado, que leva à morte. A lei não era capaz de nos salvar por causa da fraqueza de nossa natureza humana, por isso Deus fez o que a lei era incapaz de fazer ao enviar seu Filho na semelhança de nossa natureza humana pecaminosa e apresentá-lo como sacrifício por nosso pecado. Com isso, declarou o fim do domínio do pecado sobre nós, de modo que nós, que agora não seguimos mais nossa natureza humana, mas sim o Espírito, possamos cumprir as justas exigências da lei” (Romanos 8:2-4, Nova Versão Transformadora).

O “*Espírito que dá vida*” trabalha em nós, dando-nos a força para termos um constante crescimento do caráter espiritual e vencer o pecado. Com Cristo em nós (Gálatas 2:20), com Aquele que condenou o pecado na carne por viver uma vida humana pura e perfeita, podemos viver uma vida guiada pelo Espírito. Ao obedecermos à lei de Deus com a ajuda de Seu Espírito, “as justas exigências da lei” são cumpridas em nós. Assim, Cristo nos ajuda a viver uma vida de fé de acordo com a lei e a produzir obras justas de fé.

Essa nova vida que vivemos na graça de Deus é demonstrada pelos frutos das obras justas. *Então, a graça, a benignidade e amor de Deus para conosco, nos motiva a mudar e ajuda a gerar o desejo de receber a natureza divina, a mente de Deus*. A graça, então, é inseparável da lei, e a lei é inseparável da graça. Ambas trabalham para produzir justiça num filho de Deus, mantendo-nos livres do pecado e da morte.

Perdoar Assim Como Se É Perdoado

As pessoas costumam pensar na Agraça de Deus quanto a Sua misericórdia—Sua demonstração de compaixão e, particularmente, Seu perdão dos pecados através do sacrifício de Jesus Cristo. No entanto, a graça de Deus *envolve muito mais do que isso*—na verdade, tem a ver com *todos os Seus dons benignos para nós*. Contudo, Seu misericordioso perdão é uma parte importante da graça que Ele nos concede. E uma condição para recebermos, e continuarmos recebendo, Seu perdão pela graça é que *também devemos ser misericordiosos, perdando como somos perdoados*.

O Salmo 37:21 diz que “o justo se compadece e dá”. Cumprindo a exigência do Senhor de amar a misericórdia (Miquéias 6:8, ARA), Jesus disse que a misericórdia é um dos assuntos “mais importantes da lei” (Mateus 23:23).

E nas bem-aventuranças que abrem Seu Sermão da Montanha, Jesus disse: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Mateus 5:7). Mais tarde, na mesma mensagem, onde Ele deu um exemplo de como orar na oração conhecida como o *Pai Nosso*, dizendo-nos: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mateus 6:12). Aqui Ele se refere ao que é devido por ter feito algo errado.

Lucas registra essa linha de pensamento noutro lugar assim: “Perdoa-nos os nossos pecados,

pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve” (Lucas 11:4). Depois de dar esse exemplo da Oração do Pai Nosso no Sermão da Montanha, imediatamente Jesus chamou a atenção para esse aspecto em particular, declarando: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6:14-15).

Portanto, é importante não guardar ressentimentos e deixar de lado essas coisas—não nos apegando a mágoas e nem nos tornando amargurados.

E Jesus disse que devemos continuar perdando, mesmo diante de repetidos pecados, assim como Deus faz conosco (Lucas 17:3-4; Mateus 18:21-22). Isso não significa que tudo pode ser resolvido de forma totalmente reconciliatória com todo ofensor. Infelizmente, aqui não há espaço para aprofundarmos nessas circunstâncias específicas, mas devemos nos esforçar para ter um coração perdoador.

Em Mateus 18:23-35, Jesus continuou com uma parábola de um servo que devia uma fortuna a seu mestre, mas não podia pagar—como consequência, o servo e sua família deveriam ser vendidos. O servo implorou por mais tempo para pagar o que devia e, surpreendentemente, o mestre teve compaixão dele, o

libertou e perdoou sua dívida.

Mas depois esse servo encontrou um companheiro que lhe devia uma quantia que, embora substancial, não era nada comparada com a dívida que lhe fora perdoada. Esse companheiro pediu-lhe mais tempo para pagar, mas ele não aceitou e o jogou na prisão pela dívida! Quando isso foi relatado ao mestre, este ficou furioso e disse: “Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti?” (versículo 33). E o mestre entregou-o aos carcereiros para ser torturado para pagar com sofrimento sua imensa dívida.

Observe que esse servo realmente voltou a ter aquela dívida da qual havia sido liberado e agora tinha que pagá-la por causa de seu próprio fracasso em perdoar. Este é um sério aviso para os cristãos que receberam a graça de Deus. Como Jesus concluiu: “Assim vos fará também Meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas” (versículo 35).

Mais tarde, o apóstolo Tiago

escreveria: “Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia” (Tiago 2:13). Não devemos nos concentrar em tratar os outros segundo o que merecem, pois o que isso significaria para nós? E o que nós merecemos? Felizmente, como Tiago acrescenta, “a misericórdia triunfa sobre o juízo”—e o mesmo deve acontecer com nosso tratamento e perdão quanto aos outros. O apóstolo Paulo também disse que devemos perdoar “uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Efésios 4:32; comparar Colossenses 3:13).

Mais uma vez, vemos que a graça não vem sem sérias obrigações. Assim como fomos perdoados, também devemos ser pessoas que estendem o perdão aos outros. Se chegarmos ao ponto de deixar de perdoar, então Deus também deixaria de nos perdoar. Nunca devemos seguir esse caminho, mas sempre nos lembrar da grande e misericordiosa graça perdoadora de Deus para conosco e continuar perdando assim como somos perdoados.

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

INGLATERRA:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

BRASIL:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

INTERNET:

<http://portugues.ucg.org>
www.ucg.org
<http://www.ucg.org/beyond-today>
e-mail: info@ucg.org

Autor: Scott Ashley

Contribuidores editoriais: Gary Antion, Bill Bradford,
Peter Eddington, Victor Kubik, Darris McNeely,
Tom Robinson, Michael Snyder, Donald Ward

Revisores editoriais: Jorge de Campos, Aaron Dean,
Dan Dowd, Robert Dick, Len Martin, Justin Palm,
Rainer Salomaa, Mario Seiglie, Randy Stiver,
Anthony Wasilkoff, Robin Webber

Capa: Biletskiy_Evgeniy/iStock/Getty Images Plus

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutores: Jorge de Campos, Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Para saber mais acerca de Igreja de Deus Unida, visite o nosso site portugues.ucg.org e ponha o seu 'mouse' na aba 'Quem somos' or use diretamente este link: <https://portugues.ucg.org/quem-somos>. Também pode ler o nosso guia de estudo Bíblico sobre a Igreja de Deus Unida neste link: <https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guias-de-estudo/esta-e-a-igreja-de-deus-unida-0> e o guia acerca da Igreja que Jesus edificou: <https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guias-de-estudo/a-igreja-que-jesus-edificou-0>

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional no interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua assinatura gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se no nosso Curso de Ensino Bíblico, de 12 lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos do público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos a compartilhar esta mensagem de esperança com outros.

Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, os nossos detalhes bancários são:

Caixa Econômica Federal, Igreja de Deus Unida, Brasil
Conta Poupança 7648-8, Operação 013, Agência 3540

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou os seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento desta instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o Cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com os que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, e para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contactar um ministro, ou visitar uma das nossas congregações, sinta-se à vontade entrar em contacto com o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site <https://portugues.ucg.org> para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em Português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou use a aba de contato do nosso site <https://portugues.ucg.org>. Também pode escrever a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.